

Fábio Franzini

As Raízes do País do Futebol

**Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira
(1919 – 1950)**

Dissertação de Mestrado em História Social

**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo
São Paulo – 2000**

Fábio Franzini

As Raízes do País do Futebol

**Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira
(1919 – 1950)**

Dissertação de Mestrado em História Social
apresentada ao Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo (FFLCH–USP) sob a
orientação do Prof. Dr. Nicolau Sevcenko

São Paulo – 2000

A meus pais, José Ricardo e Maria Olga,
responsáveis pelo que tenho de melhor.
Qualquer coisa que lhes diga ainda será
muito pouco frente ao amor que deles recebo.

À memória de Moacir Barbosa (1921 – 2000),
que conheceu o lado escuro da bola sem
nunca perder seu próprio brilho.

Nos círculos nacionais de Paris é conhecido o modo de se identificar um brasileiro. Atira-se uma caixa de fósforos à frente do cidadão suspeito. Se for brasileiro, fatalmente dará uns shoots na caixinha...

Educação Física – Revista de Esportes e Saúde, setembro de 1939

Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos de história contemporânea não o mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um símbolo primordial de identidade coletiva. Jogo, logo sou: o estilo de jogar é uma maneira de ser, que revela o perfil próprio de cada comunidade e reafirma seu direito à diferença. Diz-me como jogas que te direi quem és: há muitos anos que se joga o futebol de diversas maneiras, expressões diversas da personalidade de cada povo, e o resgate dessa diversidade me parece, hoje em dia, mais necessário do que nunca. Estes são tempos de uniformização obrigatória, no futebol e em tudo mais. Nunca o mundo foi tão desigual nas oportunidades que oferece e tão nivelador nos costumes que impõe: neste mundo de fim de século, quem não morre de fome, morre de tédio.

Eduardo Galeano, 1995

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pela concessão da bolsa de pesquisa que possibilitou a realização deste trabalho, bem pelo fecundo diálogo com sua assessoria técnica, que contribuiu decisivamente ao desenvolvimento e amadurecimento das idéias aqui contidas.

Ao Professor Nicolau Sevcenko, que acolheu e confiou na proposta inicial e sempre esteve atento às não poucas inquietações despertadas pelos caminhos da pesquisa. Sua orientação segura, suas críticas e sugestões e, claro, seu bom humor e inteligência me garantiram a tranqüilidade necessária ao trabalho intelectual, cujo resultado espero estar à altura de suas expectativas.

Aos Professores Elias Thomé Saliba e José Guilherme Cantor Magnani, membros da Banca de Qualificação, pela argüição e disposição em ajustar a rota deste trabalho e a quem também espero não frustrar possíveis expectativas.

Ao Professor István Jancsó, de decisiva influência em minha formação acadêmica.

Aos amigos da Secretaria de Pós-Graduação do Departamento de História da USP, em especial Osvaldo Medeiros e Jorge Alves de Lima, sempre pacientes e atenciosos com os dramas “de vida ou morte” dos alunos.

Aos funcionários de todos os Arquivos e Bibliotecas onde a pesquisa se realizou, em especial ao pessoal da Seção de Legislação e Multimeios da Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP).

Aos *compañeros* de balada Carlos Eduardo Marquioni, Danilo José Zioni Ferretti e José Adriano Fenerick, por tudo e mais um pouco.

Ao Jorge Sallum, pelo incentivo e estímulo constantes.

Às novas amizades que o trabalho acadêmico me apresentou: Maria Alice Queiroz Nascimento (*in memoriam*), Nelson Aprobato Filho e Elena Pájaro Peres, Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, Mauricio Murad, João Paulo Garrido Pimenta e Andréa Slemian, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, Eduardo França Paiva, José Walter Nunes, Fernando Antonio Peixoto, Victor Andrade de Melo, Ivan e Ana Amelia Soter.

Por fim, mas não menos importante, à Elaine Lourenço. Elaine me mostra a cada dia que a vida é mesmo “a arte do encontro, embora haja tanto desencontro nesta vida”, como cantou Vinícius de Moraes. E ainda que ela não tenha acompanhado todas as idas e vindas deste “bordado”, o brilho dos seus olhos o ilumina da primeira à última página.

Introdução

Nos primeiros dias de 1922, o escritor Lima Barreto mostrava-se indignado com a notícia da viagem de “alguns esforçados paladinos” brasileiros a Montevideú, onde participariam de “incruenta e altissonante prova internacional”. Uma incruenta e altissonante prova internacional de xadrez, jogo que o redator da matéria lamentava ser pouco apreciado e estimulado no país. Famoso por sua ojeriza a todo tipo de esporte, em especial um certo *bolapé*, Lima não se conteve. “Para gente desse calibre”, escreveu ele então, “a grandeza de um país não se mede pelo desenvolvimento das artes, da ciência e das letras. O padrão do seu progresso é o grosseiro *football* e o xadrez de ociosos ricos ou profissionais”. E arrematava:

*O Brasil, ao acreditar em semelhante pessoal, ficará célebre no mundo, desde que ganhe campeonatos internacionais dessas futilidades todas. E, sendo assim, em breve aparecerá um Camões ou um Homero para rimar uma epopéia em louvor desses heróis esforçados, que nada fizeram para o benefício comum, mas que são glórias do Brasil.*¹

Lima Barreto sequer podia desconfiar do alcance de sua irônica profecia. Hoje, eis o futebol brasileiro consagrado como “melhor do mundo” e “futebol-arte”, expressões que, muito mais que o ufanismo vazio de sentido, trazem em si um desdobramento da nossa própria identidade nacional. Afirmar que somos os melhores em um esporte que nós mesmos transformamos em “arte” significa marcar, e de modo enfático, uma especificidade frente ao “outro”, ao estrangeiro. O que adquire importância ainda maior quando lembramos que a paixão pelo futebol é tão universal quanto o próprio jogo, ao contrário da tourada ou do beisebol, por exemplo. Afinal, embora o *football association* tenha nascido na Inglaterra e desde logo se constituído em fenômeno global, só existe um “país do futebol” – outro famoso epíteto sob o qual o Brasil se auto-identifica e se faz reconhecer por todo o planeta.

Mas, como o Brasil se tornou o “país do futebol”? A resposta parece tentadoramente fácil. Importado da Europa pelas elites urbanas em meados dos anos

¹ Lima BARRETO, “As glórias do Brasil”, 07/01/1922, reproduzido em *Feiras e Mafuás*, pp. 270-2.

1890, logo nas primeiras décadas do século XX o jogo cai nas graças do povo, que a partir daí estabelece com a bola uma ligação profunda e produtiva a ponto de caracterizá-lo como um produto nacional.² Embora não seja, a rigor, incorreta, tal visão dá a entender que o processo de aclimação do esporte bretão a estes trópicos se desenvolveu de forma tranqüila e natural, quando na verdade foi marcado por tensões, contradições, conflitos e apropriações de toda ordem – sociais, econômicas, políticas, ideológicas. Graças a essa dinâmica, e não a qualquer espécie de destino manifesto, aquilo que Lima Barreto via como futilidade pôde ser definido, apenas duas décadas mais tarde, como “verdadeira instituição nacional” por Gilberto Freyre.³

A proposta deste trabalho é tentar recuperar os caminhos nada lineares que levaram a essa rápida e meridiana mudança de postura frente ao futebol, enfocando justamente o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1940. A análise concentra-se nos gramados do Rio de Janeiro e de São Paulo, cidades que, pela sua condição de centro político e econômico do país, durante esses anos vivenciam de maneira mais próxima e intensa a popularização do futebol e suas conseqüências. Dentre estas, os quatro próximos capítulos procuram destacar as querelas entre dirigentes cariocas e paulistas, os obstáculos colocados aos jogadores de origem popular até merecerem o reconhecimento de seu talento com a bola nos pés, a relação entre o futebol e os meios de comunicação, o questionamento do “espírito amadorista” e as polêmicas em torno da profissionalização dos jogadores, os usos e apropriações políticas do esporte e, claro, a participação do Brasil nas primeiras Copas do Mundo, ocasião em que a seleção nacional transforma-se na própria nação – ou em expressão das representações, freqüentemente contraditórias, sobre a nação.⁴

A Copa do Mundo está também na origem deste trabalho. A conquista do tetracampeonato mundial pelo Brasil, em 1994, foi o ponto de partida das reflexões

² Cf. Roberto DAMATTA, “Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, p. 12.

³ Gilberto FREYRE, “O negro no futebol brasileiro – Prefácio à 1ª edição”, em Mário FILHO, *O Negro no Futebol Brasileiro*, p. X.

⁴ Cf. Simoni Lahud GUEDES, “De dramas e glórias nacionais”, em *O Brasil no Campo de Futebol*, pp. 43 e 49.

que se seguem. Mais um dos muitos momentos privilegiados da história do futebol brasileiro, a vitória nos Estados Unidos remetia de imediato às crônicas esportivas do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues (1912–1980). Em seus textos, publicados entre as décadas de 1950 e 1970 – a chamada “época de ouro” do nosso futebol – na revista *Manchete Esportiva* e no jornal *O Globo*, Nelson sustenta ter sido o esporte bretão o responsável por dar ao brasileiro o orgulho de ser brasileiro. Para ele, os triunfos do esporte eram, antes de tudo, o triunfo do “homem genial do Brasil”, verdadeira “pátria em chuteiras”.⁵

Ainda que suas crônicas flertem com o mais desbragado ufanismo, Nelson acerta em cheio ao captar o impacto do futebol na vida do país, ao perceber o quanto a bola significa para grande parcela dos brasileiros. É com o futebol e no futebol que esta se identifica, como a simples observação do cotidiano permite constatar sem dificuldade. E este é um “fenômeno polissêmico, apropriado de formas muito diversas por classes, segmentos sociais e indivíduos situados diferentemente na sociedade”, como coloca a antropóloga Simoni Lahud Guedes.⁶ No entanto, a despeito da multiplicidade e complexidade dos significados e utilizações do futebol no Brasil, por aqui a historiografia acerca do tema ainda ensaia seus primeiros passos.⁷ Daí o “país do futebol” até agora conhecer-se a si mesmo de forma muito superficial, como se sua história se limitasse aos sucessos internacionais, ao brilho de nossos craques ou à atenção incondicional que dedicamos à bola. A intenção deste trabalho, então, é contribuir para o debate mais aprofundado a respeito dessa história – um debate necessário, que, não resta dúvida, tem muito a revelar sobre o Brasil contemporâneo.

⁵ Cf. Nelson RODRIGUES, *À Sombra das Chuteiras Imortais e A Pátria em Chuteiras*, em especial as crônicas sobre as campanhas brasileiras em Copas do Mundo.

⁶ Simoni Lahud GUEDES, “De dramas e glórias nacionais”, em *O Brasil no Campo de Futebol*, p. 43.

⁷ Sem desprezar a (pouca) produção anterior, pode-se dizer que é somente na década de 1990 que o *corpus* historiográfico acerca do tema começa a tomar forma, como demonstram os trabalhos de Waldenyr CALDAS, *O Pontapé Inicial. Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*; Micael HERSCHMANN e Kátia LERNER, *Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca*; Plínio José Labriola de Campos NEGREIROS, “Resistência e Rendição: A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916” e “A Nação Entra em Campo: Futebol nos Anos 30 e 40”; Cláudia MATTOS, *Cem Anos de Paixão*; Gisella de Araujo MOURA, *O Rio Corre para o Maracanã*; Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*.

1. Gramados divididos

O papel do football, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social.

Lima Barreto, 1921

São nove horas da manhã do dia 29 de maio de 1919 e uma elétrica movimentação toma conta do Rio de Janeiro. A data nada tem de cívica ou religiosa, porém o presidente da República em exercício, Delfim Moreira, decretou o ponto facultativo nas repartições públicas da capital federal, enquanto os bancos e parte das casas comerciais da cidade sequer abriram as portas. Quem tem de trabalhar, por sua vez, só o fará até por volta do meio-dia dessa quinta-feira, mesmo horário em que começarão a circular, a cada dez minutos, os bondes especiais da Light rumo ao novíssimo *stadium* do Fluminense Football Club, nas Laranjeiras. Ali estava a explicação de todo esse frenesi urbano. Ninguém queria perder o embate entre as seleções do Brasil e do Uruguai, partida que desfecharia o terceiro Campeonato Sul-Americano de *Football*. Era a primeira vez que o *scratch* nacional chegava tão longe no torneio, e o fato de decidi-lo contra os poderosos vizinhos orientais, campeões das duas edições anteriores, aumentava ainda mais a expectativa não somente dos cariocas, mas do país inteiro, que acompanhara com grande interesse e atenção a bela campanha da equipe no certame: duas vitórias, contra chilenos e argentinos, e um empate, frente aos próprios uruguaios.

Ainda pela manhã, considerável número de pessoas se aglomerava junto aos portões do estádio aguardando ansiosamente sua abertura. Sem demora, milhares de espectadores lotaram as arquibancadas, a cuja tribuna de honra compareceram o ministro do Exterior, Domício da Gama, e os embaixadores dos demais países participantes da competição. Do lado de fora, um número incalculável de torcedores menos afortunados, mas não menos entusiasmados, se espalhava pelos morros circunvizinhos à procura de um ângulo razoável que lhes permitisse mirar o *field* à

distância. Marcado para as 14 horas, o início do jogo sofreu um atraso de trinta minutos devido às solenidades de praxe, insuficiente para arrefecer os ânimos de brasileiros e uruguaios, que se defrontaram de igual para igual em busca da vitória desde o apito inicial do árbitro argentino Juan Barbera. O equilíbrio prevaleceu, e o empate em 0 a 0 levou a decisão para a prorrogação, que também terminou sem gols. Como as regras previam um segundo tempo extra no caso da persistência de empate, os bravos e esgotados *players* tiveram então alguns minutos de descanso e logo voltaram a campo para mais meia hora de batalha.

A angústia daquela tarde parecia não ter fim. Muitos imaginavam que seria necessária uma nova partida, em outro dia, para que o campeão sul-americano fosse enfim conhecido. Decorridos três minutos do reinício da peleja, o *forward* brasileiro Neco avança pela direita e cruza para a área adversária, encontrando Heitor, que bate a gol; o *goalkeeper* Saporiti consegue rebater a pelota, mas Arthur Friedenreich, à sua frente, emenda um chute à meia altura que a manda para o fundo das redes uruguaias. O público aplaude, vibra, urra, entra em êxtase com o gol do Brasil. Como conta o cronista Thomaz Mazzoni, “um ‘sportman’ do Flamengo foi ao campo do seu clube, na rua Paysandu, e comemorou a vitória com 21 salvas. Seu espanto foi grande ao saber que o jogo ainda não terminara”.⁸ Dali a pouco mais de vinte minutos, quando o jogo afinal terminou, foi toda a multidão que não se conteve, invadindo o *ground* para festejar a árdua conquista junto de seus ídolos, agora convertidos em heróis. Das Laranjeiras, a euforia ganhou as ruas do Rio e, mediada pelo telefone, chegou às de São Paulo (onde jogavam nada menos que oito dos onze titulares da seleção, inclusive Friedenreich) e se alastrou de norte a sul do país. Dois dias depois, o *Correio da Manhã* dizia receber telegramas “de toda a parte do território nacional, desde as grandes cidades até os mais pequenos lugarejos, dando conta do júbilo quase louco com que foi recebido o magnífico triunfo dos nossos heróicos defensores”.⁹

⁸ Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, p. 150.

⁹ N/a, “Os brasileiros, campeões da America do Sul”. *Correio da Manhã*, 31/05/1919, p. 6. A breve descrição do clima da decisão entre brasileiros e uruguaios aqui apresentada se baseia nas reportagens publicadas por este jornal e pelo *Correio Paulistano* entre os dias 25 e 31 de maio de 1919, bem como no referido livro de Thomaz Mazzoni, pp. 146-51, e nas matérias de época sobre o Campeonato apresentadas por João Marcos WEGUELIN em seu site “O Rio de Janeiro Através dos Jornais”, <http://www.alternex.com.br/~solidario/rj.html>.

A despeito de seu forte sotaque britânico, o *football* unia o país e proporcionava a vívida manifestação popular do orgulho patriótico, como a indicar a “descoberta de uma vocação”, na bela expressão de Nicolau Sevcenko.¹⁰ Na ocasião, matéria d’*O Estado de São Paulo* parecia querer destacar tal vocação ao afirmar que “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em ‘footballers’, qualidades que somente eles, e nenhum outro povo, reúnem todas”.¹¹ Alguns meses mais tarde, o jornalista Americo R. Netto retomaria essa idéia para anunciar o surgimento de certa “escola brasileira de futebol”, cuja originalidade se basearia no talento individual de nossos atletas. Após ressaltar suas diferenças ante a objetividade do jogo de conjunto dos ingleses bicampeões olímpicos, imitado por “todos os outros povos que jogam o *association*”, o editor da recém-lançada revista *Sports* vislumbra em suas conclusões um futuro próspero para o estilo que despontava nos trópicos:

*Deste modo aos brasileiros cabem a honra e a gloria de terem creado para seu uso proprio um systema novo de jogar o “Association” e pelo qual já conquistamos o titulo de campeões sul-americanos e podemos, sem vaidade, pretender o de campeões mundiaes.*¹²

O inédito título continental transformara as chuteiras em expoentes de um traço nativo – no caso, a individualidade – que distinguiria e colocaria o Brasil em posição de superioridade diante de outras nações, ao menos dentro das quatro linhas. Demarcava-se assim um novo referencial para a identidade nacional, prosaico porém perfeito tanto para a promoção da auto-identificação de uma coletividade quanto para a afirmação de suas diferenças em relação ao estrangeiro. Como coloca Eric Hobsbawm, “o que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até

¹⁰ Nicolau SEVCENKO, *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 63.

¹¹ N/a, “Ligeiras considerações do ‘E. de S. Paulo’ sobre a victoria do Campeonato”. *Correio da Manhã*, 01/06/1919, p. 6.

¹² Americo R. NETTO, “Inovação brasileira”. *Sports* (SP), número 1, ano I, novembro de 1919, p. 8. O título de “campeões mundiais” mencionado pelo cronista referia-se então ao vencedor do torneio de futebol das Olimpíadas, o maior e mais importante evento esportivo da época. A Copa do Mundo ainda não passava de um sonho de dirigentes europeus, que desde a fundação da Fédération Internationale de Football Association – FIFA, em 1904, vinham tentando organizar um torneio exclusivamente futebolístico entre seleções nacionais. A respeito da história desta competição, ver, entre outros, Orlando DUARTE, *Todas as Copas do Mundo*, pp. 1-6.

mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”.¹³

O momento era excepcional, não havia dúvida. E esta era uma justa razão para que os cronistas procurassem omitir, ou ao menos minimizar, o quão tênue era a integração promovida pela bola em um contexto marcado por grandes fissuras político-sociais. O próprio futebol “brasileiro” não passava de algo regionalizado, relativo apenas ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Eixo político e econômico do país, desde fins do século XIX ambas as cidades viviam de maneira mais próxima e impetuosa as transformações estruturais colocadas pela Abolição, pela República e, sobretudo, pela voraz expansão capitalista decorrente da Revolução Científico-Tecnológica, ou Segunda Revolução Industrial. Seus habitantes, antigos ou recém-chegados, vivenciavam uma profunda alteração em seus hábitos e costumes tradicionais, que não mais atendiam às exigências do “progresso”. Por isso, buscavam se adequar como podiam aos novos tempos, e encontraram nos esportes uma forma de inserção na veloz, elétrica e dinâmica vida moderna. Daí o “desencadeamento de uma febre esportiva que assolou o século XX desde os seus primórdios”, refletindo a “generalização de uma ética do ativismo, a idéia de que é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano”.¹⁴

Assim, quando o futebol chegou ao Brasil, em meados da década de 1890, pelos pés de jovens filhos da elite educados na Europa ou dos ingleses que aqui vieram trabalhar e residir, ele encontrou nas duas metrópoles em formação um ambiente de “esportivização” do cotidiano propício ao seu pleno desenvolvimento.

¹³ Eric J. HOBSBAWM, *Nações e Nacionalismo desde 1780*, p. 171. Sobre as dimensões interna e externa da identidade nacional anteriormente referidas, cf. Renato ORTIZ, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, pp. 7-8; Lúcia Lippi OLIVEIRA, *A Questão Nacional na Primeira República*, pp. 11-2.

¹⁴ Nicolau SEVCENKO, “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”, em *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*, pp. 568-9. Para uma visão mais ampla e diversificada das

Ademais, seu potencial integrador enquanto jogo de equipe, as intensas emoções que despertava e a facilidade com que podia ser improvisado mesmo sob as condições mais adversas fizeram-no ultrapassar sem demora os limites dos seletos *clubs* e colégios onde se instalara inicialmente para se alastrar por redutos urbanos menos nobres, como fábricas, várzeas e subúrbios.¹⁵ A conseqüência natural de tão calorosa acolhida foi o crescimento avassalador do número de adeptos do “esporte bretão”, bem como a reunião, no Rio e em São Paulo, dos clubes melhor estruturados, dos principais jogadores e, como não poderia deixar de ser, das entidades diretoras mais organizadas e poderosas do país. Em 1919, eram elas a Associação Paulista de *Sports* Atléticos (APSA), a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (Metro) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), órgão oficial do futebol nacional e responsável, entre outras atribuições, pelas atividades da seleção.

Tamanha concentração de forças, em contraste com a pequena expressão institucional do futebol nos demais estados, colocava nas mãos dos dirigentes cariocas e paulistas os destinos da bola no Brasil. Longe de significar esforços conjuntos, isso implicou freqüentes choques de interesses e disputas de poder, que remetem, no mínimo, à conturbada origem da própria CBD. Em setembro de 1915, funda-se em São Paulo a Federação Brasileira de Futebol; em seguida, em novembro, é criada no Rio a Federação Brasileira de *Sports*. Como cada uma delas reivindicava junto à FIFA o seu reconhecimento como representante oficial do país no mundo do *association*, o conflito foi inevitável. Após meses de discussão, em junho de 1916 o ministro das relações exteriores Lauro Müller apresenta uma proposta para a acomodação de ambas as partes em uma nova e, mais importante, única entidade, como exigia a Federação Internacional. Estabelecido o pacto, em 6 de novembro nasce no Rio de Janeiro a CBD, com o apoio de várias ligas e federações esportivas

transformações pelas quais passou a sociedade brasileira entre o final do século XIX e meados do XX, veja-se os demais textos que compõem esse volume, organizado pelo mesmo autor:

¹⁵ Para uma visão crítica e detalhada do processo de popularização do futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, veja-se os trabalhos de Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, e Plínio José Labriola de Campos NEGREIROS, “Resistência e Rendição: A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916”.

(não só futebolísticas) estaduais, porém constituída predominantemente de diretores do futebol local.¹⁶

A saída não poria fim às animosidades, mesmo porque elas também se faziam sentir entre os torcedores com intensidade cada vez maior ao longo da década de 1910. Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira, os repetidos jogos envolvendo equipes e selecionados cariocas e paulistas fizeram com que a rivalidade das duas cidades, de início fomentada pela imprensa e pelos próprios *sportmen*, “que lutavam entre si pela definição da supremacia esportiva no país”, ganhasse um caráter muito mais amplo. Amplo a ponto de tomar “contornos de um grande embate entre duas ‘raças’ distintas”, ou de consolidar “um antagonismo tão forte quanto aquele que separava argentinos e brasileiros, levando os jornais a fazer dele um dos temas freqüentes de suas manchetes”.¹⁷

A tensão enredando os dois pólos era tão grande que não poupou nem o festejado triunfo sul-americano de 1919, não obstante a ênfase que o tom geral das crônicas tratava de conferir à coesão nacional ora alcançada. Logo no dia seguinte à conquista do título, o *Correio Paulistano* fazia questão de salientar “o papel preponderante que nele desempenhou o elemento do nosso Estado”. Mais que a “atuação notavelmente profícua” dos *footballers* paulistas, a matéria celebrava “o admirável espírito de desprendimento pessoal e desinteresse regional com que, invariavelmente, tomaram parte nas lutas, visando com o seu esforço, sempre eficiente e inigualado, engrandecer o Brasil, alçando-o à sua presente situação de inconfundível brilho nos meios esportivos internacionais”.¹⁸ Ou seja, os paulistas, mesmo alijados do círculo do poder futebolístico, se importavam acima de tudo com o sucesso da pátria e por ele se empenhavam dentro de campo – algo que, as entrelinhas permitem deduzir, não se poderia dizer dos cariocas, mais preocupados com questões políticas.

¹⁶ Sobre a fundação da CBD, veja-se Waldenyr CALDAS, *O Pontapé Inicial*, pp. 38-9.

¹⁷ Cf. Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, pp. 158-61.

¹⁸ N/a, “A victoria dos brasileiros”. *Correio Paulistano*, 30/05/1919, p. 2.

Como várias outras farpas semelhantes a esta continuavam a ser lançadas de parte a parte, uma semana depois a revista carioca *Careta* publicava em suas páginas um verdadeiro desabafo, resumo perfeito do quadro do futebol brasileiro da época:

Passaram os minutos angustiosos, as horas indecisas, os dias terríveis, as semanas afflictas das pugnas na arena do foot-ball.
Vencemos os chilenos, vencemos os uruguayos, vencemos os argentinos: ganhamos o campeonato sul-americano do foot-ball.
Chegou, porém, o momento solemne de desunir-nos. Separemo-nos, de accordo com os nossos habitos. Agora, toca a brigar uns com os outros.
Disputem, primeiro, os jogadores entre si, mostrando que se não fosse fulano a nossa victoria teria sido mais esplendorosa.
Discutam, em seguida, os clubs, provando que se não fora a culpa do Club Tal ou Qual, o nosso triumpho teria sido superior á derrota dos vencidos.
Vocifere, por fim, o publico, desfazendo nos vencedores e, desunidos, disputando, discutindo, brigando por causa da nossa victoria, esperemos a noticia de que os derrotados estão unidos para a desforra.
Somos um povo extraordinario na desunião da sua união.
Quando a calamidade nos desaba em casa, se não podemos vencel-a com as nossas unicas forças pessoaes, procuramos a salvação no mutuo auxilio colectivo.
*Passado o perigo, esquecendo-nos de que devemos a salvação ao esforço commum, exclamamos: – Se não fosse eu, estava tudo perdido.*¹⁹

Com a criação do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, em 1922, a “extraordinária desunião” lamentada pelo cronista aumentaria em muito. A disputa dentro das quatro linhas passou a alimentar o confronto político e vice-versa, uma vez que paulistas e cariocas sempre se defrontavam nas finais e o lado vitorioso não perdia a oportunidade de proclamar, com o máximo de alarde, sua suposta superioridade por meio de concorridas comemorações em locais públicos e longos comentários nas páginas esportivas. Dessa forma, a tentativa da CBD de fazer da competição um meio para promover a integração do futebol nacional teve efeito contrário, aprofundando a regionalização preexistente.²⁰

Pensando além do horizonte dos estádios, não é casual que essa exacerbação da rivalidade entre Rio e São Paulo tenha se dado durante os anos 1920. De acordo com Marly Silva da Motta, a comemoração do centenário da Independência, também em 1922, catalisou as discussões a respeito do Brasil moderno e de suas perspectivas para o futuro. Em meio ao debate, forjou-se no meio intelectual um movimento de “desqualificação do Rio como cabeça da nação, e sua substituição por São Paulo como *locus* da produção de uma nova identidade nacional”. São Paulo, terra dos

¹⁹ N/a, “O momento solemne”. *Careta*, 07/06/1919, p. 11.

²⁰ Cf. Marco Aurelio KLEIN & Sergio Alfredo AUDININO, *O Almanaque do Futebol Brasileiro*, p. 28.

bandeirantes e dos imigrantes, “a cidade que não pode parar”, seria o modelo ideal para conduzir o país pelos trilhos do progresso – a sua *locomotiva*. Já a capital federal, por sua natureza privilegiada que induzia antes à contemplação que ao trabalho e a transformava no lugar do “devagar, quase parando”, estaria no extremo oposto, exemplo perfeito da “anti-nação”.²¹

Os atritos entre paulistas e cariocas dentro dos gramados podem então ser interpretados como reflexo de uma luta maior, travada no terreno ideológico por grupos empenhados em conquistar a hegemonia política e cultural no país. Estas não foram, contudo, as únicas dissonâncias a abalar a construção de uma imagem harmoniosa para o futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX. A própria popularização do jogo tornou-se fonte de conflitos e polêmicas, à medida que o crescente interesse pela bola levava à forçosa aproximação de camadas sociais historicamente separadas pelo profundo fosso da exclusão e da desigualdade. A constituição de um campo comum de práticas e experiências a partir do futebol incomodava, e muito, a alguns contemporâneos, que não deixaram de levantar a voz ou empunhar a pena para criticá-la.

O mais famoso e obstinado de tais críticos talvez seja o escritor Lima Barreto, que via nos instintos de competitividade e agressividade despertados pelo “bolapé” um fator de desintegração social e degeneração cultural. Em crônica publicada na *Careta* de 08 de abril de 1922, o autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* assim justificava sua antiga e visceral repulsa ao jogo, que o levava, anos antes, a fundar a “Liga Brasileira Contra o Football”:

*Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento físico dos rapazes, porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivam preconceitos de toda a sorte; foi então que me insurji.*²²

²¹ Marly Silva da MOTTA, *A Nação Faz 100 Anos*, pp. 101-2 e *passim*; a citação está na página 73. Como a autora bem nota à página 102, “estas representações simbólicas, onde se articularam idéias, mitos e modos de ação, tendo ganho em inércia, pesaram sobre as mentalidades e os comportamentos. Construídas sob o renovado fascínio pela modernidade que marcou o início dos anos 20 no Brasil, as imagens das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo ainda conservam muito de seus contornos originais, revelando a eficácia e a durabilidade dessa construção”.

²² Lima BARRETO, “Como resposta”. *Careta*, 08/04/1922, reproduzido em *Marginália*, p. 72. Os vários artigos de Lima Barreto que têm por tema o futebol encontram-se nos livros *Feiras e Mafuás*, *Vida Urbana* e no citado

E não eram apenas os adversários do esporte bretão que se sentiam desconfortáveis com seu grande apelo popular: seus defensores também reagiam com estranheza à entrada em cena, ou em campo, das massas. Para eles, o futebol se encaixava à perfeição em um ambicioso projeto de “regeneração” da sociedade brasileira, que ganha força na conjuntura da Primeira Guerra Mundial. Conforme Lúcia Lippi Oliveira, a guerra abalou o espírito cosmopolita da nossa *belle époque*, provocando uma mudança de enfoque sobre a questão nacional. O “sentimento natural de amor à pátria, calcado na grandeza territorial e nas qualidades das raças que formaram o homem brasileiro” é suplantado então por propostas de “salvação do país”, cujos pilares eram a educação e a saúde.²³ A cultura física também será objeto de atenção, uma vez que o princípio do *mens sana in corpore sano* estava em perfeita consonância com as novas bandeiras nacionalistas, desfraldadas por movimentos como a Liga de Defesa Nacional, fundada em 1916 pelo poeta Olavo Bilac.

Preocupada com os corpos e as mentes dos compatriotas, sobretudo os jovens, a Liga defendia o incentivo à prática dos esportes como eficiente elemento para o fortalecimento da raça e dos atributos morais da pátria. Além disso, empenhou-se na campanha pelo serviço militar obrigatório (antigo sonho de Bilac), “visto como instrumento de formação de brasileiros conscientes e dignos que conduziria ao triunfo da democracia”.²⁴ Numa feliz coincidência para seus partidários, a idéia encontra êxito em 1919, mesmo ano em que, lembremos, o Brasil brilha no futebol. Em telegrama dirigido a Arnaldo Guinle, presidente da CBD, a Comissão Executiva da Liga assim saudava a conquista do Campeonato Sul-Americano:

Marginália. Sua postura e a de outros literatos cariocas frente ao futebol foi analisada de modo extenso e detalhado por Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, pp. 204-29.

²³ Lúcia Lippi OLIVEIRA, *A Questão Nacional na Primeira República*, pp. 145-6.

²⁴ *Idem*, p. 120. A formação do corpo e da mente pelo serviço militar fica mais clara nas palavras do próprio Bilac, citado pela autora à mesma página: “Que é o serviço militar obrigatório? É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e física obrigatória”.

A victoria que o Brasil acaba de obter não representa só um acontecimento sportivo porque interessa á vida nacional e á propria vida do continente americano.

A mocidade brasileira deu o mais elevado testemunho do valor physico da nossa raça, do nosso espirito de disciplina e cavalheirismo, vencendo com a maior lealdade a adversarios não menos leaes e dignos até da propria victoria. É na practica dos exercicios physicos que se formam as raças fortes, capazes de vencer na concorrência formidavel que existe entre os povos, e em todos os ramos pacíficos da actividade. [...] Vencendo o campeonato sul-americano, em todos os ramos de desportos em que se disputou sem soffrer uma só derrota, a nossa mocidade levantou bem alto no campo da actividade desportiva a afirmação incontestavel do valor da nacionalidade brasileira.²⁵

Outras matérias publicadas na imprensa da época igualmente valeram-se do sucesso da seleção brasileira para destacar a relação entre o desenvolvimento esportivo do país e o aprimoramento da raça e da nacionalidade. Delas depreende-se o vivo desejo de se romper com os complexos de inferioridade (racial, social, moral) que perturbavam nossa auto-imagem, cujo parâmetro sempre fora a Europa “civilizada”, e daí construir uma “nova” pátria, “grande, forte e respeitada no concerto dos povos”.²⁶ Evidenciava-se, uma vez mais, a representação de um Brasil homogêneo e coeso, ainda que a realidade se apresentasse muito distante disso. Fora dos círculos letrados, os praticantes e admiradores do futebol se mostravam mais interessados no prazer físico e emocional por ele oferecido que em suas presumidas qualidades redentoras. Da perspectiva dos *sportmen*, aí estava o problema. Afinal, nas palavras de Mario Filho,

o futebol se vulgarizava, se alastrava como uma praga. Qualquer moleque, qualquer preto podia jogar futebol. No meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais. Bastava arranjar uma bola de meia, de borracha, de couro. E fabricar um gol, com duas maletas de colégio, dois paletós bem dobrados, dois paralelepípedos, dois pedaços de pau. Em todo canto um time, um clube. Time de garotos, de moleques, clubes de operários, de gente fina. Mas muito clube, clube demais.²⁷

²⁵ N/a, “Football — A Liga da Defeza Nacional congratula-se com a Confederação Brasileira”. *Correio da Manhã*, 03/06/1919, p. 5.

²⁶ *Idem, ibidem*. Cf. também N/a, “O Campeonato Sul-Americano de 1919 termina com o magnifico triumpho dos brasileiros”. *Correio da Manhã*, 30/05/1919, p. 3; N/a, “Os brasileiros, campeões da America do Sul”. *Correio da Manhã*, 31/05/1919, p. 6; J.R., “Notas da semana”. *O Malho*, 31/05/1919, p. 19.

²⁷ Mario FILHO, *O Negro no Futebol Brasileiro*, p. 30. Como coloca Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, “embora continuasse a ser para muitos um evento elegante e distinto, ia tomando forma, assim, um movimento paralelo e não excludente que fazia do jogo, tal qual praticado pelas ruas, um grande suplício para as boas famílias da cidade”. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, p. 132. A respeito do

Como se não bastasse os espaços públicos cariocas e paulistanos terem se transformado em palco de freqüentes e acirradas pelepas entre *footballers* desprovidos de qualquer traço ou ideal aristocrático, estes ainda disputavam lugar no plano institucional, para desagrado daqueles que se julgavam os donos da bola:

[...] *Há de fato na aparência, naqueles (felizmente muito poucos) que não sofrem as conseqüências da má educação de pessoas que não estão de acordo com o nível moral e social do sport, uma espécie de democracia, que não passa no fundo de uma refinada hipocrisia... Nós pensamos, e conosco pensam todos aqueles que fazem da sinceridade um culto: "o football é um sport que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo"! De modo que nós freqüentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no Salão Naval, jantamos na Rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock; mas quando nos resolvemos a praticar sport entramos para o Icarahy Club, distinto filiado à 3ª Divisão Metropolitana, somos obrigados a jogar com um operário, limador, corrieiro mecânico, chauffeur e profissões outras que absolutamente não estão em relação ao meio onde vivemos. Nesse caso a prática do sport torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão.*²⁸

O encontro de diferentes classes dentro de campo, e em igualdade de condições graças às regras do jogo, só poderia mesmo equivaler a um suplício para os detentores de posição privilegiada na sociedade brasileira de então, "construída de favores, hierarquias, clientes e ainda repleta de ranço escravocrata".²⁹ Como o texto acima deixa claro, sua visão do esporte era a de algo próprio a um grupo exclusivo e refinado, isto é, a ninguém mais senão eles mesmos. Se lhes era impossível impedir a vulgarização da paixão futebolística, fazia-se necessário ao menos selecionar os *players* com quem disputariam os *matches*, evitando o tão indesejado contato com pessoas estranhas a seu meio. Assim, a partir da década de 1910 os dirigentes cariocas e paulistas vão adotar inúmeras medidas com vistas a controlar, quando não impedir pura e simplesmente, o acesso de jogadores e equipes

futebol como "perturbador da ordem", veja-se ainda Plínio José Labriola de Campos NEGREIROS, "A Nação Entra em Campo: Futebol nos Anos 30 e 40", pp. 49-52; Nicolau SEVCENKO, *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 61.

²⁸ *Sports* (RJ), 6 de agosto de 1915. *Apud* Micael HERSCHMANN e Kátia LERNER, *Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca*, p. 45.

²⁹ Roberto DAMATTA, "Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro". *Revista USP – Dossiê Futebol*, p. 12.

de origem popular às divisões principais do futebol oficial – aquelas que reuniam seus clubes mais tradicionais, como Fluminense e Paulistano.

Tais medidas, em linhas gerais, cobravam dos atletas o “nível social” julgado imprescindível à condição de esportista. Na prática, essa determinação subjetiva significava que eles deveriam, entre outras coisas, ter algum grau de instrução, possuir uma ocupação regular e dispor de tempo livre para treinamentos e jogos. Tudo para preservar uma “atividade amadorística pura”, de acordo com Anatol Rosenfeld.³⁰ Mas, em que pese seu aparente rigor, os critérios sócio-econômicos de seleção ainda eram contornáveis, às vezes até com a colaboração dos próprios clubes que os instituía. Era comum, por exemplo, seus diretores arranjar empregos fictícios para os craques “desocupados” de seus quadros, ou então professores para os analfabetos, que assim regularizavam sua situação junto às entidades organizadoras.³¹

Difícil mesmo de se driblar era o preconceito de cor, que levava as agremiações a adotarem uma postura segregacionista, refletindo e reproduzindo no futebol as imperfeições da sociedade pós-Abolição, na qual “a população negra e mulata continuou reduzida a uma condição social análoga à preexistente. Em vez de ser projetada, em massa, nas classes sociais em formação e em diferenciação, viu-se incorporada à ‘plebe’, como se devesse converter-se numa camada social dependente e tivesse de compartilhar de uma ‘situação de casta’ disfarçada”.³² Conforme Mario Filho,

o futebol não alterava a ordem das coisas. Pelo contrário. Onde se podia encontrar melhor demonstração de que tudo era como devia ser? O branco superior ao preto. Os ídolos do futebol, todos brancos. Quando muito, morenos.

Preto só entrava no escrete uma vez na vida e outra na morte. E quando um branco que devia jogar estava fora, doente ou coisa que o valha. Então o preto podia jogar. Como Monteiro, do Andaraí, trocando de posição, tapando buraco.

³⁰ Anatol ROSENFELD, “O futebol no Brasil”, p. 84. Cf. também Mario FILHO, *O Negro no Futebol Brasileiro*, capítulos 1-3, *passim*; Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*.

³¹ Anatol ROSENFELD, “O futebol no Brasil”, pp. 83-4.

³² Florestan FERNANDES, *O Negro no Mundo dos Brancos*, p. 85.

*Cada lugar no escrete tinha um dono: branco, de boa família. A superioridade de raça, da raça branca sobre a raça preta, a superioridade de classe, da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa. A baixa lá em baixo, a alta lá em cima, vencendo, tirando campeonatos.*³³

Embora Mario Filho refira-se ao futebol carioca, o mesmo acontecia em São Paulo, onde os clubes atléticos e sociais “de boa família” também fechavam suas portas a negros e mestiços e procuravam afastá-los das competições oficiais. Esta era, portanto, uma prática usual, mas que nem por isso deixava de ser repudiada por alguns cronistas quando a situação se mostrava extrema, como aconteceu no Campeonato Paulista de 1918:

*Já não se falava mais em jogadores de côr, quando aparece um clube paulista muito cotado, a requerer da A.P.S.A. um inquerito afim de conseguir a exclusão de um jogador de côr, que participara em diversos jogos de um clube, também pertencente a divisão em que se achava o clube requerente. Acham isto louvável? Creio que não; porque os homens de côr, pela legislação brasileira, têm tantos direitos como os brancos. De côr eram José do Patrocínio, Henrique Dias e muitos outros, que souberam com galhardia defender esta nossa patria. Somente isto bastava para fazer crer que os homens de côr são tão dignos de participar de diversões e outros atos como qualquer de nós brancos.*³⁴

De tão marcante, a discriminação promovida pelos clubes “de boa família” serviria, em 1923, para fundamentar a veemente crítica de José do Patrocínio Filho ao júizo que Robert S. Abott, líder negro de Chicago, fazia do Brasil. Em conferência no Teatro Trianon, no Rio de Janeiro, Abott havia afirmado que a “verdadeira democracia” seria a brasileira, e não a norte-americana, presumindo que aqui tanto a igualdade de direitos quanto a convivência harmoniosa entre brancos e negros estavam perfeitamente asseguradas. Seus argumentos, porém, não convenceram o insuspeito Patrocínio, que de imediato reagiu pelos jornais:

Ha corporações em que se impede que o negro suba aos postos de destaque e de comando. Porque? Si alguém allude ao caldeamento de sangue, que é a característica ethnica do Brasil, e á mestiçagem com que ingressamos na civilização, ergue-se logo um clamor contra esse ultraje. Porque? O snr. Eloy de Souza é uma excepção singular no Congresso Nacional. Porque? Ao snr. Juliano Moreira, e ao snr. Evaristo de Moraes, as portas da sociedade só se

³³ Mario FILHO, *O Negro no Futebol Brasileiro*, p. 53.

³⁴ N/a, “Os jogadores de côr”. *Vida Esportiva*, 1918. *Apud* Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, p. 120.

abrem a contra gosto, constrangidos pelo seu insuperável valor mental. Porque?

Foi excluído da fundação da Academia de Letras, Cruz e Souza, chefe da escola que renovava a poesia brasileira. Actualmente na Liga Metropolitana de foot-ball, os jogadores de côr escura são excluídos dos matches representativos.

A cada passo deparamos com o preconceito que exclue, que humilha, que esmaga o homem de côr.

E nós continuamos minados pela illusão de que “a verdadeira democracia é a brasileira, porque ella repousa sobre os principios estabelecidos pela egualdade humana”.³⁵

Caso estivesse interessado em citar outros exemplos de exclusão racial a seu colega norte-americano, Patrocínio encontraria alguns dos mais eloqüentes em recentes episódios que haviam envolvido a seleção brasileira. Para a lógica da época, a equipe que representava a nação em chuteiras deveria corresponder a um país ideal, predominantemente branco. Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira, “a simples possibilidade da presença de negros em um selecionado nacional era assim, para jornalistas e *sportmen*, motivo de riso”.³⁶ O único jogador não-branco visto sem restrições pela CBD era o mulato Arthur Friedenreich, maior ídolo do futebol brasileiro de meados da década de 1910 ao início dos anos 1930. Só que, no caso, sua aceitação se dava mais pela sua aparência que pelo seu incontestável talento. Filho de pai alemão e mãe brasileira, negra, seus olhos verdes e cabelos cuidadosamente alisados o “embranqueciam”, o que lhe permitia defender não apenas a seleção como também o seletíssimo Club Atlético Paulistano.

Os zelosos dirigentes logo descobririam, entretanto, que todos os seus cuidados não bastavam para aclarar a imagem que os estrangeiros, em especial nossos vizinhos platinos, faziam do país. Em outubro de 1920, ao voltar do Chile,

³⁵ Abílio RODRIGUES, “Preto e branco”. *O Kosmos*, 18/04/1923, p. 1 (transcrição de texto de José do Patrocínio Filho publicado no jornal carioca *A Pátria*). É interessante notar como o olhar estrangeiro antecipa, ainda que casualmente, a idéia do Brasil como o lugar da democracia racial, idéia essa que se consagraria na década seguinte graças a Gilberto Freyre.

³⁶ Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, p. 170. A influência de negros e mestiços na formação da sociedade brasileira era uma questão que ocupava o centro dos debates sobre a identidade nacional desde as últimas décadas do século XIX, principalmente após a Abolição. Fazendo leituras muito particulares das teorias raciológicas elaboradas na Europa, intelectuais como Nina Rodrigues, Silvio Romero e João Batista de Lacerda, entre outros, vão atribuir a uma suposta inferioridade da “raça” negra a culpa pelo atraso da nação. Dessas suas interpretações derivam-se o ideal do “branqueamento” do país, a ser alcançado por políticas públicas de incentivo à imigração européia, e o conseqüente desprezo pelo negro e pelo mestiço. Sobre essas formulações e o contexto histórico no qual se deram, veja-se, dentre muitos

onde participara do Campeonato Sul-Americano sem repetir o sucesso do ano anterior (ficou em terceiro lugar), a equipe nacional fez uma escala em Buenos Aires para disputar duas partidas, uma contra a seleção argentina e a outra contra o time do Barracas. No dia seguinte a este jogo, o *Correio da Manhã* trazia em sua primeira página a seguinte notícia:

*Buenos Aires, 6 – Um vespertino que se publica nesta capital e cujos sentimentos contra o Brasil são muito conhecidos publicou hontem um artigo offensivo ao brio patriótico dos membros da delegação brasileira de football, acompanhado de caricaturas insultuosas.*³⁷

Tanto o artigo quanto as caricaturas tratavam os brasileiros por *macaquitos*, revelando muito bem o imaginário portenho a nosso respeito. Ofendidos, alguns jogadores da seleção foram direto à redação do jornal interpelar os responsáveis pela matéria, enquanto outros optaram por não entrar em campo contra o Barracas – protesto que fez com que a partida fosse disputada somente por oito atletas de cada lado. Temerosos de que a situação embaraçosa despertasse um conflito diplomático, os ministros argentinos das Relações Exteriores e da Justiça se apressaram a instaurar um processo contra o jornal, sob a alegação de que ele ferira “a dignidade e o sentimento patriótico de cidadãos de um país amigo”, segundo a mesma notícia publicada pelo *Correio da Manhã*. Dias depois, na chegada ao Rio, os membros da delegação procuraram minimizar o episódio, garantindo que fora um acontecimento isolado, a nota destoante do “modo magnífico por que foram tratados na República Argentina”.³⁸

O que os jogadores talvez não pudessem imaginar é que, mesmo destoante, o incidente ainda ecoaria no futebol brasileiro. No ano seguinte, a seleção se preparava para voltar à Argentina, agora para a disputa de mais um Sul-Americano, quando alguns rumores sobre a formação da equipe deixaram o Rio de Janeiro em polvorosa:

São innumerous os commentarios em torno da organização do seleccionado brasileiro. Diz-se a todo o canto que a inclusão do jogador A, representa uma preterição injusta do jogador B; que a organização do seleccionado nacional deveria obedecer a um criterio diferente do até então seguido; que, afinal de

outros autores, Renato ORTIZ, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*; Lilia Mortiz SCHWARCZ, *O Espetáculo das Raças*; Thomas SKIDMORE, *Preto no Branco*.

³⁷ N/a, “Os footballers brasileiros insultados por um jornal argentino”. *Correio da Manhã*, 07/10/1920, p. 1.

³⁸ N/a, “Regressaram do Chile os footballers brasileiros”. *Correio da Manhã*, 14/10/1920, p. 7.

contas, por clubismo ou outra coisa qualquer parecida, com o que dará em resultado o fracasso da nossa representação, é a promessa mais certa que podemos ter da magnífica collocação que nos está reservada, para o certame sul-americano a realizar-se muito breve.

A questão da côr é apontada a todo o momento como a mais prejudicial á organização do nosso quadro, vindo a ser um dos maiores e mais razoaveis motivos da inefficiencia do quadro que representará e defenderá as nossas côres, em Buenos Aires.

De acordo com a matéria do *Correio da Manhã*, republicada na capital paulista por *O Estado de S. Paulo*, a “peneira com que se pretendia encobrir o sol traiu” o “medo da cor” nutrido pela CBD. E o jornal ia além em sua denúncia, envolvendo um personagem que, pela sua própria posição, deveria estar acima de qualquer suspeita:

O governo brasileiro auxiliou em algumas dezenas de contos a Confederação Brasileira dos Desportos, mas exigiu-lhe tambem uma retribuição: a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos.

O sr. Epitacio Pessoa foi quem exigiu que não fossem incluidos “negros” no seleccionado brasileiro!³⁹

Como seria de se esperar, a entidade se empenhou em negar a notícia, mas, conforme nota Leonardo Affonso de Miranda Pereira, seus desmentidos “não pareciam ter muita força frente a uma constatação que, para os contemporâneos, parecia evidente: a de que, nos campos, continuava a ser branca a imagem do selecionado brasileiro”.⁴⁰ E não parece equivocado afirmar que a preocupação com essa imagem aumentava pela simples razão do certame continental acontecer em terras argentinas, o que colocava o risco de uma nova ridicularização da equipe e, por extensão, do país. Isso explicaria o suposto envolvimento do presidente da República na questão, possibilidade que, longe de soar absurda, afigurava-se bem plausível a observadores atentos como Lima Barreto:

O Sacro Colégio do Football reuniu-se em sessão secreta para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim. [...]

O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. Sua Excelência, que está habituado a

³⁹ N/a, “O Seleccionado Brasileiro – Os elementos de côr como indesejaveis!”. *O Estado de São Paulo*, 18/09/1921, p. 6 (matéria transcrita do *Correio da Manhã* de 17/09/1921).

⁴⁰ Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, p. 177.

resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvidas em solucionar a grave questão. Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano.⁴¹

A devastadora ironia do escritor, somada à sua radical aversão ao esporte e às injustiças de toda ordem, desnudava com todas as letras a hipocrisia de uma estrutura social que, decorridas três décadas do fim da escravidão, ainda não reconhecera, em termos práticos, a igualdade de negros e brancos. Tanto que, apesar de toda a celeuma, a equipe que embarcou para Buenos Aires em 20 de setembro era “formada somente por jovens de traços finos e aparência elegante, quase todos sócios dos grandes clubes do Rio de Janeiro”.⁴² Atitudes como esta, que se multiplicavam no cotidiano, eram reveladoras de como o país virava as costas a boa parte (talvez a maioria) de sua população; daí a contundência de José do Patrocínio Filho ao afirmar, em seu já citado artigo, que “a raça negra, que fora sob o azorrague a fonte mais fecunda da grandeza e da prosperidade deste país, tornou-se inútil, senão nociva, ao Brasil”.⁴³

Diferentemente da querela sustentada por paulistas e cariocas, de fundo político e cujos atores principais eram seus grupos dirigentes, a segregação no meio futebolístico exemplificava também as divergências entre dois domínios sociais distintos, que José Murilo de Carvalho denominou “mundo sobreterrâneo da cultura das elites” e “mundo subterrâneo da cultura popular”.⁴⁴ Ora explícito, ora velado, o embate de ambos, sem se resumir às imposições da camada dominante, começaria a dar novas feições ao futebol brasileiro já a partir dos próprios anos 1920. Um marco nesse processo de transformação foi a ascensão do Club de Regatas Vasco da Gama à primeira divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, em 1923. Clube

⁴¹ Lima BARRETO, “Bendito football”, 01/10/1921, reproduzido em *Feiras e Mafuás*, pp. 94-5.

⁴² Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA, *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, p. 178.

⁴³ Abílio RODRIGUES, “Preto e branco”. *O Kosmos*, 18/04/1923, p. 1 (transcrição de texto de José do Patrocínio Filho publicado no jornal carioca *A Pátria*).

⁴⁴ José Murilo de CARVALHO, *Os Bestializados*, p. 41.

ligado à colônia lusitana do Rio de Janeiro, seus quadros sempre estiveram abertos a jogadores de origem humilde, os quais recebiam alojamento, alimentação e “bichos” (gratificações em dinheiro) em troca de seu talento e dedicação exclusiva à bola. E foi com um time formado por três negros, um mulato e sete brancos pobres que o Vasco sobrepujou os requintados Fluminense, Flamengo, Botafogo e América, tornando-se campeão logo em sua estréia na elite do *association* carioca. Um time que, além de unir portugueses e populares, dois grupos vistos com muitas reservas na cidade, ainda deturpava o esporte ao fazer do futebol uma profissão.

Não é difícil perceber que todas essas características fariam o êxito vascaíno soar como uma afronta aos clubes tradicionais. Estes, em represália, em 1924 deixam a Liga e fundam a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, a qual barra a filiação do Vasco sob o argumento de que o clube não possuía estádio próprio. Na verdade, “não era bem esse o problema. Tanto que propuseram ao Vasco eliminar 12 de seus jogadores, exatamente os negros e os operários, para que o aceitassem na nova entidade. Não havia mais dúvida: era racismo mesmo”.⁴⁵ Em resposta a tão descabida proposta, o presidente cruzmaltino, José Augusto Prestes, dirigiu carta a Arnaldo Guinle, presidente do Fluminense e da AMEA, na qual deixava bem clara a posição de seu clube frente ao assunto:

*Estamos certos de que V. Excia. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno de nossa parte sacrificar, ao desejo de filiar-se à AMEA, alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras vitórias, a do campeonato de futebol da cidade do Rio de Janeiro de 1923. São 12 jogadores jovens, quase todos brasileiros, no começo de suas carreiras. Um ato público que os maculasse nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Excia. que desistimos de fazer parte da AMEA.*⁴⁶

Com a permanência do temível Vasco da Gama na esvaziada Liga Metropolitana, os grandes clubes imaginavam recuperar a hegemonia perdida e restaurar a ordem então abalada. Só não contavam com a enorme torcida

⁴⁵ CLUB de Regatas Vasco da Gama, *Livro Oficial do Centenário*, p. 34. Confirmando o racismo da AMEA (como se fosse necessário), a página 7 do *Correio da Manhã* de 8 de abril de 1924 informava que “da AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Amadores [sic] só fará parte aquele elemento são e puro”. *Apud* Mauricio MURAD, “Considerações possíveis de uma resposta necessária”. *Estudos Históricos*, 24, p. 443.

⁴⁶ CLUB de Regatas Vasco da Gama, *ibidem*. A relação entre o Vasco e os reais interesses que motivaram a fundação da AMEA é analisada detalhadamente por Waldenyr CALDAS, *O Pontapé Inicial*, pp. 44-7 e 78-88.

arrebanhada pela equipe vascaína, que fez com que o campeonato da Metro superasse o da AMEA em empolgação e, principalmente, em público pagante. Ante a esse fato, os dirigentes da Associação não tiveram outra saída senão render-se à popularidade do “inimigo”, ainda que fosse antes por conveniência que por convicção ou simpatia. Assim, em 1925, o Vasco é aceito na entidade que o vetara no ano anterior. Segundo Roberto Assaf e Clóvis Martins, foi Carlito Rocha, diretor de futebol do Botafogo, quem dobrou a resistência ao clube dentro da AMEA, alegando que seus filiados “não poderiam mais ignorar a importância do time da colônia portuguesa, dentro e fora dos gramados”.⁴⁷ Uma constatação corretíssima, que, em outras palavras, significava que seus filiados não poderiam mais ignorar a importância que o futebol adquirira para as camadas populares. Nem tinham como.

Logo a seguir, o próprio Vasco daria mais uma prova dessa importância. O fato de não dispor de um estádio fora “perdoado” pela AMEA, que exigira apenas que o time “evitasse mandar seus jogos no acanhado campo da [rua] Moraes e Silva”,⁴⁸ mas tornara-se questão de honra para o clube – e, pelo que se veria, para seus torcedores também. Foi junto a eles que os dirigentes vascaínos, sem dinheiro em caixa, se empenharam em levantar fundos, primeiro para a aquisição do terreno, em São Cristóvão (zona norte do Rio), depois para erguer a obra. A repercussão e o resultado dessa campanha foram fenomenais. Em menos de dois anos, na mais que significativa data de 21 de abril de 1927, o Vasco da Gama inaugurava o *Stadium* de São Januário, simplesmente o maior estádio de futebol do país, com capacidade para 40 mil espectadores. Graças ao apoio do povo, o clube mostrava que chegara ao círculo dos “grandes” para ficar; aliás, conforme a pesquisadora Cláudia Mattos, o presidente vascaíno, Raul da Silva Ramos, fez questão de afirmar em seu discurso: “eis o estádio que diziam faltar para nos tornarmos grandes”.⁴⁹

Quase ao mesmo tempo em que o Rio de Janeiro via o Vasco inaugurar seu estádio, São Paulo assistia a um evento que também prenunciava, a seu modo, o limitado futuro do elitismo no futebol brasileiro. No dia 13 de maio daquele mesmo

⁴⁷ Roberto ASSAF & Clóvis MARTINS, *Campeonato Carioca: 96 Anos de História (1902-1997)*, p. 129.

⁴⁸ *Idem, ibidem.*

⁴⁹ Cláudia MATTOS, *Cem Anos de Paixão*, p. 88.

ano de 1927, dois esquadrões muito peculiares adentraram o gramado da Chácara da Floresta para disputar uma partida em homenagem ao aniversário da Abolição. De um lado, colocava-se uma seleção formada somente de jogadores brancos, pertencentes às melhores equipes paulistanas; do outro, uma seleção formada somente de jogadores negros, que atuavam nas divisões secundárias da Associação Paulista de Esportes (a esta altura já devidamente aporuguesado) Atlético e em times da Liga Amadora de Futebol (LAF). Segundo George Reid Andrews, o inusitado encontro deveu-se à iniciativa de alguns líderes do movimento negro da capital, cuja intenção era burlar a segregação ainda imperante no futebol da cidade e promover uma maior exposição dos atletas “de cor”, como eram chamados pelos jornais da época.⁵⁰

Os jogadores negros não deixaram a oportunidade escapar e venceram os brancos por 3 a 2, para grande satisfação da numerosa e empolgada assistência. O sucesso da partida fez com que ela se repetisse por mais de uma década, durante a qual passou a ser ansiosamente aguardada pela imprensa e pelos torcedores, que a cada ano reafirmavam sua preferência pelo futebol *colored*. Essa expectativa geral e a muito bem definida escolha do público aparecem descritas numa matéria da *Folha da Manhã* de 11 de maio de 1930:

*Depois de amanhã, finalmente, teremos, no gramado tradicional da Floresta, o encontro annual dos combinados Preto e Branco. É elle o assumpto geral das nossas rodas esportivas, e os commentarios variam constantemente, não raro se inflammando os torcedores. O nosso publico que sempre deu demonstrações frisantes de sympathias pelos homens de cor, applaudindo-os e enthusiasmando-os, ainda desta vez, pelo que se observa entre os nossos afficionados, não mudará de favoritos.*⁵¹

Para a felicidade de seus admiradores, o “combinado preto” de 1930 demonstrou outra vez a superioridade apresentada nos prélios anteriores e goleou

⁵⁰ George Reid ANDREWS, *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil (1888-1988)*, p. 214.

⁵¹ N/a, “O festival do dia treze de maio”. *Folha da Manhã*, 11/05/1930, p. 14. Cf. também N/a, “Combinados Preto—Branco lutarão em treze de maio”. *Folha da Manhã*, 09/05/1930, p. 9; N/a, “A seleção branca vencerá novamente o combinado preto?”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 22/05/1932, p. 13; N/a, “ ‘Branços’ x ‘Pretos’, o tradicional prelio, será realizado no dia 23”. *Folha da Manhã*, 17/05/1940, p. 11; George Reid ANDREWS, *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil (1888-1988)*, pp. 214-5.

seu adversário por 4 a 0.⁵² Para a felicidade dos idealizadores da partida, evidenciava-se outra vez o talento dos jogadores negros, que não apenas se fazia sentir mais e mais nos campos oficiais como ainda viria a definir o próprio futebol brasileiro. Ficava cada vez mais claro que as mudanças colocadas pela popularização eram irreversíveis, e os dirigentes cariocas e paulistas em breve seriam obrigados a reconhecer que elas eram incompatíveis com o amadorismo.

Antes que isso ocorresse, contudo, eles encontraram ocasião para mais uma desavença entre si, logo às vésperas da primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA, a ser disputada em julho de 1930 no Uruguai. A crise teve início em maio, quando a CBD convocou a seleção que iria a Montevideú. Embora quinze dos 26 jogadores pertencessem a clubes de São Paulo, a entidade ignorou um pedido da Associação Paulista de Esportes Atléticos e não incluiu nenhum representante seu na comissão técnica da equipe. Frente a insistência dos paulistas, em 12 de junho a CBD anunciou, em caráter definitivo, que “não havia mais tempo” para qualquer modificação na relação de componentes da comissão, confirmando a exclusão dos membros da APEA.

A reação da entidade à negativa surpreendeu a todos pela rebeldia. Nas palavras de seu presidente, Elpídio de Paiva Azevedo, “a Associação, para evitar a continuação das humilhações por que a CBD a fazia passar, [se] recusou a cooperar com seus jogadores para formar o selecionado brasileiro”.⁵³ A partir desse momento, essa velha briga política adquiriu proporções que atropelaram a importância da participação do Brasil no campeonato mundial. Ao se confirmar a situação extrema a que o futebol do país chegara, a *Folha da Manhã* assim se lamentou:

As últimas notícias procedentes do Rio de Janeiro dão como decidida, de vez, a ausência de São Paulo nos trabalhos de preparação da turma nacional, que deverá representar o Brasil no campeonato mundial de Montevideú. A

⁵² N/a, “Os ‘pretos’ venceram os ‘brancos’”. *Folha da Manhã*, 14/05/1930, p. 9. Os resultados dos jogos até então realizados entre esses combinados étnicos haviam sido os seguintes: Pretos 3 x 2 Brancos (1927); Pretos 4 x 2 Brancos (1928); Pretos 2 x 2 Brancos (1929). Cf. Valmir STORTI & André FONTENELLE, *A História do Campeonato Paulista: 1902 – 1996*, s. n. p.

⁵³ *Apud* Waldenyr CALDAS, *O Pontapé Inicial*, p. 197. Sobre a briga entre a CBD e a APEA, cf. *idem*, pp. 193-200.

Confederação Brasileira de Desportos já se communicou a respeito com a Fifa, restando do rapido desenrolar dos acontecimentos, nestes ultimos tres dias, a desoladora situação: os paulistas apartados do convivio esportivo nacional. A C.B.D., com sua autoridade, de um lado e do outro, prestigiando-se a si mesma, a Associação Paulista de Esportes Athleticos.⁵⁴

A polêmica invadiu as seções esportivas dos jornais paulistas e cariocas, nas quais paredros e cronistas procuravam caracterizar quem eram os “patriotas” e “impatriotas” envolvidos na cisão. As animosidades estavam tão enraizadas a ponto do conservador *Correio Paulistano* só se referir à comitiva brasileira como “a representação carioca no campeonato mundial de football”,⁵⁵ o que para o jornal era a forma suprema de expressar o seu menosprezo e desqualificar a seleção. Nem os atletas que se preparavam para a Copa escapavam aos rancores de parte a parte, mesmo sem ter qualquer parcela de culpa pela confusão estabelecida:

Como é sabido, os jogadores cariocas estão concentrados, afim de conseguir melhor forma, para representar as côres nacionaes na taça “Mundo”, em Montevidéo. Nada de mais. Medida das mais acertadas e justa, pois, concentrados e obedecendo regulamentos especiaes e regimen, todos, forçosamente, terão que attingir o seu maximo esportivo.

Comtudo, segundo as noticias que frequentemente são estampadas nos jornaes guanabarinios, somos levados a duvidar da efficiencia da medida tomada pela Confederação Brasileira de Desportos, e seus “patrioticos” dirigentes. Isso porque (são os proprios chronistas que relatam), os jogadores cariocas são encontrados perambulando pelos cafês, casas de chopps e outros locaes da capital da Republica, aonde são entrevistados sobre o palpitante assumpto.

Ora, aonde pois o criterio da medida tomada? Isso mais uma vez justifica aquella tirada ironica, que abertamente diz que para as representações de... gala, os cariocas estão sempre promptos, mettidos nos seus inconfundiveis “smokings”, mas, quando chega a hora do Deus nos acuda, os paulistas “impatrioticos” é que são chamados para salvar a patria. [...]

Fossem os paulistas para o Rio, que seriam elles trancafiados nos dormitorios do Fluminense, obedecendo rigorosamente as deliberações tomadas. É que os bandeirantes são bons no guatambú (isso é figurado...), enquanto os melindrosos cariocas são apenas elementos... decorativos.

Campeões de carteiras vasias.⁵⁶

⁵⁴ N/a, “O Brasil não se representará em Montevidéo por um só paulista!”. *Folha da Manhã*, 14/06/1930, p. 7.

⁵⁵ A expressão aparece pela primeira vez na edição do dia 02/07/1930, à p. 7.

⁵⁶ N/a, “Elementos decorativos”. *Folha da Manhã*, 02/07/1930, p. 10.

Desfalcada no campo esportivo, a CBD tentou uma cartada política, solicitando ao Ministério das Relações Exteriores uma verba para o custeio das despesas do selecionado em Montevideu. O apoio oficial, caso conseguido, seria sem dúvida um precioso trunfo para a entidade, que poderia usá-lo como o reconhecimento da legitimidade da equipe brasileira e aplacar a indignação paulista. Entretanto, ainda que um eventual sucesso na Copa do Mundo pudesse render sedutores dividendos políticos para o governo de Washington Luís, desgastado e em crise, a iniciativa não logrou êxito. Apesar de cultivar uma imagem de desportista desde 1919, quando ocupava o cargo de prefeito de São Paulo, o agora presidente da República fez comunicar ao chanceler Otávio Mangabeira que “o assunto não interessava ao governo”.⁵⁷ Decepcionado, o presidente da Confederação, Renato Pacheco, teve de se contentar somente com a isenção do pagamento do imposto de transporte marítimo concedida pelo ministro da Fazenda à delegação.⁵⁸

O descaso do poder público para com os, bem ou mal, representantes do Brasil no exterior contribuiu para esquentar um pouco mais o clima do momento. A imprensa paulista, desempenhando o papel que lhe cabia, exaltou o “contra” de Washington Luís, o *Xintão*:

Não ha nada como um dia depois do outro. É um adagio antigo, mas que nem por isso deixa de ter sua importancia no dissidio da Apea – C.B.D. Os cariocas, com o sr. Pacheco pela frente, disseram que estavam certos do auxilio financeiro que lhes dispensaria, na sua excursão a Montevideó, o poder publico.

Mas, naturalmente, vendo essa irritante questão em que esse sportista timbrou em diminuir S. Paulo e seu sport, o governo, bem orientado, aliás, não concedeu a “ajuda de custa”, porque não estava para isso legalmente autorizado. Ademais, a situação actual não comporta essas despesas sumptuarias, para que certos mocinhos de predilecção do sr. Renato fossem á capital do Uruguay afim de se exhibirem em tudo, menos no football, por absoluta falta de competencia.

E dahi o estrilo que hontem o presidente dessa entidade [CBD] demonstrou. Mas, de nada vale esse resentimento. Lembre-se esse sportista que as despesas com o transporte de elementos e sua estada no Uruguay são pagas pelos promotores do certamen. Não ha em consequencia necessidade desse dinheiro desde que a delegação que parte não vai e nunca iria em character official. É uma representação puramente de character sportivo e a instituição

⁵⁷ Agência DTM, “O financiamento da viagem da delegação brasileira que foi á Montevideó”. *Folha da Manhã*, 04/07/1930, p. 7. Sobre a relação, antes de tudo política, de Washington Luís com os esportes, veja-se Nicolau SEVCENKO, *Orfeu Extático na Metrópole*, pp. 54-5 e *passim*.

⁵⁸ Agência Havas, “Os brasileiros em Montevideó”. *Folha da Manhã*, 03/07/1930, p. 7.

*directora tem obrigação de prover as suas despesas ordinarias. Para isso ha os fundos necessarios em seus cofres a que os paulistas recorrem com uma porcentagem extraordinaria todos os annos...*⁵⁹

Entre os jornais do Rio, é claro, a opinião corrente era muito distinta. No mesmo dia em que o *Correio Paulistano* publicou a matéria acima, o *Correio da Manhã* tomava a decisão do presidente como pretexto para criticar tanto a postura habitual do governo brasileiro frente ao esporte quanto a postura dos apanos:

É a primeira vez que sae do Brasil uma delegação sportiva para disputar uma competição internacional de tanta importancia e de tanta transcendencia.

É também a primeira vez que os sports nacionaes serão representados num campeonato dirigido pela F.I.F.A., desde que a Confederação Brasileira de Desportos está filiada á entidade que preside o sport em todo o mundo.

Por duas vezes deixou o sport brasileiro de participar em dois campeonatos olympicos de football – ambos vencidos pelo Uruguay – porque os governos do Brasil entenderam de não prestigiar e auxiliar a nossa representação, como o fizeram – para não falar de outros – os governos argentino e uruguayo.

Desta vez, porém, a despeito de tudo e ainda do desinteresse official, o football brasileiro será representado no primeiro campeonato mundial. [...]

Tornamos a dizer que não queremos nos lembrar dos paulistas neste momento para não falar de novo na reprovavel attitude dos seus maus dirigentes, os unicos responsaveis pela situação que se creou por uma intransigencia descabida e inoportuna.

*A má acção fica sempre com quem a pratica.*⁶⁰

Em meio a essa interminável discussão, na tarde de 2 de julho os cariocas lotaram o cais Mauá para se despedir da delegação com “vibrantes hurrahs e vivas ao Brasil e ao Uruguai”.⁶¹ Dali até a estréia da equipe na Copa, marcada para o dia 14, contra a Iugoslávia, a empolgação popular só fez crescer, e não somente na capital federal. Ao menos entre os torcedores comuns, o fervor nacionalista parecia falar mais alto que as picuinhas bairristas. Até mesmo F. E., o acerbo cronista do *Correio Paulistano*, admitiu – meio a contragosto, é verdade – que, dado o “certo entusiasmo” dos esportistas do país com o campeonato, ficaria “sinceramente satisfeito” caso os “cariocas” conseguissem dar uma “possível demonstração de

⁵⁹ F. E., s/ título. *Correio Paulistano*, 02/07/1930, p. 7.

⁶⁰ N/a, “O proximo campeonato mundial de football”. *Correio da Manhã*, 02/07/1930, p. 9.

⁶¹ Agência Havas, “Os brasileiros em Montevideo”. *Folha da Manhã*, 03/07/1930, p. 7.

eficiência” em Montevideu.⁶² Os “cariocas”, aliás, acabaram ganhando o reforço do paulista Araken Patuska, que fora desligado do Santos Futebol Clube por ter se desentendido com um companheiro de equipe. Sem vínculo clubístico, Araken não tinha porquê acatar a proibição da APEA e aceitou a convocação da CBD, juntandose à seleção quando o navio Conte Verde passou pelo porto de Santos.⁶³

Quando o grande dia enfim chegou, pouco antes de entrar em campo os jogadores receberam um telegrama de alto teor patriótico enviado pelo escritor Coelho Netto, antigo entusiasta do futebol e orgulhoso pai do atacante Preguinho (João Coelho Netto). Dizia a mensagem:

*Jovens do Brasil! Lembrai-vos do côro da multidão á hora em que partistes. Já ieis longe, no mar, e ainda o vento levava á nave que vos conduzia. Que elles ressoem em vossos corações ardentes quando sairdes a campo para defender, não as cores de um pavilhão social, mas a bandeira que elevastes, como insignia da patria. O Brasil confia em vosso brio, certo de que tudo fareis para que no prelio em que vos ides empenhar, o vosso nome seja proclamado pelos arautos da victoria.*⁶⁴

No Rio de Janeiro, a Avenida Rio Branco estava intransitável naquela tarde fria e úmida. Homens, mulheres e crianças enfrentavam o mau tempo e se aglomeravam defronte às redações dos jornais e onde mais encontrassem um rádio para acompanhar o desempenho da seleção. Como informava a agência de notícias DTM em telegrama enviado no calor da hora, “todos ansiavam pelo fim do primeiro tempo. Quando este foi conhecido, com a derrota dos nossos pela contagem de 2 a 0, a tristeza se estampou em todos os semblantes”.⁶⁵ Ainda assim, ninguém pensou em voltar para casa; afinal, restavam 45 minutos de jogo, tempo suficiente para o empate ou, quem sabe, a vitória brasileira. Às 16h45, chega a notícia do primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo – marcado justamente por ele, Preguinho, de cabeça – e, segundo novo telegrama da DTM, “não se pode descrever o delírio de que está

⁶² F.E., s/ título. *Correio Paulistano*, 11/07/1930, p. 8.

⁶³ Flávio PRADO, *O Arquivo Secreto das Copas*, p. 19.

⁶⁴ Agência DTM, “Uma saudação de Coelho Netto pelo cabo submarino”. *Folha da Manhã*, 15/07/1930, p. 10.

⁶⁵ *Idem*, “O Rio movimentou-se todo hontem pelo resultado do jogo dos brasileiros”. *Folha da Manhã*, 15/07/1930, p. 10.

possuída a população”.⁶⁶ O escrete, no entanto, não consegue ir além em sua reação e perde por 2 a 1, para decepção geral da ardorosa torcida carioca.

Em São Paulo, muita gente também permanecera atenta ao andamento da partida. Os acontecimentos que se seguiram ao apito final, porém, causaram perplexidade em um dirigente esportivo argentino que à época acompanhava a série de amistosos que seu clube, o Huracán, realizava contra as equipes da cidade:

Na tarde em que os brasileiros, pela fatalidade, perdiam de 2 a 1 dos iugoslavos, eu passava por uma rua onde tinha um jornal. Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: “Os brasileiros venceram”. Um rapaz próximo de mim disse então: “Não, senhor, os cariocas perderam por 2 a 1”. E com espanto maior vi desfilar um funeral, onde os cânticos fúnebres e morras aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, aliados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era o território brasileiro...⁶⁷

Sem dúvida, devia ser algo incompreensível para um argentino o fato de que a seleção brasileira de futebol não promovia a unidade da pátria pelo seu sucesso. Basta notar que, duas semanas mais tarde, a decisão da Copa entre Argentina e Uruguai promoveria verdadeiro êxodo em Buenos Aires. Milhares de portenhos abarrotaram os barcos que faziam a travessia do rio da Prata para invadir Montevideú aos gritos de “*victoria o muerte!*”, enquanto os muitos que tentaram em vão um lugar na viagem vagaram pelas ruas entoando brados não menos singelos, como “*Argentina sí, Uruguay no!*” e “*muerte al Uruguay*”.⁶⁸ O contraste com a falta de um referencial nacional entre os brasileiros era nítido e, em todos os sentidos, chocante.

Para completar a satisfação dos paulistas e afundar de vez os cariocas em sua melancolia, no dia 17 a Iugoslávia venceu fácil a Bolívia, país que completava a chave

⁶⁶ *Idem*, “Grande delírio no Rio pela marcação do tento brasileiro”. *Folha da Manhã*, 15/07/1930, p. 10.

⁶⁷ Depoimento de Felix Inarra, citado no 1º fascículo de “A História das Copas”. *Folha de S. Paulo*, 15/05/1994, p. 3. Cf. também N/a, “Algumas verdades pouco agradáveis de se ler”. *Correio da Manhã*, 20/08/1930, p. 11.

⁶⁸ Tais brados não evitaram a derrota de sua seleção para os uruguaios por 4 a 2, mas isso não chegou a causar uma guerra entre os dois países ou um suicídio coletivo de argentinos. O máximo que se viu foi “apenas” uma farta distribuição de pontapés em campo – que ambos os times fizeram com muito gosto –, a depredação do consulado uruguaio em Buenos Aires e o rompimento temporário das relações futebolísticas entre os dois países. Cabe notar ainda que o entusiasmo com a final da Copa não foi menor no Uruguai, que fervilhava desde que sua seleção batera os iugoslavos na semifinal. Cf. Tony MASON, *Passion of the People?*, pp. 40-2; Bill MURRAY, *The World's Game*, p. 64; Flávio PRADO, *O Arquivo Secreto das Copas*, pp. 24-6.

do Brasil, e conquistou a vaga para as semifinais da Copa. Assim, o segundo jogo da equipe nacional seria o seu último na competição. E ainda que a despedida tenha sido em alto estilo, com uma goleada de 4 a 0 sobre os bolivianos, depois da partida só restou aos jogadores arrumar as malas e tomar o pacote de volta para casa. Quando chegaram ao Rio, em 29 de julho, foram novamente saudados por um grande número de pessoas, “numa demonstração entusiástica de que a derrota que os nossos sofreram não serviu para diminuir a estima e a simpatia de nosso povo por aqueles que souberam se conduzir como bons brasileiros”.⁶⁹

Mas o retorno da seleção não era o único acontecimento que agitava o país naquele momento. Três dias antes, o governador da Paraíba, João Pessoa, fora assassinado no Recife, crime motivado por razões públicas e privadas, relativas às disputas político-pessoais no estado. A repercussão, contudo, transcendeu os limites locais, uma vez que em março do mesmo ano Pessoa e o gaúcho Getúlio Vargas haviam sido os candidatos da Aliança Liberal aos cargos de vice-presidente e presidente da República, respectivamente. Derrotados pela candidatura governista do paulista Júlio Prestes, um grupo interno aos aliancistas começa a articular a tomada do poder pelas armas, costurando o apoio de setores urbanos e militares. Com a morte de João Pessoa, surgia o fato político que faltava para que o movimento ganhasse fôlego. Segundo Boris Fausto, o enterro do governador, no Rio de Janeiro, “reuniu uma grande massa. Os opositores recebiam de presente uma grande arma. Daí em diante, tornou-se mais fácil desenvolver a articulação revolucionária”.⁷⁰

A “Revolução de 1930”, como ficou consagrado na história esse processo que desbancou o poder dos cafeicultores, culminou com a deposição de Washington Luís em fins de outubro e a posse de Getúlio Vargas na presidência em 3 de novembro. Começa-se a partir de então a se definir um novo interesse nacional, orientado pela forte presença do Estado na vida do país e baseado não na oposição ao capital estrangeiro, mas ao regionalismo e às oligarquias.⁷¹ Essa redefinição do nacional, por sua vez, lança as bases de um nacionalismo que se estendeu da política à cultura; no

⁶⁹ N/a, “Os brasileiros regressaram”. *Folha da Manhã*, 30/07/1930, p. 7.

⁷⁰ Boris FAUSTO, *História do Brasil*, p. 324. Todo o processo que levou à revolução de 1930 é descrito pelo autor às páginas 319-28. Cf. também Boris FAUSTO, *A Revolução de 1930: Historiografia e História*.

caso específico desta última, os anos 1930 serão, no dizer de Antonio Candido, “um eixo e um catalisador”, que geraram “um movimento de unificação cultural, projetando na escala da nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões”.⁷² Um movimento ao qual o futebol, como veremos, não escaparia.

⁷¹ Pedro Cezar Dutra FONSECA, *Vargas: o Capitalismo em Construção (1906 – 1954)*, p. 28.

⁷² Antonio CANDIDO, “A revolução de 30 e a cultura”. *Novos Estudos CEBRAP*, p. 27.

2. O país unido pela bola

Nada se pode comparar entre o passado e o presente. Uma coisa era a vida provinciana do futebol de antanho e outra é a existencia metropolitana do "association" moderno. Outros são os costumes, os meios, outra é a mentalidade. Quem sabe o que nos reserva a evolução futebolística, daqui a vinte anos.

Thomaz Mazzoni, 1939

Em janeiro de 1931, uma curiosa notícia ganhou as páginas da *Edição Esportiva* do jornal paulistano *A Gazeta*. Sem disfarçar seu espanto, o redator informava que "tão popular é o *soccer* que inventaram, por aí, um futebol de brinquedo!". Em um tabuleiro numerado que reproduzia um gramado oficial, peças em miniatura representavam os jogadores de cada equipe, que movimentavam-se pelo "campo" seguindo o lançamento de um dado:

No jogo deve [sic] fazer parte onze jogadores de cada lado, sendo elles collocados da seguinte maneira: o guarda-méta no numero 1; os zagueiros nos numeros 2 e 3; os medios nos numeros 4, 5 e 6; os dianteiros nos numeros 7, 8, 9, 10 e 11; formando nessa disposição um quadro. [...]
O jogo começará com a bola no centro do campo; em seguida, sorteado o dado, o numero verificado somma-se com o numero 9 (simplesmente para inicio do jogo); o producto, então sommado successivamente pelos numeros que forem sendo sorteados pelo dado, irá attingindo os numeros que se verificam no campo, para os quaes devem ser sempre transportados a bola e os respectivos jogadores.⁷³

Por mais rudimentar que pareça, esse ancestral do nosso conhecido futebol de botão exemplifica muito bem a dimensão que o interesse despertado pelo futebol real atingira no Brasil ao iniciar-se a década de 1930. Como a mesma matéria não deixava de notar, "esse esporte, indubitavelmente, já se tornou instituição quase universal. Em todos os pontos, uma bola cheia de ar, vinte e dois combatentes e um juiz formam espetáculo que eletriza multidões frenéticas e barulhentas".⁷⁴

⁷³ N/a, "Futebol... de brinquedo". *A Gazeta – Edição Esportiva*, 19/01/1931, p. 5.

⁷⁴ *Idem, ibidem.*

Acompanhando de perto essa mobilização, a imprensa passa a dedicar-lhe atenção cada vez maior, como demonstra o caso da própria *Gazeta – Edição Esportiva*. Lançada em dezembro de 1928, com circulação a princípio semanal, no final da década seguinte ela é rebatizada *A Gazeta Esportiva* e passa a sair três vezes por semana, periodicidade que se mantém até 1947, quando torna-se diária. Embora procurasse focar as mais diversas práticas desportivas, incluindo aí as peculiares charadas e a esdrúxula “colombophilia” (criação de pombos para *raids* aéreos), o grande destaque de suas páginas era mesmo o futebol. Não que isso fosse novidade para a época, pois os acontecimentos do mundo da bola imperavam então em praticamente todas as colunas de esporte dos principais jornais. O diferencial da “*Esportiva*”, bem como o de sua matriz, *A Gazeta*, era a extensa e intensa cobertura que faziam não só do futebol oficial da Associação Paulista de Esportes Atléticos e seus clubes consagrados, mas também dos times da várzea e dos campeonatos de associações classistas, como as ligas operárias. Para se ter uma idéia da medida dessa cobertura, vale citar a comparação feita por Thomaz Mazzoni:

Citaremos os jornaes “L’Auto” de Paris, “La Gazzetta dello Sport”, “Il Littoriale” da Italia, “El Imparcial” de Montevideo, “Critica” de Buenos Aires, “Os Sports” de Lisboa, “Nemetzi Sport” de Budapest dos melhores entre os confrades estrangeiros. Às vezes, varios deles juntos, em um só dia, não dedicam ao futebol anonimo o espaço que dedicamos na “Gazeta” e note-se que nós limitamos nosso noticiario á atividade citadina, ou quando muito, regional e não nacional. Imaginem si nós cuidassemos da varzea do paiz inteiro... Seria preciso duas edições especiaes por dia...

Tamanha dedicação certamente levava em alta conta o potencial do imenso mercado aberto pela popularização do futebol. Aproximar-se do jogo significava atrair mais leitores para o jornal e, conseqüentemente, a possibilidade de aumentar suas vendas. Ao mesmo tempo, a produção e circulação desse noticiário contribuía para difundir e aumentar ainda mais as propensões pelo esporte bretão. Estabelecia-se assim uma relação de reciprocidade entre a imprensa e a bola, que também não escapou à percepção de Mazzoni:

Esses comentarios foram-nos inspirados ao depararmos, num jornal europeu, com um artigo do seu redator em que, abordando o estado atual do futebol profissional e do amador de clubes modestos, chega á conclusão de que deve

ser prestada maior atenção aos pequenos quadros. E o nosso collega estrangeiro augurando que tal aconteça leva tão a sério esse proposito, isto é, de se proteger os “modestos”, que nos dá, através do seu artigo, a impressão de que o seu jornal nunca publicou uma noticia de humildes gremios arrabaldinos. Isso nos leva á conclusão que em materia de propaganda, na imprensa, dos clubes anônimos, São Paulo, Rio etc. são um paraíso... O resultado dessa obra é o que vemos: a grande difusão e desenvolvimento de pequenos nucleos de futebol nesta cidade.⁷⁵

Enquanto a seção esportiva da *Gazeta* se firmava em São Paulo, no Rio de Janeiro o jornalista Mário Filho desempenhava papel semelhante, e fundamental, na aproximação das folhas ao cotidiano do futebol. Desde 1927, quando assume a página de esportes do diário *A Manhã*, de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues, ele procura romper com a sisudez habitual do noticiário futebolístico e com isso manter a empolgação do leitor – torcedor sempre em alta, na expectativa do próximo jogo de seu time. Essa sua ação se intensificou a partir de 1931, ano em que passa a dirigir a página de esportes de *O Globo*, e consistia, em linhas gerais, em valorizar os personagens principais do *association*: o jogador e o torcedor. Por um lado, Mário Filho cobria os treinos dos clubes, publicava entrevistas e biografias dos atletas, tecia continuidades entre o passado e o presente do futebol brasileiro; por outro, criava campanhas e concursos visando a estimular a presença do público nos estádios, como a distribuição de prêmios aos torcedores mais criativos, mais festivos e mais organizados. Segundo José Sergio Leite Lopes, o futebol começava a transcender sua dimensão esportiva para se converter em um grande espetáculo de massas.⁷⁶

Com o desenvolvimento da radiodifusão, essa conversão se potencializaria ao extremo. Introduzido no Brasil em 1922 com o propósito de funcionar como instrumento de educação e cultura – leia-se cultura “erudita” –, ao longo dos anos 1930 o rádio se populariza e se consolida enquanto veículo de comunicação e entretenimento. De acordo com Gisela Ortriwano, essa transformação foi em grande parte possibilitada pelo Decreto 21.111, de 1º de março de 1932, que, ao regulamentar o funcionamento da radiodifusão no país, autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio. A partir daí, “com a publicidade como suporte da programação, o

⁷⁵ Thomaz MAZZONI, “A imprensa e os pequenos clubes”. *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, pp. 64-5.

⁷⁶ José Sergio LEITE LOPES, “A vitória do futebol que incorporou a *pelada*”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, p. 77. A respeito da trajetória de Mário Filho, cf. também Ruy CASTRO, *O Anjo Pornográfico*, pp. 131-3, *passim*.

objetivo principal passa a ser o de alcançar grandes audiências, mercado para os produtos anunciados”. Isto implicou a mudança da linguagem empregada pelos locutores, que torna-se mais coloquial e direta, de fácil compreensão, e, principalmente, a mudança do perfil dos programas, mais e mais voltados ao gosto e ao interesse popular.⁷⁷

Logo, nada mais natural que o futebol conquistasse espaço nas ondas eletromagnéticas. E da mesma forma que acontecia com a imprensa esportiva, sua relação com o rádio definiu-se de pronto como uma relação de mão dupla: ambos impulsionaram um ao outro.⁷⁸ Ou melhor, é possível dizer que os três se impulsionaram em conjunto, a julgar pelo exemplo da PRAR – Rádio Record de São Paulo. Inaugurada em 1928, a emissora se firma nos ares em 1931, quando novos donos – entre eles Paulo Machado de Carvalho, nome de destaque na história tanto do rádio quanto do futebol brasileiros – assumem o seu comando. Em novembro do mesmo ano já ia para o ar, “com 500 watts de potência, o primeiro programa de esportes na PRAR. Chamava-se ‘Record nos Esportes’, e era feito em colaboração com um grande jornal vespertino, *A Gazeta Esportiva* [sic]”.⁷⁹ O sucesso alcançado pelo programa não é difícil de se deduzir, visto que em junho de 1933 a Record lançava

*um serviço esportivo completo, que durou mais de um ano, dando aos domingos, durante as competições de futebol, os resultados de todos os jogos que se realizavam em todos os campos de São Paulo e Rio, colocando ainda um marcador nos principais campos, marcador esse com os resultados de todos os jogos que se estavam realizando tanto nesta cidade como na capital da República.*⁸⁰

⁷⁷ Gisela Swetlana ORTRIWANO, *A Informação no Rádio*, pp.15-6. Segundo Nicolau SEVCENKO, “as primeiras descobertas do potencial aliciador da caixa falante foram feitas pela publicidade em sua destinação comercial. O modelo norte-americano de radiodifusão tinha como base as agências de publicidade, cujo interesse em explorar e testar recursos os mais variados para conquistar audiências acirrou a concorrência, desenvolvendo as técnicas de administração, programação, edição, locução, propaganda, distribuição e controle de mercados que acabaram prevalecendo no contexto sul-americano e brasileiro”. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”, em *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*, p. 587.

⁷⁸ De acordo com Edileuza SOARES, “o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa”. *A Bola no Ar*, p. 17.

⁷⁹ Programa comemorativo dos 44 anos da Rádio Record de São Paulo, apresentado em 11/06/1975. Acervo MIS/SP – Setor de Documentação.

⁸⁰ *Idem*.

Por essa época, partidas inteiras já eram regularmente transmitidas, indo ao encontro da demanda dos torcedores que não conseguiam lugar nas arquibancadas lotadas ou não podiam pagar pela assistência. De acordo com a historiografia sobre o rádio no Brasil, a primeira irradiação de um jogo de futebol no país coube ao *speaker* Nicolau Tuma, que em 19 de julho de 1931 narrou para os microfones da Rádio Educadora Paulista a partida entre as seleções de São Paulo e do Paraná, disputada no campo da Floresta, em São Paulo. No entanto, a leitura dos jornais do início dos anos 1930 indica que as emoções da bola já viajavam pelo ar antes dessa narração de Tuma. Em agosto de 1930, por exemplo, o *Correio da Manhã* informava que “o Rádio Club do Brasil, única estação de *broadcasting* carioca, que vem desde muito tempo transmitindo as principais partidas de *football* que se realizam nesta capital, São Paulo e Montevideú, vai agora adotar um novo sistema de descrição, como já se faz no Uruguai e na Argentina”.⁸¹

Seja como for, mais importante que precisar a quem coube o pioneirismo das transmissões é notar o quanto elas tinham de inovador. Se o próprio rádio ainda era de certa forma uma novidade, a narração direta dos noventa minutos de um jogo de futebol se transformava em desafio não apenas à técnica do locutor, mas também à capacidade de concentração e compreensão daqueles que estavam do outro lado do aparelho. Essa era a razão que levava o Rádio Clube do Brasil a distribuir aos seus ouvintes “um *croquis* do campo dividido em 30 quadros, pertencendo 15 quadros a cada *team*. Esses quadros servirão de referência para a detalhada descrição do jogo, podendo assim cada ouvinte saber, pela inspeção do *croquis*, a posição exata da bola”. Para complementar a audição, o *speaker* da emissora ainda daria, nos intervalos, “o resumo técnico e impressões do desenrolar da partida disputada”.⁸² A preocupação, percebe-se, era fazer com que o ouvinte “visse” o jogo, mesmo fora do estádio — o que é confirmado por Nicolau Tuma em seu relato sobre sua primeira experiência radiofônico-futebolística:

⁸¹ N/a, “A transmissão dos jogos de football”. *Correio da Manhã*, 20/08/1930, p. 11.

⁸² *Idem, ibidem.*

Fui eu para o campo da Floresta e transmiti uma partida de futebol. Mas eu precisei explicar ao público do outro lado, no seu fonezinho de galena, o que é que ele ia ouvir e como deveria interpretar aquilo que se estava transmitindo. Então eu disse: coloque na sua frente uma caixa de fósforos. Se não tiver uma caixa de fósforos, faça assim um retângulo na sua frente. Está pronto o retângulo, pronta a caixa de fósforos? Muito bem: eu estou bem no meio da caixa de fósforos; do lado esquerdo está jogando o clube paulista, do lado direito o representante do Paraná. Então, está claro que agora vocês estão tendo assim uma noção quase que visual daquilo que eu vou anunciar. E comecei a transcrever, a transmitir a partida naqueles lances, de um para o outro, outro pra cá, outro pra lá, drible, passou, bola fora... E acompanhando com muita rapidez, sem deixar vazios, porque sabia que não poderia deixar o ouvinte em perplexidade, na idéia de que havia sido paralisada a transmissão. Não: nos momentos em que a partida estava parada eu preenchia esse vazio com o comentário. Então, fazia-se a transmissão com o comentário simultâneo. Com isso, consegui ser aprovado nesse teste e consegui transmitir algumas partidas mais em 1931.⁸³

Nicolau Tuma pretendia, segundo suas próprias palavras, “transmitir uma imagem perfeita daquilo que se passava, uma fotografia oral do que se passava, para permitir àquele que estava apenas utilizando o sentido da audição entender, interpretar, compreender, acompanhar e torcer por uma partida de futebol”.⁸⁴ Juntamente com a imprensa, o rádio vai então redimensionar a forma de se acompanhar o futebol, transformando-se em companhia necessária, indispensável até, ao torcedor. É o que mostra uma notícia publicada na *Gazeta – Edição Esportiva* em maio de 1932:

Recebemos uma missiva assignada por diversos esportistas lembrando o São Paulo e o Palestra de permittirem a irradiação do prelio de hoje na Floresta devido ao facto de nem todos poderem assistir ao encontro dado a lotação insufficiente da Floresta para comportar o grande publico que se interessa pela pugna.

Milhares e milhares de esportistas de facto não se aventurarão a ir ao campo certos de que não encontrarão lugares. Irradiando a lucta um grande serviço seria prestado assim aos affeioados que não assistirão á lucta sem prejuizo algum para os gremios disputantes.⁸⁵

⁸³ Depoimento de Nicolau Tuma. Acervo MIS/SP – Setor de Documentação.

⁸⁴ *Idem.*

⁸⁵ N/a, “Lembrando para ser irradiado o jogo de hoje”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 08/05/1932, p. 9.

Além de conquistarem a audiência local, no decorrer das décadas de 1930 e, sobretudo, 1940 as ondas do rádio vão levar os principais nomes da bola ao público das regiões à margem do eixo Rio de Janeiro–São Paulo, encurtando a distância entre o centro e a periferia do futebol brasileiro. Já mesmo em 1930, por ocasião da Copa do Mundo disputada no Uruguai, o *Diário Carioca* ressaltava esse aspecto integrador da “radiotelephonia” ao saudar o Rádio Clube do Brasil como “grande benemérito do *sport* nacional” por levar “até os mais afastados rincões brasileiros a descrição dos jogos mais importantes de nosso *football*”.⁸⁶ E ainda que tal integração tenha sido prejudicada nesses primeiros tempos pelas dificuldades técnicas e pelas próprias características do desenvolvimento da radiodifusão no país, rádio e futebol começavam assim a forjar um espaço de experiências e sentimentos que reforçariam, ou mesmo criariam, uma identidade coletiva dentro da nossa comunidade imaginada.⁸⁷ Essa identidade era tão marcante que desde muito cedo foi possível percebê-la, como se depreende do artigo de Octavio Murgel Rezende publicado em 1932 na revista *Educação Physica*:

Pouco a pouco, mas fatalmente, brasileiros, vamo-nos diferenciando uns dos outros, nos costumes, na linguagem, na mentalidade, emfim.

A musica popular, entretanto, será sempre, pelo que observei, e não apenas deduzo, um ponto de contacto, um denominador commum. Além da musica, tambem os sports, principalmente, no momento, ao foot-ball, cabe papel saliente na obra da cohesão nacional.

Não é por espirito de simples imitação, mas, certamente, pelo de sympathia, que existem, pelo interior do Brasil, clubs com denominações identicas aos do Rio de Janeiro, como: Botafogo, Fluminense, Flamengo etc. [...]

*Estou, pois, intimamente convencido de que a unidade nacional, fadada a desaparecer por circunstancias mesologicas e, sobretudo, pelo desmesurado affluxo de populações de indole completamente diversa da nossa, como succede no sul do paiz, encontrará, ainda, na musica popular e nos sports associativos (e não nos individuaes, como box, esgrima) a força de cohesão necessaria para nos conservar um minimo irreductivel de afinidade emocional.*⁸⁸

⁸⁶ N/a, “A transmissão pelo radio das partidas do campeonato mundial de football”. *Diário Carioca*, 12/07/1930, p. 7.

⁸⁷ Benedict ANDERSON define “nação” como uma “comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana”. Segundo Anderson, toda nação é “imaginada” porque “nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”. *Nação e Consciência Nacional*, p. 14.

⁸⁸ Octavio M. REZENDE, “Os esportes como elemento de cohesão nacional”. *Educação Physica*, I, 2, 1932, p. 51.

Se fora dos gramados o futebol adquiria novos e amplos significados, dentro não seria diferente. De acordo com Anatol Rosenfeld, “quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol”.⁸⁹ Ou, como notou Thomaz Mazzoni,

a massa associativa de um clube, os afeiçoados que o sustentam, apenas têm contacto e se empregam com o seu gremio em campo. A sua unica e grande satisfação é ver o “onze” predileto vencer. Sem isso, é inutil que se tente entusiasma-la pela existencia do clube. É assim a psicologia do publico futebolistico. Quer somente saber, em primeiro lugar, dos seus jogadores e da vitoria destes. Com isso, os associados, os adeptos, a diretoria, correspondem, ajudam... até que o quadro perca... Os diretores podem deixar de falar sobre a situação economica do clube, podem assumir todas as atitudes que bem entendem, contanto que mandem a campo a turma que saiba vencer. Naturalmente, quando a derrota aborrece os associados e adeptos, então começa o mau estar e tudo que antes era bom passa a ser pessimo. A turma precisa ser modificada, o tal jogador “barrado”, o treinador é incompetente, a diretoria, boa ou má, deve cair fóra, etc.⁹⁰

Cada vez mais, a necessidade de vitórias colocava-se como questão de sobrevivência para os clubes, que viam-se obrigados a atrair os melhores jogadores para seus quadros, única forma de mandar a campo “a turma que saiba vencer”. Isso não apenas implicou o estremecimento das barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam um “perfil ideal” para os atletas como ainda disseminou por praticamente todos os clubes atitudes como a oferta de dinheiro e outras vantagens para aqueles que viessem a vestir sua camisa. A suposta essência do esporte, o amadorismo, era solapada pela realidade:

Hoje, muito raro, mesmo rarissimo, o club que possui em sua integridade, todos os elementos que praticam o sport pelo sport, unicamente visando seus beneficios propios. Não: nada disso. A maioria é profissional, desse profissionalismo mascarado de amador. E isso é um mal muito maior do que o profissionalismo regulamentado, sujeito á disciplinas e regras poderosas, que evitem o desvirtuamento completo de tão util sport.⁹¹

⁸⁹ Anatol ROSENFELD, “O futebol no Brasil”, p. 84.

⁹⁰ Thomaz MAZZONI, “Ante a vitoria...”. *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, p. 161.

⁹¹ F. E., “Amadorismo e profissionalismo — razões que surgem”. *Correio Paulistano*, 02/07/30, p. 7.

O “hoje” a que F. E., nosso conhecido cronista do *Correio Paulistano*, se refere é 1930, justamente o ano em que muitos atletas começam a migrar para países europeus e para o Prata em busca de reconhecimento profissional. Conforme Waldenyr Caldas, “os irmãos Fantoni, do Clube Atlético Mineiro, foram os primeiros jogadores a deixar o Brasil para se profissionalizarem no exterior. Seguiram-se os paulistas Del Débbio, Rato, Filó, Pepe, Amilcar Barbuy, De Maria e Serafim, todos entre os anos 1930 e 1932. Sem exceção, todos foram jogar na Itália”. Fausto e Jaguaré, grandes nomes do Vasco da Gama, ficaram no Barcelona da Espanha em 1931, quando excursionavam com a equipe carioca pela Europa; no mesmo ano, Tufi e Petronilho de Brito, dentre outros, vão para a Argentina.⁹²

Em contrapartida a tantos exilados da bola, a conscientização do valor dos jogadores motivou alguns a tentar organizar uma entidade de classe antes mesmo que a regulamentação do profissionalismo se concretizasse, como demonstra o comunicado que fizeram publicar na *Gazeta – Edição Esportiva* em 1932:

Não contentes com o systema de inscripção de jogadores, adoptados pela Apea, os signatarios da presente lista, depois de acurado estudo da questão resolveram, a exemplo do que se faz nos principaes centros civilizados, agregar-se para, em character associativo, defenderem seus interesses, já bastante conspurcados pelos que se dizem mentores do esporte paulista. Assim, fica desde já estipulado que se erguerão os futebolistas, formando uma associação de classe, com os seguintes principios, a serem atacados logo após a primeira reunião de que já se está cogitando:

a) Não consentir que continue o regimen de inscripção perpetua, visto que isso só pôde trazer humilhações áquelles que defendem as cores dos clubes paulistas e, portanto, as cores do futebol bandeirante e até do Brasil;

b) Defender aquelles jogadores que, por motivos ás vezes imponderaveis, são grandemente conspurcados nos seus brios de amadores, por diretores de clubes;

c) Fundar uma Caixa Beneficente para defesa dos que honrando o futebol paulista tornem sua saude abalada, a ponto de envelhecidos prematuramente se verem numa situação de quasi indigencia, como aconteceu com os ex-jogadores Tatú e Pedretti;

d) Conseguir que a Apea adopte o systema de inscripção por campeonato;

e) Evitar terminantemente que os clubes tratem os jogadores como mercadorias, porquanto clubes ha que, se receberem pedidos de “passe” pedem indemnizações ás vezes exorbitantes, á revelia do proprio jogador que se torna, desse modo, uma especie de objecto que se vende no mercado.⁹³

⁹² Waldenyr CALDAS, *O Pontapé Inicial*, p. 61.

⁹³ N/a, “Os jogadores da Apea estão tratando da fundação de uma entidade de classe”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 29/02/32, p. 7.

Tanto o manifesto dos jogadores paulistas quanto o êxodo de craques para o exterior revelam que os atletas percebiam muito bem – e não aceitavam mais – a situação contraditória que viviam no início da década de 1930. Mesmo que fizessem do futebol sua única profissão, o que era cada vez mais comum, eles não dispunham de qualquer garantia formal que lhes permitisse exercer seu trabalho com segurança e tranqüilidade.⁹⁴ A insatisfação, no entanto, não era demonstrada só por aqueles que entravam em campo. Muitos dirigentes cariocas e paulistas, bem como boa parte da imprensa esportiva, também estavam descontentes com as incertezas do semiprofissionalismo, ou “amadorismo marrom”. Para esses grupos, somente a profissionalização poderia assegurar a força dos clubes e o vigor do espetáculo, à medida que criaria um vínculo mais efetivo e consistente entre jogadores e equipes.

Em meio ao conflituoso debate que então se abriu entre “profissionalistas” e “amadoristas”, em janeiro de 1933 os presidentes do Fluminense, Vasco da Gama, Bangu e América rompem com a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos e fundam a Liga Carioca de Futebol (LCF), primeira entidade dirigente a aceitar oficialmente o profissionalismo no futebol brasileiro. No mês seguinte, seus dirigentes reúnem-se em São Paulo com membros da Associação Paulista de Esportes Atléticos para firmarem um acordo pelo reconhecimento conjunto da profissionalização dos jogadores. A união das duas maiores forças do futebol brasileiro, algo que em um passado recentíssimo parecia impossível, pavimentava o caminho que vinha sendo aberto desde pelo menos a década anterior.⁹⁵ Um caminho sem volta, como logo pôde constatar o Botafogo do Rio de Janeiro, único grande clube que relutara em aceitar o profissionalismo à época:

*Permanecendo ao lado do falso amadorismo, o outrora pujante clube da Metrópole declinou bastante no seu valor técnico, tendo perdido a maioria dos seus “azes” campeões, os quaes preferiram entregar-se ao profissionalismo ou ficaram inactivos.*⁹⁶

⁹⁴ Cf. Waldenyr CALDAS, “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, p. 44.

⁹⁵ O processo de adoção do profissionalismo no futebol brasileiro é analisado detalhadamente por Waldenyr CALDAS em seu livro *O Pontapé Inicial*, pp. 203-23.

⁹⁶ N/a, “O Botafogo em São Paulo”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 16/10/1933, p. 6.

Para os jogadores, na verdade, buscar a profissionalização não se tratava de mera questão de preferência. O futebol permitia a sobrevivência imediata e, quem sabe, a realização do sonho da ascensão sócio-econômica para muitos daqueles que não encontravam essa oportunidade pela via do trabalho. Agora, o próprio jogo virara um trabalho e, na bela expressão de Anatol Rosenfeld, “dar pontapés numa bola era um ato de emancipação”. Daí os bons jogadores serem encontrados em meio à massa: eles não tinham nada a perder – muito pelo contrário.⁹⁷ O caso de Rui Campos, titular da seleção brasileira na década de 1940, ilustra bem essa nova situação. Seu pai se opunha à carreira de futebolista, preferia que o filho fosse “doutor”; dificuldades financeiras, entretanto, o levaram a largar os estudos e dedicar-se às chuteiras. Décadas depois, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, Rui afirmaria ter jogado futebol “por necessidade. Profissional, por necessidade. Gosto de jogar futebol, sempre gostei, mas joguei por necessidade, para ajudar meus pais e meus irmãos”.⁹⁸ Histórias semelhantes eram tão comuns no período que chegaram até a ganhar as telas do cinema: no filme *Futebol em Família*, de 1938, “o personagem Leônidas Jaú abandona os deveres escolares sob pressão da família, que queria vê-lo professor, para dedicar-se ao futebol”.⁹⁹

A afirmação do profissionalismo, contudo, não significou a acomodação dos conflitos que marcavam o meio futebolístico nacional. Como a CBD reiterara seu caráter amadorístico, o compromisso firmado entre paulistas e cariocas cria a Federação Brasileira de Futebol (FBB) para abrigar os principais clubes do país, agora

⁹⁷ “Evidenciou-se que nas camadas inferiores, entre os negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, seja porque a ‘sucção da subida’ e o remoinho das chances do futebol os envolvia e canalizava, seja porque eles, que não eram estudantes de medicina ou direito e freqüentemente não tinham uma profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo; em suma, porque levavam o jogo à sério e ‘não tinham nada a perder’. Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade da ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo: este tornou-se, como a embriaguez do álcool e da dança, um caminho de fuga, certamente um caminho que parecia ir para cima. Apenas poucas décadas antes havia sido abolido o sistema de escravidão. Ainda aderiam uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se para eles um trabalho, e pôde igualmente relacionar-se com a emancipação dos escravos – num país que nunca teve o equilíbrio de uma ética puritana do trabalho – o fato de que, por outro lado, muitas vezes também o trabalho foi realizado como se fosse um jogo”. Anatol ROSENFELD, “O futebol no Brasil”, pp. 84-5.

⁹⁸ Depoimento de Rui Campos. Acervo MIS/SP – Setor de Documentação.

⁹⁹ João Luiz VIEIRA, “A chanchada e o cinema carioca”, em Fernão RAMOS, *História do Cinema Brasileiro*, p. 181, nota 26. Cabe notar que o nome do personagem remete ao grande ídolo do futebol brasileiro nos anos 1930 e 1940, Leônidas da Silva.

profissionais. O choque entre o “espírito amadorista” e os novos tempos abria assim outra crise institucional, que atingiu seu ápice às vésperas da disputa da segunda Copa do Mundo, realizada na Itália, em 1934. Como no caso da briga entre paulistas e cariocas quatro anos antes, “profissionalistas” e “amadoristas” eram intransigentes, e não houve acordo que possibilitasse a cessão dos jogadores da FBF para a seleção montada pela CBD. A equipe, novamente desfalcada e novamente com sua representatividade contestada, fez um único jogo em terras italianas, em Gênova, no dia 27 de maio, o qual perdeu para a Espanha por 3 a 1, sendo diretamente eliminada da competição. O jornal *O Estado de São Paulo* assim comentou o que, na sua opinião, havia por trás desse resultado:

*Certos esportistas, ou como taes considerados, não se compenetraram de que a representação de um povo, em reuniões internacionaes, mesmo em se tratando de futebol, é coisa muito mais seria do que elles imaginam. Basta lembrar que, na Europa, os estadistas de renome têm interferido nos factos esportivos. Dos nossos estadistas nada se podia esperar, porque elles, infelizmente, não sabem o valor de iniciativas desta natureza.*¹⁰⁰

Na realidade, ao contrário do que diz o *Estado*, o futebol despertou, sim, o interesse dos nossos estadistas naquele momento. Olhando em perspectiva histórica, talvez seja precisamente este o aspecto mais importante, embora até hoje pouco notado, da participação brasileira na Copa de 1934. O então presidente da CBD era Luiz Aranha, irmão do ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, ambos revolucionários de 1930 e diretamente ligados ao presidente Getúlio Vargas, enquanto o chefe da delegação que foi à Itália era Lourival Fontes, diretor da secretaria geral do gabinete do interventor do Distrito Federal e que viria a ser, no Estado Novo, diretor do todo-poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Essa íntima relação entre o poder e o esporte não escapou à *Folha da Manhã*, que, sem meias-palavras, atribuía à “situação política dominante” o fato de Luiz Aranha estar à frente da CBD – de onde, aliás, defendia a oficialização dos esportes como “medida necessária, tendo em vista a influência do esporte para tornar conhecido o país”.¹⁰¹ Como se não bastasse,

¹⁰⁰ N/a, “Os grandes jogos de domingo em Roma”. *O Estado de São Paulo*, 29/05/1934, p. 9.

¹⁰¹ P. P. A., “Erro de apreciação”. *Folha da Manhã*, 12/05/1934, p. 10.

à época ainda circulavam boatos de que o próprio presidente estaria atuando nos bastidores com vistas a reforçar o escrete:

Rio, 9 (Da succursal) – Ao que se afirma aqui, o sr. Getulio Vargas intercedeu junto ao sr. Gabriel Terra, presidente do Uruguay, no sentido de conseguir do Nacional a cessão do passe de Domingos, para integrar a selecção brasileira. O Nacional teria solicitado para isso, porém, o pagamento de 45 contos.¹⁰²

Com ou sem a suposta intervenção presidencial, o fato é que o zagueiro Domingos da Guia – mais um dos muitos craques que haviam trocado o falso amadorismo pelo reconhecimento profissional no exterior – não foi à Copa. Vargas sem dúvida andava mais preocupado com a situação política do país, abalada por rumores de um golpe militar iminente, mas, mesmo em meio aos problemas, não deixou de receber os atletas brasileiros antes da viagem para a Itália:

Acompanhado dos srs. Luiz Aranha e Lourival Santos [sic], estiveram á tarde no Palacio Guanabara, onde apresentaram despedidas ao chefe do governo provisorio, os jogadores brasileiros que vão disputar em Roma o campeonato mundial de futebol e que partirão amanhã.

Logo após a chegada ao Guanabara, a embaixada esportiva foi recebida pelo sr. Getulio Vargas, que se achava acompanhado do ministro [da Viação e Obras Públicas] José Americo [de Almeida] e do interventor [do Distrito Federal] Pedro Ernesto. Depois de fazer a apresentação dos jogadores, o sr. Luiz Aranha expoz as “démarches” feitas para a organização da embaixada, descrevendo as dificuldades encontradas pela Confederação, em vista da opposição de varios elementos.

O sr. Getulio Vargas falou em seguida dizendo aos esportistas que a missão não era somente de caracter esportivo, mas envolvia o desempenho de um dever civico em pról da representação brasileira no estrangeiro.

“Ides para um paiz – diz o chefe do governo provisorio – que se renova moral e materialmente. O italiano, que se sentia deprimido antes do advento do fascismo, sente-se agora orgulhoso de sua propria raça. É esse o exemplo que deve guiar os esportistas brasileiros”.¹⁰³

Ao citar o regime italiano como exemplo a ser seguido pelos esportistas brasileiros, Vargas já prenunciava o rumo que em breve seu governo tomaria, bem como indicava que percebera, como Mussolini, um sentido sócio-político no esporte.

¹⁰² N/a, “Os preparativos para a participação do Brasil no certame mundial de futebol – Uma intervenção do dictador”. *Folha da Manhã*, 10/05/1934, p. 10.

¹⁰³ N/a, “O sr. Getulio enaltece o fascismo esportivo”. *Folha da Manhã*, 12/05/1934, p 10.

Afinal, a Copa de 1934 não se realizou na Itália por mero acaso, e sim graças aos desmedidos esforços do *Duce* para fazer de seu país a sede da competição, esforços depois desdobrados na formação de uma equipe campeã, que espelharia a força triunfante do fascismo.¹⁰⁴

Antes porém que o governo Vargas se aproximasse de forma mais efetiva do futebol, os dirigentes das duas entidades que disputavam o controle do *association* nacional chegaram, finalmente, a um entendimento. Três anos depois do fiasco na Itália, a CBD reconhecia a legitimidade do profissionalismo e a FBF, sem mais razões para existir, se dissolvia. Longe das crises, o futebol logo entraria no clima nacionalista do Estado Novo, regime político instaurado, por coincidência, nesse mesmo ano de 1937. E se o país estava em chuteiras já havia muito tempo, no ano seguinte a pátria encontraria em mais uma Copa do Mundo, desta vez disputada na França, a ocasião perfeita para calçá-las também. A expectativa, de fato, era enorme. Tanto que em meados de março desse ano, cerca de três meses antes do início da competição, a *Gazeta – Edição Esportiva* afirmava que “a organização do selecionado brasileiro que participará do Campeonato do Mundo constitui, no momento, o assunto palpitante das rodas onde se discutem esportes”.¹⁰⁵

Desta vez não era mais São Paulo ou o Rio de Janeiro, nem partidários do amadorismo ou do profissionalismo, mas sim a sociedade brasileira que percebia que a Copa do Mundo, por ser um “momento extraordinário dentro da rotina do futebol” é uma ocasião privilegiada para a afirmação das diferenças de um povo frente a outros, bem como para promover a auto-identificação entre os habitantes de um mesmo país.¹⁰⁶ No Brasil de 1938, esse sentimento de união era incitado por campanhas como a do “selo pró-seleção”, lançado pela CBD para adquirir fundos para a viagem à França. Cada selo custava 500 réis, e trazia impresso o significativo *slogan* “auxiliar o *scratch* é dever de todo brasileiro” – dever que foi levado à sério

¹⁰⁴ Cf. Eduardo GALEANO, *Futebol ao Sol e à Sombra*, p. 69; Thales de MENEZES, “Itália vence para Mussolini”. *Folha de São Paulo*, “A História das Copas”, p. 4; Orlando DUARTE, *Todas as Copas do Mundo*, p. 36

¹⁰⁵ N/a, “Cuida-se com patriotismo e entusiasmo da nossa seleção á Taça do Mundo”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 14/03/1938, p. 5. Um dos subtítulos desta matéria é particularmente interessante para demonstrar o tom que então predominava: “em minoria insignificante os infallíveis derrotistas”.

¹⁰⁶ Cf. Arno VOGEL, “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional”, em Roberto DAMATTA (org.), *Universo do Futebol*, p. 82.

não só pelo povo, mas também por empresas e instituições. Segundo a *Gazeta – Edição Esportiva*, a CBD recebera uma comunicação do Banco do Brasil informando estar à disposição “a importância de 20:000\$000, afim da mesma fazer face às despesas com a delegação nacional que tomará parte no Campeonato Mundial de Futebol, a realizar-se em Paris. O Moinho Inglez, para o mesmo fim, enviou à entidade referida um cheque de 5:000\$”.¹⁰⁷

Enquanto os patriotas cumpriam seu dever cívico, o *scratch* se preparava em Caxambu, Minas Gerais, de onde chegavam diariamente notícias animadoras e estimulantes como esta:

*A delegação brasileira que dentro em pouco deixará o Brasil em demanda da Europa, em busca do título de campeão mundial, apresentou-se em plena forma. E, neste momento, todos nós, brasileiros, devemos nos orgulhar e nos entusiasmar cada vez mais para que aqueles que vão ao estrangeiro nos representar tenham coragem, disciplina, alegria e patriotismo acima de tudo. A delegação brasileira, que tem á sua frente a pessoa do presidente Getulio Vargas, um dos maiores entusiastas do esporte nacional, só tem uma trilha a seguir: a busca da victoria.*¹⁰⁸

Diferentemente do que ocorrera em 1930, quando a seleção não merecera maior atenção do governo de Washington Luís, e de forma mais elaborada que em 1934, agora o nacionalismo de Estado encontrava e assumia o sentimento popular, e vice-versa. As constantes referências a Getúlio e aos altos interesses do país legitimavam o caráter oficial da delegação, reforçado pela escolha da filha do presidente, Alzira Vargas, como madrinha da equipe.¹⁰⁹ Os jogadores constituíam uma embaixada brasileira, da qual se esperava o mesmo que então se exigia de cada cidadão comum: coragem, disciplina, patriotismo acima de tudo. Eram estes os ingredientes que alimentavam o sonho de fazer do Brasil tanto uma grande nação quanto campeão do mundo de futebol. E como em sonho tudo é permitido, valia até voltar no tempo para dourar os desejos:

¹⁰⁷ N/a, “Auxílios para a participação do Brasil na Taça do Mundo”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 28/03/1938, p. 10.

¹⁰⁸ N/a, “O treino de ontem em Caxambu”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 04/04/1938, p. 2.

¹⁰⁹ Cf. Plínio José Labriola de Campos NEGREIROS, “A Nação Entra em Campo: Futebol nos Anos 30 e 40”, p. 269.

Antes do treino de sexta-feira ultima o nosso photographo reuniu no vestiario em pose especial seis elementos: quatro “azes” actuaes e dois veteranos, todos zagueiros. Vemos os “velhos” Bianco e Grimaldi (antiga zaga do Palestra) e Jahú, Nariz, Domingos e Machado, os quatro zagueiros da selecção nacional que irá a Paris. Ligamos assim simbolicamente a geração de 1919 que deu o 1o. Campeonato Sul-Americano ao Brasil e a de 1938 que irá tentar o titulo mundial para as nossas cores. Bianco foi o maior zagueiro da America do Sul naquelle glorioso anno. Oxalá que o mesmo successo obtenha agora o seu “descendente” da selecção brasileira na III “Copa do Mundo”.¹¹⁰

Mediada pelos jornais e pelo rádio, o encontro da popularidade do futebol com o ideário do Estado Novo contagiava o país, e fez da partida dos brasileiros para os campos de batalha franceses uma “apoteose”, de acordo com a ampla cobertura feita pela *Gazeta – Edição Esportiva*:

Este nosso clima caprichoso, que fez cahir sobre o Rio, na tarde de antehontem uma chuva inclemente e irritante, não impediu que o embarque da embaixada brasileira á “Taça do Mundo” constituisse uma apothese.

Milhares de pessoas, enfrentando o mau tempo, se dirigiram ao caes Mauá para dizer o seu adeus aos “azes” patricios, dando-lhes um grande conforto moral na hora em que partiam para terra estranha em busca de maiores glorias para o Brasil esportivo.

Desde meio dia, portanto duas horas antes do “largar” do “Arlanza”, o povo começou a afluir ao caes, que cerca das 14 horas apresentava um aspecto grandioso e um ambiente de intensa vibração. A multidão se comprimia na praça Mauá, ocupando todos os pontos de onde fosse possível vêr melhor a chegada dos “azes”. Estes, á medida que iam aparecendo, tornavam-se alvo de entusiasticas aclamações que partiam sinceras daquela multidão. Um extenso cordão de isolamento foi instalado sob a vigilancia de grande contingente da Guarda Municipal afim de evitar que o povo, levado pelo seu enorme entusiasmo, opuzesse qualquer dificuldade ao embarque da delegação.

Foi a maior demonstração de sympathia feita a uma embaixada esportiva patricia na sua partida para o estrangeiro, uma authentica e comovente consagração a dizer bem do elevado sentimento patriotico com que o povo brasileiro acompanha a nossa participação no magno certamen mundial.

Que a sorte não venha a ser inimiga dos nossos “azes”!

O “Arlanza” fez-se ao largo ás 14,40 horas. E ao se afastar o navio, a multidão, em delirio, ovacionava freneticamente os “azes” brasileiros que, postados no convez, retribuïam as aclamações com o agitar de lenços. Só quando o “Arlanza” desaparecia ao longe a mole humana deixou o caes, certa de que, em terras longinquoas, os “azes” patricios jogarão com o pensamento na patria distante, ouvindo, sempre, o grito de entusiasmo e de

¹¹⁰ N/a, “1919... 1938...”. A *Gazeta – Edição Esportiva*, 25/04/1938, p. 3.

*incitamento que partiu de milhares de brasileiros na hora do embarque e que é o grito unisono do paiz inteiro.*¹¹¹

A mesma reportagem dizia ainda que “a data do regresso da seleção depende da nossa sorte no campeonato do mundo. Sobre esse ponto, a CBD fez um estudo antes do embarque, determinando as seguintes datas, em caso de derrota: 8, 14 e 18 de junho, e 25 do mesmo mês, se disputarmos a final. Que o regresso seja a 25, eis o que almejam todos os brasileiros”. Essa “corrente para a frente” é registrada e incentivada por praticamente todas as folhas da época, mas o olhar retrospectivo de quem viveu aqueles dias dentro do grupo que foi à França mostra que o preparo e a organização da equipe brasileira não eram tão exemplares quanto pareciam. Mais de quarenta anos depois, o ex-jogador Luizinho (Luiz Mesquita de Oliveira) lembrava com tristeza da Copa de 1938:

*Você não imagina a tristeza que foi aquele nosso negócio. Nós não tivemos o menor patriotismo, não tivemos a menor consciência do que íamos fazer. Nós fomos passear, eu fui passear. Ninguém disse: olha, nós vamos fazer um campeonato do mundo, então precisamos jogar direito, precisamos treinar aqui na Europa e tudo o mais. Basta dizer que nós saímos daqui, na Bahia já houve um enguiço com jogador de futebol. O navio atrasou pra esperar uns “caboclinhos”, que estavam em certos lugares onde não deviam e não chegaram na hora do navio. Em Portugal, quatro dos nossos companheiros foram presos. Chegamos à França, descemos do navio, pegamos um trem e fomos até Paris – eu não lembro do porto em que descemos –, para uma estaçãozinha lá. Descemos do trem, cadê nosso ônibus? Sentamos numa praça, cada um vigiando a sua maletinha para não ter nenhum “espeto” que fosse pegar. Disse: como é, o negócio aí fica nisso? “É, precisa saber onde é que nós vamos”. E o hotel, qual é o hotel? “Nós não sabemos o hotel ainda”. Aí pegamos um rapaz que era auxiliar do nosso chefe, do Castelo Branco [José Maria Castelo Branco, chefe da delegação]. Ele era muito bonzinho, mas não teve habilidade para dirigir a nossa excursão, infelizmente. Ele mandou o rapazinho à embaixada brasileira, então veio um attaché nosso, um rapaz que trabalhava com o cônsul, porque não tinha intérprete. Aí fomos fazer a nossa via-sacra.*¹¹²

¹¹¹ N/a, “Uma apoteose o embarque da embaixada brasileira para a França!”. *A Gazeta – Edição Esportiva*, 02/05/1938, p. 2.

¹¹² Depoimento de Luiz Mesquita de Oliveira (Luizinho). Acervo MIS/SP – Setor de Documentação. Embora sem as minúcias de Luizinho, o depoimento de Leônidas da Silva, o grande destaque da seleção de 1938, também faz referência à desorganização da equipe, contagiada pela euforia: “Como sempre, nós saímos daqui eufóricos, vamos ganhar e tal, embora não se reconhecesse o respeito que deveria ser mantido pelo futebol europeu. E nós acabamos nos considerando os maiores, mas faltando condições para tornarmos-nos os maiores”. Depoimento de Leônidas da Silva. Acervo MIS/SP – Setor de Documentação.

Ao que parece, os problemas relatados por Luizinho não chegaram ao país — ou foram devidamente abafados ou se perderam em meio à agitação desenfreada que tomava conta do território nacional. O locutor e produtor Renato Murce lembra que, quando o campeonato começou, “o Brasil inteiro parou, nas ruas, em frente às lojas, em casa, em toda a parte, para ouvir as irradiações do Gagliano Neto”,¹¹³ o *speaker* oficial da cadeia de emissoras Byington, que conseguira a exclusividade das transmissões diretas dos jogos da seleção. Gagliano Neto viajava inclusive como membro oficial da delegação (assim como os jornalistas Thomaz Mazzoni, Afrânio Vieira e Everardo Lopes), e suas narrações o faziam tão popular quanto os próprios jogadores, demonstrando a força do rádio e a mobilização da nação em torno do futebol naquele momento.

Tal mobilização foi posta à prova já na primeira partida do escrete, contra a Polônia, realizada em Estrasburgo no dia 5 de junho. No primeiro tempo, a equipe do técnico Ademar Pimenta vencia com tranqüilidade por 3 a 1, mas depois permite a reação adversária e o jogo torna-se dramático. Ao final do tempo regulamentar, o empate em 4 a 4 levou à prorrogação para decidir quem seguiria no torneio, pois o sistema de disputa era eliminatório. Trinta minutos depois, a vitória brasileira por 6 a 5 foi um bálsamo para as emoções daqueles que, de norte a sul do país, patrioticamente padeceram em torno de um rádio, como o então estudante Décio de Almeida Prado:

Eu cursava o terceiro ano da Faculdade de Filosofia. Terminadas as aulas, dadas à tarde, na praça da República, passávamos por uma confeitaria da rua Barão de Itapetininga. Era a hora do descanso, da confraternização, dos comentários, em que repassávamos filmes, livros, colegas, professores. Num domingo à noite, só para andar um pouco, gastar a tensão nervosa acumulada, encaminhei-me para lá, sem a esperança de encontrar os amigos, já que não era esse o hábito nos fins de semana. Aos poucos, surpreendentemente, foram chegando os outros. Tentamos abordar os assuntos costumeiros, mas a prosa não pegava. Só nos reanimamos, só nos reencontramos, quando percebemos que todos, homens ou mulheres, fanáticos ou indiferentes ao futebol, havíamos compartilhado na tarde que passara da mesma experiência emocional, ouvindo a interminável partida em que o Brasil venceu a Polônia por 6 a 5. Tinham sido duas horas sofridas, de contínuas esperanças e desesperanças. Fazíamos um gol, a Polônia fazia outro. Empatamos por 4 a 4 nos noventa minutos regulamentares e

¹¹³ Renato MURCE, *Bastidores do Rádio*, p. 57. Cf. também Plínio José Labriola de Campos NEGREIROS, “A Nação Entra em Campo: Futebol nos Anos 30 e 40”, pp. 272-91.

*ganhamos por 2 a1 nos trinta de prorrogação. Haverá quem agüente? Raras vezes a pátria terá exigido tanto de seus filhos, nunca tantos sofreram por tão poucos.*¹¹⁴

A angústia nacional lembrada por Décio e corroborada pelo noticiário sobre a partida contrasta com o deslumbramento francês frente àquela forma “veloz”, “prodigiosa” e “desconcertante” de se jogar o futebol, registrado por Lucien Gamblin nas páginas do periódico *L’Auto*, precursor do famoso diário esportivo *L’Équipe*:

*Strasbourg, 5 juin (par téléphone) – Ne cherchons plus l’attraction de la troisième Coupe du monde, nous l’avons dénichée cet après-midi, à Strasbourg, où, devant vingt mille spectateurs, l’équipe du Brésil a démontré que cette dénomination lui convenait parfaitement. On était curieux de savoir comment se comporteraient en match les footballeurs brésiliens, qui n’avaient exposé aux yeux de ceux qui avaient pu les approcher, que d’exceptionnelles qualités de jongleurs de balle et une aisance stupéfiante à exécuter des choses difficiles, mais individuelles et très loin des gestes classiques du football.*¹¹⁵

O jornalista francês apenas confirmava que o futebol dos brasileiros era muito diferente daquele praticado pelos europeus, algo percebido pelos nossos cronistas esportivos desde pelo menos 1919, quando, lembremos, a seleção conquistou seu primeiro título sul-americano. Quanto mais distantes dos “movimentos clássicos do *football*”, mais nos afirmávamos nos campos, a ponto de Thomaz Mazzoni escrever, em meados dos anos 1930, que o nosso futebol “nada tem que assimilar, nada tem que aprender dos outros. Pelo contrário, podemos fazer escola...”¹¹⁶

¹¹⁴ Décio de Almeida PRADO, “Latejando com o futebol”, em *Seres, Coisas, Lugares: Do Teatro ao Futebol*, p. 203. Mais à frente, a argúcia de Décio ainda nos brinda com um breve, porém belo, comentário acerca das transmissões radiofônicas e o efeito que causavam em seus ouvintes: “É verdade que o rádio, na voz exaltada dos locutores, dava aos jogos da época uma vibração que eles jamais tiveram, antes ou depois, com tamanha intensidade. É como se estivéssemos à beira do campo, seguindo a bola de pé em pé, porém libertos das limitações que a realidade impõe à imaginação, e, sobretudo, sem o implacável testemunho da televisão. Não havia partida que não tivesse contornos épicos. Os nossos chutes (porque eles eram nossos, não dos nossos emissários em campo) raspavam as traves com infernal falta de sorte, os goleiros adversários faziam milagres, os juízes roubavam-nos dando pênaltis imaginários e deixando de consignar outros escandalosamente visíveis, ‘os nossos rapazes’ – não havia ainda essa história ridícula de ‘garotinhos’ – revelavam-se verdadeiros leões no terreno da luta, ou caindo feridos pela adversidade ou triunfando sobre os conhecidos fatores campo (geralmente enlameado nas derrotas), clima, alimentação, arbitragem e torcida”. *Idem*, p. 204.

¹¹⁵ Lucien GAMBLIN, “Les Brésiliens, véritables jongleurs, surprennent les Polonais (6-5)”. *L’Auto*, 06/06/1938, reproduzido em *L’Équipe Magazine*, “Brésil, L’Amour Foot”, p. 107.

¹¹⁶ Thomaz MAZZONI, “A livre importação de jogadores estrangeiros”. *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, p. 84.

Essas idealizações ainda esparsas a respeito da especificidade do *futebol* frente ao *football* seriam retomadas com grande força na seqüência dos jogos do escrete nacional. Uma semana depois de maravilharem o público de Estrasburgo, os *véritables jongleurs brésiliens* enfrentam a Tchecoslováquia, em Bordeaux. Mais uma vez, os torcedores pátrios acompanham a irradiação de Gagliano Neto com o coração em sobressaltos. Foram outros 120 minutos épicos, em que a seleção, reduzida a nove jogadores devido às expulsões de Machado e Zezé, segurou o empate em 1 a 1 e forçou uma nova partida para definir qual dos países passaria à semifinal da competição. Segundo Thomaz Mazzoni, a equipe fora uma “patrulha heróica que fez o possível e o impossível. No fim do prélio parecia que tínhamos despertado de um pesadelo e perguntávamos a nós mesmos se era verdade que o Brasil não tinha sido ainda eliminado da Copa do Mundo”.¹¹⁷

Não, não tinha, e 48 horas mais tarde a equipe voltava ao Estádio Municipal de Bordeaux para vencer os tchecos por 2 a 1, resultado que levou o sociólogo—torcedor Gilberto Freyre a lavrar a certidão de nascimento da brasilidade futebolística em meio à euforia que tomou conta do país. Em artigo para o *Diário de Pernambuco*, sugestivamente intitulado “Foot-ball mulato”, o pensador de Apipucos diz:

*O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro, que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.*¹¹⁸

Atento ao processo de massificação do esporte bretão e, principalmente, ao encontro de raças e classes que ela promovia nos gramados, dois anos antes Freyre já

¹¹⁷ Thomaz MAZZONI, *O Brasil na Taça do Mundo*, p. 20.

¹¹⁸ Gilberto FREYRE, “Foot-ball mulato”, reproduzido em *Sociologia*, 2º Tomo, p. 432.

comentara em *Sobrados e Mucambos*, continuação do seu inovador *Casa-Grande & Senzala*, “a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro entre os atletas, os nadadores, os jogadores de *foot-ball*, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços”.¹¹⁹ Vista no contexto do livro, esta tímida observação do autor, além de constatar algo que vinha ocorrendo há pelo menos duas décadas, sugere que tal ascensão do mulato implicava sensível mudança na forma de praticar o *association* aqui nos trópicos. Implicava o seu abasileiramento, que aquele “*team* fortemente afro-brasileiro” agora expressava à perfeição, causando sensação na velha Europa:

[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de organização interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. [...] Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha.¹²⁰

Assim, se a percepção das diferenças entre as formas de jogar o futebol nada tinha de inédita, Gilberto Freyre é pioneiro em explicá-las, ou apresentá-las, em termos culturalistas. Baseando-se em *Patterns of Culture*, livro da antropóloga norte-americana Ruth Benedict, de 1935, Freyre define o nosso estilo de jogo a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolíneo” (formal, racional, ponderado), que seria próprio dos europeus, e outro “dionisíaco” (individualista, emocional, impulsivo), característico da índole mestiça que demarcaria a singularidade brasileira. O próprio deus Dionísio, aliás, vestiria a camisa da seleção, encarnado em Leônidas da Silva. Ídolo maior do futebol brasileiro, a habilidade de Leônidas com a bola nos pés fascinava os olhos e os ouvidos incrédulos do público europeu, como revela o relato do cronista do *Il Popolo d'Italia* sobre o jogo-desempate contra a Tchecoslováquia:

¹¹⁹ Gilberto FREYRE, *Sobrados e Mucambos*, p. 362.

¹²⁰ Gilberto FREYRE, “Foot-ball mulato”, reproduzido em *Sociologia*, 2º Tomo, p. 432.

Leonidas, um preto que é uma verdadeira “pimenta do reino”, no primeiro tempo, entre outras cousas, fez o seguinte: de um passe que lhe proporcionou Brandão, avançou na área, ficou de costas para o arco. Percebendo a entrada de um zagueiro contrário, deu um formidável salto no ar, e, fazendo uma volta sobre si mesmo, de “sem pulo” atirou violentamente bem no canto baixo da rede. Como pôde o arqueiro checo perceber aquela manobra e “mergulhar”, defendendo o tiro com as pontas dos dedos, é cousa que nunca terá uma explicação.¹²¹

Mas a melhor dimensão do sucesso de Leônidas na Copa de 1938 é dada por ninguém menos que ele mesmo, em carta enviada ao jornalista José Maria Scassa, redator da revista carioca *Sport Illustrado*. Escrevendo de Bordeaux logo após a vitória sobre os tchecos, o craque, muito justificadamente, não se continha: “Estou contentíssimo aqui na França, sou tratado como um Deus por esse povo gentil. Tenho, à parte a modéstia, abafado nos jogos aqui realizados”.¹²² Pena que na partida seguinte, contra a poderosa Itália, que decidiria uma vaga nas finais do campeonato mundial, o “Diamante Negro” não estaria presente para “abafar” mais uma vez, para a profunda decepção de Thomaz Mazzoni e, depois, de todos os brasileiros:

Quando chegamos, ante-ontem, à noite, no hotel (a turma que iria jogar tinha chegado pela manhã) e nos puzeram ao corrente das novidades, soubemos com grande surpresa que Leonidas não iria jogar. Era impossível que tal sucedesse. Distensão muscular, não poderia suportar um novo prelio – disse-nos Pimenta. Logo, contra a Italia não alinharia Leonidas. Diremos, sinceramente, aos nossos caros leitores que uma profunda tristeza nos invadiu o coração, destino maligno do Brasil na Taça do Mundo. Por que esse destino nos castigava, assim, tão impiedosamente, a ponto de tirar-nos do quadro justamente o homem mais preciso, o mais scintilante dos jogadores? Sem Leonidas, compreendemos que muito penosa devia ser nossa missão contra a Italia. Que ironia da sorte! Privar o XI de Leonidas, no prelio mais importante, contra o adversario mais temível! Até agora não nos podemos conformar por que o destino foi tão bárbaro contra o Brasil na semi-final, sem levarmos em conta o que aconteceu nos nossos jogos precedentes.¹²³

¹²¹ N/a, “Si aqueles são reservas”, *apud* Thomaz MAZZONI, *O Brasil na Taça do Mundo*, p. 86.

¹²² N/a, “Sonhando ainda com a consagração definitiva do Brasil... Uma carta de Leonidas a um redactor de SPORT ILLUSTRADO, que será um documento historico-sportivo”. *Sport Illustrado*, 29/06/1938, p. 6.

¹²³ Thomaz MAZZONI, *O Brasil na Taça do Mundo*, p. 22.

No jogo, disputado em Marselha no dia 16 de junho, a sina do escrete não se mostraria mais favorável. Desfalcado de seu grande astro e desgastado pela viagem de trem desde Bordeaux, bem como pelo pouco tempo de descanso entre uma partida e outra, o time perdia por 1 a 0 quando o árbitro suíço Wuttrich marcou um pênalti duvidoso, que resultou no segundo gol italiano. Thomaz Mazzoni, inconformada testemunha ocular, descreve o lance:

Damos nossa palavra de honra de que a jogada se passou assim: após um seu ataque desfeito os italianos avançaram novamente até próximo da nossa área. O extrema esquerda adeantou-se mais e precipitou-se. Não sabemos si quis centrar ou chutar à méta; o fato é que inutilizou o tiro, sendo censurado pelos seus companheiros. A bola foi atirada para além da linha do fundo, tendo Walter se encaminhado para recebe-la, já fóra do gramado. Notem bem, JÁ FÓRA DO GRAMADO. Nesse instante, ou seja, quando todos acabavam de voltar suas vistas da bola, viu-se Domingos aterrar Piola, que se havia detido deante dele, ou, por outra, nosso zagueiro direito teve um lance de reação. A ação, pode-se dizer, foi mais um ligeiro atracamento do que propriamente uma falta técnica. Nenhum perigo corria o arco, nenhuma ação ofensiva havia feito Piola. A bola havia saído; por que marcar penal? O caso era mais para uma severa admoestação, ou mesmo para expulsão não só de Domingos como também de Piola. Mas assim não quiz saber o “cavalheiro” suíço do apito.¹²⁴

Mazzoni pode carregar nas tintas, mas não escreve com as vistas turvadas pelo patriotismo. O isento repórter de *L'Auto* também não sabe explicar muito bem o acontecido:

Dans la surface de réparation de Walter, Piola attend l'occasion et Domingos le surveille de près, de si près même que l'on ne comprend pas très bien ce qui se passe entre ces quatre jambes qui se frôlent. Et puis, tout à coup, le danger s'accroît, et Piola roule sur le sol en se tordant. M. Wuttrich, l'arbitre, siffle et réclame le ballon en désignant le point du penalty. Meazza trompe Walter sans difficulté. C'est un joli chahut, et la partie reprend. Piola est à sa place et, la minute d'après, court comme un lapin.¹²⁵

¹²⁴ *Idem*, p. 24. Segundo o próprio Domingos da Guia, “o jogo estava paralisado. Piola vinha na corrida e me atingiu com um pontapé, que eu revidei. Admitiria que o juiz fosse rigoroso comigo. Mas ele não podia prejudicar o time com a partida paralisada”. Cf. André FONTENELLE, “Copa apaixonada os brasileiros”. *Folha de São Paulo*, “A História das Copas”, p. 7.

¹²⁵ R. BOUTIN, “Sans Léonidas, hélas!”. *L'Auto*, 17/06/1938, reproduzido em *L'Équipe Magazine*, “Brésil, L'Amour Foot”, p. 107.

O segundo gol deu tranqüilidade à equipe italiana e desanimou por completo os brasileiros, que já não vinham atuando bem. Quando Romeu consegue marcar seu tento, era tarde demais para levar a reação à frente, e a seleção perde por 2 a 1. A milhares de quilômetros de Marselha, ouvidos e corações atentos, todo um país se recusava a aceitar o revés:

O jogo com a Italia que nos abriria a porta do título, resultou na única derrota do Brasil. Muito se commentou. Aquele dia fatídico quasi causou uma... revolução no Brasil.

Todo mundo deixou de trabalhar (foi uma quinta-feira), o decorrer do jogo causou intenso nervosismo, indignação depois, devido ao penal, enfim não poucos foram os incidentes.

As notícias desencontradas, após o jogo, causaram maior agitação. Correu o boato de que a partida seria anulada. A torcida não queria se conformar.

O entusiasmo que com esse cotejo chegara ao auge, pois foi um autêntico acontecimento que sacudiu o país de ponta a ponta, trouxe uma imensa decepção, quando nosso revés foi confirmado.¹²⁶

Na Itália, a imprensa fascista saudou o êxito de seu selecionado como “o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros”; três dias depois, na grande final, a vitória sobre a Hungria por 4 a 2, que deu aos italianos o bicampeonato mundial de futebol, foi considerada “a apoteose do esporte fascista nesta vitória da raça”.¹²⁷ Enquanto isso, no mesmo dia e pelo mesmo placar, o Brasil batia a Suécia e ficava com o terceiro lugar da competição, a melhor colocação do país em Copas do Mundo até então. Este, contudo, não interessava tanto para um país no qual até o presidente não deixou de registrar suas impressões dos jogos da equipe brasileira e o que eles provocavam na população. Após a derrota para os italianos, Vargas anotou em seu diário:

Despacho com os ministros militares. Não houve audiências. O jogo de football monopolizou as atenções. A perda do team brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional.¹²⁸

¹²⁶ Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, p. 274.

¹²⁷ Cf. Eduardo GALEANO, *Futebol ao Sol e à Sombra*, p. 79.

¹²⁸ Getúlio VARGAS, *Diário*, p. 140 (dia 16 de junho de 1938). As anotações sobre os demais jogos da seleção encontram-se às páginas 138 (dia 5 de junho, Brasil x Polônia) e 140 (dias 12, Brasil x Tchecoslováquia, e 14 de junho, Brasil x Tchecoslováquia, segundo jogo).

“Desgraça nacional”. O sentimento nacionalista associado ao futebol era tão forte que nem o presidente—ditador deixou de notá-lo em meio às preocupações com o expediente burocrático e graves boatos de conspiração contra seu governo. O embaixador norte-americano no Rio de Janeiro, Jefferson Caffery, outro observador privilegiado, também não deixou de registrar o estado de espírito dos brasileiros perante o futebol. Em seu informe semanal ao Secretário de Estado em Washington, datado de 17 de junho, o diplomata fez a seguinte análise dos acontecimentos:

The uncertainty in the political atmosphere noted since May 11th evaporated, at least on the surface, during the past week. This phenomena was caused by the international football (soccer) matches now being held in France in which a Brazilian team is participating. An unexpected Brazilian victory over Poland on June 4 stirred the patriotism of Brazil as a whole and during the entire week which followed, the press devoted most of its space to the activities of the Brazilian team. A subsequent Brazilian victory over Czechoslovakia on June 14 augmented the Brazilian interest in football to a fever pitch and it is no exaggeration to state that this subject transcended all others in every walk of Brazilian life for the past ten days, so much so, that politics and the rumors of the weakness of the Vargas régime were a dead issue during that period. There was keen disappointment over the Brazilian defeat by the Italians yesterday but the Brazilian team will play Sweden on Sunday, so football continue to monopolize the public interest for several days more.¹²⁹

Cumprindo seu papel de analista político, o embaixador Caffery afirma que, “por razões óbvias, o intervalo futebolístico foi muito útil para o Presidente Vargas”. O interesse patriótico pelo futebol transcendera todos os outros — o que seria reiterado em seu relatório da semana seguinte:

The easing up of the tension in the political situation, mentioned in my last report, continued during the week under review. Concomitantly, the wave of patriotism provoked by the international soccer football matches in Europe also continued (on June 18 the Brazilian team defeated Sweden). It is perhaps difficult for persons not actually on the ground to realize the fanatical degree of the Brazilian interest in this matter. On June 20th General Goes Monteiro (the Chief of Staff of the Army) remarked to me that the “football matches had killed all rumors and interest in politics”.¹³⁰

¹²⁹ CAFFERY to The Secretary Of State. Rio de Janeiro, June 17, 1938. Records of The Department Of State relating to internal affairs of Brazil, 1930-1939. Decimal File 832. Roll 3 - 832.00/1116 - 832.00B/81. Microfilme no. 832.00/1199. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) — Unicamp.

¹³⁰ *Idem*. Rio de Janeiro, June 24, 1938. Microfilme no. 832.00/1202.

A frase atribuída por Caffery ao general Góes Monteiro remete de imediato à conhecida, e superficial, associação entre futebol e alienação, segundo a qual a bola seria um instrumento de desmobilização política, quase um aparelho ideológico de Estado. Para além do lugar-comum, porém, a observação mais detalhada revela que o futebol, após se popularizar, tornar-se um meio de sobrevivência e, enfim, uma forma reconhecida de trabalho, encontra sob o Estado Novo condições políticas propícias para iniciar sua transformação em patrimônio nacional. Como coloca Hermano Vianna, “junto à segurança do autoritarismo, um novo modelo de autenticidade nacional foi fabricado no Brasil pós-1930. Não foi escolhido um dos antigos modelos regionais para simbolizar a nação, mas desses modelos foram retirados vários elementos (um traje de baiana aqui, uma batida de samba ali) para compor um todo homogeneizador”.¹³¹ O futebol, é claro, não escaparia a esse todo, e, ao contrário do que o embaixador Caffery havia relatado ao Secretário de Estado norte-americano, iria monopolizar o interesse público brasileiro não apenas por “mais alguns dias”, e sim por muitos e muitos e muitos anos. Por mais que isso fosse difícil de entender.

¹³¹ Hermano VIANNA, *O Mistério do Samba*, p. 61.

3. A política em chuteiras

A carta de Pero Vaz de Caminha é tida como a certidão de batismo do Brasil. Nela há um tópico muito conhecido, a dizer: “a terra é prana e chã”. Excelente, portanto, para a prática do futebol... E foi aí que, ao findar do século passado, Charles Miller semeou as primeiras bolas. A germinação não tardou. Em breve se cobria de flores e entrou a produzir sazonados frutos, na abundante messe que todos conhecemos. Tinha que ser assim. Já o escrivão-mór da armada cabralina andara a vaticinar “em nela se plantando tudo dará”. Até mesmo a estranha semente importada da loura Albion...

Murillo Antunes Alves, 1944

Os reflexos sociais da bela campanha realizada pela seleção na Copa do Mundo de 1938 demonstraram que o futebol alcançara no Brasil seu reconhecimento enquanto esporte nacional, tanto no sentido geográfico quanto simbólico-imaginário do termo. O terceiro lugar (que poderia ter sido o primeiro, segundo lamentavam algumas vozes da época) trazido de terras distantes juntou-se ao título do Campeonato Sul-Americano de 1919, a primeira grande conquista do país nos gramados, e começava-se assim a se formar o panteão das glórias futebolísticas brasileiras. Pode-se mesmo dizer que se começava a inventar uma tradição em torno do esporte nacional, uma vez que, segundo Eric Hobsbawm, um dos aspectos da moderna invenção de tradições implica “uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”.¹³²

Como toda tradição, esta também tinha de ser defendida a todo custo, principalmente nas adversidades. Que não demorariam a aparecer. No início de 1939, Brasil e Argentina disputavam no Rio de Janeiro mais uma Copa Roca (competição entre os dois países instituída em 1914 pelo general argentino Julio Roca) em uma série “melhor de três”. No primeiro jogo, massacre dos adversários: 5

¹³²Eric J. HOBSBAWM, “Introdução: A invenção das tradições”, em Eric J. HOBSBAWM & Terence RANGER, *A Invenção das Tradições*, p. 9. Cf. também o capítulo “A produção em massa de tradições: Europa, 1870–1914”, em *idem*, pp. 271-316.

a 1, resultado que, segundo o estupefato Mário de Andrade, refletia a imagem de “uma raspadeira mecânica, perfeitamente azeitada, avançando para o lado de onze beija-flores”.¹³³ Na segunda partida, o placar marcava 2 a 2 quando o juiz, brasileiro, apitou um pênalti contra os argentinos, que deixaram o campo após uma grande briga e confusão. Ainda assim, a penalidade foi cobrada com o gol vazio, e a seleção brasileira “venceu” por 3 a 2. Uma vitória absurda, mas que nem por isso deixou de ser comemorada com retumbância pela *Gazeta Esportiva*:

Feitos como esse da memorável partida de São Januario constituem privilegio dos brasileiros. Ele nos faz lembrar, com vaidade, a nossa proeza no terceiro prelio da “Taça do Mundo”, quando, substituindo quasi todo o quadro, superamos a Checoslovaquia ante o assombro e admiração da Europa. Reviveu no estadio do Vasco o espirito de audacia que nos conduziria, em Bordeus, a um triunfo inimaginado, numa nova e esplendente afirmação das excelsas virtudes do “association” brasileiro, o único futebol capaz de fazer de uma aventura uma conquista não igualada por nenhum outro quadro do mundo.

*O que fizemos ontem é tipicamente nosso, exclusivamente nosso, orgulhosamente nosso. Não o conseguiriam os argentinos, nem qualquer outra seleção dos mais prestigiosos países futebolísticos que, no curto lapso de uma semana, se vissem na contingencia em que nos vimos, obrigados a apelar para um “onze” improvisado, organizado sob uma atmosfera envenenada pelo pessimismo e arcando com o peso de uma derrota desmoralizadora.*¹³⁴

Os valores afirmados e reconhecidos no passado recente do futebol nacional estavam, ou deveriam estar, muito acima de tamanha demonstração de falta de esportividade. Daí os enfáticos “tipicamente”, “exclusivamente”, “orgulhosamente” *nosso*: tratava-se de marcar posição no mundo do *association*. No entanto, toda a vibração ufanista não seria capaz de matizar o início de uma época ingrata para a seleção brasileira, quando o escrete jogaria pouco e, para piorar, não conquistaria nenhum título que pudesse manter viva a lembrança dos campos franceses e dar-lhe continuidade. Além disso, a eclosão da guerra na Europa, em 1939, interromperia a

¹³³ Mário de ANDRADE, “Brasil – Argentina”. *Os Filhos da Candinha*, p.81.

¹³⁴ N/a, “Absoluta a reabilitação dos brasileiros na segunda partida da “Taça Roca””. *A Gazeta Esportiva*, 23/01/1939, p. 2. O subtítulo desta matéria já antecipava o tom ufanista que os leitores iriam encontrar: “Uma partida de coração, gigantesca de entusiasmo, conduziu o novo ‘onze’ nacional a um triunfo legítimo que os argentinos não quizeram reconhecer, abandonando acintosamente o campo ao serem punidos com um penal indiscutível – 3 a 2 – Um tento de Leonidas duvidosamente anulado – Reeditamos ontem a excepcional proeza da ‘Taça do Mundo’ contra a Checoslovaquia!”

disputa da Copa do Mundo, esvaziando a expressão das auto-estimas nacionais nos gramados.

Todos esses contratempos fizeram com que durante quase toda a primeira metade da década de 1940 a seleção encontrasse poucas oportunidades de se confirmar como a grande canalizadora da relação entre o sentimento nacional e o futebol. O próprio contexto histórico, com o país vivendo a ditadura nacionalista e corporativista do Estado Novo e o mundo assistindo à deflagração de mais um confronto bélico, fazia com que o ardor patriótico fosse direcionado para outros campos, não necessariamente gramados. A tradição que germinava no futebol seria assim sobrepujada e apropriada de várias formas por um nacionalismo de Estado, que buscaria reverter para si tudo o que fosse possível dela extrair. O que nada tem de surpreendente se considerarmos que Vargas sempre dedicou grande atenção àquilo que acontecia nos regimes nazi-fascistas, que faziam do esporte peça fundamental de seus programas de “regeneração” e afirmação nacional.¹³⁵

A ditadura estadonovista mostraria então que o Brasil estava em perfeita consonância com o contexto europeu no que diz respeito à instrumentalização do esporte com fins políticos, em especial o futebol. De forma semelhante ao que ocorria na Itália, por exemplo, o regime brasileiro vai procurar conferir ao futebol um significado estatal, que faria dele, futebol, uma das conexões culturais entre a esfera do poder e a população.

Essa conexão em primeiro lugar se pretendeu direta, como mostram as comemorações das datas cívicas pelo Estado Novo, que em regra tinham como palco principal um estádio de futebol. Certamente a escolha do cenário dessas solenidades não se pautava apenas pelas dimensões físicas do local, que deveriam ser propícias para tais eventos, mas também pelas dimensões simbólicas nele implícitas. No caso, os estádios eram a um só tempo o produto mais aparente e a mais clara referência de todo um universo que começou a ser construído junto ao processo de popularização do futebol. Como nota José Sergio Leite Lopes, “as maiores intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 1930, aconteceram no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, o

¹³⁵ Cf. Bill MURRAY, *The World's Game*, p. 65.

maior estádio do Rio antes da construção do Maracanã em 1950. É ali que a adoção do salário mínimo é anunciada em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943. O futebol aparece assim como o pano de fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre o poder e o povo”.¹³⁶

Naquele final da década de 1930, porém, parecia que São Januário havia se tornado pequeno demais para as ambições do Estado Novo. Antes mesmo do primeiro encontro do presidente com os “trabalhadores do Brasil” em São Januário, em 1939, o Secretário Geral do Interior e Finanças do Distrito Federal, Attila Soares, escrevera ao ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em busca de apoio para a “construção de um Estádio monumental, onde o Brasil possa realizar, condignamente, todas as grandes comemorações – quer cívicas, quer esportivas. A obra em si é tão importante que ultrapassa as raias do poder local, devendo ser encarada pelo Governo Nacional”.¹³⁷ Em sua resposta, o ministro revela que tal assunto não passava despercebido pelo poder – bem ao contrário:

Em resposta, cumpre-me informar-lhe que [a] idéia vem merecendo o maior interesse da parte deste Ministério, ao cuidar da organização da Universidade do Brasil.

*É assim que, no conjunto de construções a serem edificadas na sede da Universidade, e cujo projeto já se acha elaborado [...], figura um estádio olímpico, que será construído nos terrenos do Derby Club.*¹³⁸

Enquanto na capital do país os membros do governo projetavam e discutiam um estádio para a cidade, em São Paulo se realizava um sonho de longa data: a construção do seu Estádio Municipal. Desde 1920 o poder público dispunha de uma área de aproximadamente 76 mil metros quadrados no vale do Pacaembu, doada pela Companhia City, para a construção de um estádio, mas somente em 1936 o prefeito Fábio Prado decidiu encampar a obra, iniciada no ano seguinte. Seria um campo à altura do crescimento do futebol paulista e de seu público, que nem sempre

¹³⁶ José Sérgio Leite LOPES, “A vitória do futebol que incorporou a *pelada*”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, p. 77.

¹³⁷ Carta de Attila Soares a Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 20/07/1938. CPDOC–FGV. Arquivo Gustavo Capanema, Série Ministério da Educação e Saúde, 1934-1945 (AGC–MES). Código GC 36.04.22/g. Filme 41, microfilme 0904.

¹³⁸ Carta de Gustavo Capanema a Attila Soares. Rio de Janeiro, 02/08/1938. AGC–MES. Cód. GC 36.04.22/g. Filme 41, microfilme 0907.

encontrava lugar nas arquibancadas existentes na Paulicéia. Na opinião de Thomaz Mazzoni,

o publico não aumentou no futebol paulista de acôrdo com a sua expansão e evolução.

E isso pelo simples motivo de não terem surgido campos acompanhando esse progresso. Os estadios atuais do Parque Antarctica e do Parque São Jorge deviam ter aparecido em 1919... O grau de adiantamento que o nosso futebol atingira então reclamava estadios para 25 e 30 mil pessoas. No entanto, construíram-se de preferencia campos para 8 e 5 mil... Foi esse um dos principaes motivos que não fizeram aumentar, proporcionalmente, os adeptos do "association". Hoje, deviamos ter uma "torcida" duas vezes mais alta em numero, estadios para 80 mil almas. A evolução deu-se defeituosamente.¹³⁹

Estando à altura do futebol de São Paulo, o Pacaembu se inscrevia também no "progresso" da própria cidade, tanto que sua aparição na paisagem urbana foi tida à época como marco e ao mesmo tempo exemplo para um país que se julgava ter encontrado o caminho da modernização. Todo o seu projeto parecia refletir as conquistas e os avanços do pós-1930. Primeiro, pelo uso do concreto armado, tecnologia nacional desenvolvida para substituir os componentes importados das estruturas de aço, cada vez mais caro e indisponível em função da guerra na Europa; depois, pela suas dimensões gigantescas, em linhas *art-déco*, que contavam inclusive com torres alongadas e uma concha acústica, lembrando "as soluções contemporâneas dos estádios alemães, construídos sob direção de Albert Speers, para os grandes desfiles nazistas, que foram copiados em vários países do mundo. Era uma arquitetura expressionista, com seus traços exagerados, em linhas verticais e horizontais, quase agressivas".¹⁴⁰

Sua inauguração, em 27 de abril de 1940, já na gestão Prestes Maia, foi ao gosto do momento político nacional, reunindo em uma grande festa cívica as principais autoridades municipais, estaduais e do país, inclusive o presidente Getúlio Vargas. E a mobilização em torno do "gigante de concreto armado" não atingiu apenas a capital, mas todo o estado de São Paulo, segundo a *Gazeta Esportiva*:

¹³⁹ Thomaz MAZZONI, "Os campos não acompanharam o progresso". *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, p. 19.

¹⁴⁰ Nestor Goulart REIS FILHO, *São Paulo e Outras Cidades*, p. 182.

São Paulo viveu horas de intensa expectativa. Tudo fôra feito de molde a revestir o acontecimento de características fortes e impressionantes. O esporte de São Paulo, desde a Capital aos mais distantes recantos do "hinterland", teve uma única aspiração: integrar-se de corpo e alma, compartilhar de qualquer modo do empreendimento notável que vem traçar novos rumos à educação física de nossa terra. E os festejos que iniciaram a vida ativa do estádio municipal de São Paulo refletiram bem esse período de intensa expectativa que cercou a terra bandeirante durante todo esse tempo.

Às primeiras horas da tarde de sábado, o estádio foi acolhendo o público que depois o lotou inteiramente. Já às 15 horas o aspecto era imponente. Bandeiras tremulam. O ambiente é de festa, de alegria ruidosa que não se entrava.

Faltavam alguns minutos para as 16 horas quando o carrilhão do estádio anunciou em todos os quadrantes a chegada das autoridades estaduais e federais.[...]

Vinte e um tiros salvam as autoridades. No céu baloçam bandeiras brasileiras atiradas em para-quedas. A orquestra executa o hino "Meu País" do maestro Villa Lobos.

Advertido por sinaleiros, o major Arlindo Pinto Nunes inicia o desfile dos esportistas. São aproximadamente dez mil. [...] E assim tem início o maior desfile de esportistas que a história da educação física brasileira pode registrar.¹⁴¹

Além do desfile, a cerimônia contou ainda com revoada de pombos, acendimento da "chama olímpica", hasteamento de bandeiras, discursos de autoridades e, no encerramento, espetáculo de balé. Tudo, menos futebol, que ficou para o dia seguinte. Embora o presidente, como todos os ali presentes, certamente tivesse noção de que o Pacaembu só se concretizara em função do crescimento do esporte bretão no país, isso não foi levado em conta no seu pronunciamento durante a inauguração do estádio:

Ao declarar inaugurado este Estádio, sob a impressão das entusiásticas e vibrantes aclamações com que fui recebido, não posso deixar de dirigir-vos algumas palavras de vivo e sincero louvor.

Este monumento consagrado à cultura física da mocidade, em pleno coração da capital paulista, é motivo de justo orgulho para todos os brasileiros e autoriza aplaudir merecidamente a administração que o construiu.

As linhas sóbrias e belas da sua imponente massa de cimento e ferro não valem, apenas, como expressão arquitetônica, valem mais do que isso - valem como uma afirmação da nossa capacidade e do esforço criador do novo regime na execução do seu programa de realizações.

¹⁴¹ PERTINAX, "Espetáculo de rara grandeza a inauguração do Estádio Municipal de São Paulo". *A Gazeta Esportiva*, 29/04/1940, p. 2.

*É ainda, e sobretudo, êste monumental campo de jogos desportivos uma obra de sadio patriotismo, pela sua finalidade de cultura física e educação cívica. Agora mesmo assistimos ao desfile de dez mil atletas, em cujas evoluções vimos a precisão e a disciplina, conjugadas no simbolismo das cores nacionais. Diante dessa demonstração da mocidade forte e vibrante, índice eugenico da raça – mocidade em que confio e que me faz orgulhoso de ser brasileiro – quero dizer-vos:
Povo de São Paulo!
Compreendestes perfeitamente que o Estádio do Pacaembú é obra Vossa e para ela contribuistes com o vosso esforço e a vossa solidariedade. E compreendestes ainda que êste monumento é como um marco da grandeza de São Paulo a serviço do Brasil.
Declaro, assim, inaugurado o Estádio do Pacaembú.¹⁴²*

O discurso de Vargas, somado ao fato de o futebol ter sido excluído da festa de inauguração do maior estádio *de futebol* do país, é revelador das intenções do regime. Retomando uma idéia surgida no final dos anos 1910, o que se pretendia era fazer do esporte um meio de aperfeiçoamento da nacionalidade e da raça, agora subordinando-o aos princípios supostamente científicos que norteavam a educação física. O modelo, uma vez mais, vinha da Itália e, principalmente, da Alemanha, onde Hitler, mesmo antes de assumir o poder, afirmava que “a nação tem de ser sadia para que a alma também o seja. Saúde moral e cívica são sinônimos”.¹⁴³ Pode-se pensar, assim, que a popularidade do futebol funcionaria como o *leitmotiv* desse processo de “esportivização” da nação, e o Estádio Municipal do Pacaembu, aparentemente, seria tudo o que o Estado Novo desejava. O esporte das massas tinha um local apropriado tanto para se exibir quanto para receber o líder das massas. E o prefeito Prestes Maia, em seu indefectível discurso durante a solenidade, não se furtou a dedicar a obra ao regime:

*Fundador e executor do Estado Novo no Brasil, coube a Vossa Excelencia, Senhor Presidente, defini-lo, certa vez, em presença da nossa gloriosa Marinha de Guerra, como o instrumento das verdadeiras aspirações e necessidades nacionais. [...]
O exemplo de Vossa Excelencia, aliás, nos ensinou a não reivindicar para nós sinão a satisfação do dever cumprido. Êste Estádio, que se impõe pela grandeza e pela sobriedade, é um monumento oferecido à administração de*

¹⁴² *Idem*, p. 3.

¹⁴³ Entrevista de Adolf Hitler. *Liberty*, 09/07/1932, reproduzido em *Trip*, n. 75, p. 10.

*Vossa Excelencia, que erigiu a educação moral e física da sociedade em princípio constitucional.*¹⁴⁴

Na verdade, o Pacaembu era quase tudo o que o regime desejava, não fosse pelo detalhe de não se localizar na capital federal. Devido a este grave “defeito”, que sobrepunha-se até mesmo à sua suntuosidade, Vargas ali comandaria somente um 1º de Maio, em 1944, quando o futebol, ao contrário do que acontecera quatro anos antes, não ficaria de fora.¹⁴⁵ Nas demais comemorações, São Januário continuou a hospedar o chefe da nação. Isso, contudo, não queria dizer que a idéia, ou a “necessidade”, da construção de um Estádio Nacional no centro do poder tivesse sido descartada:

*O Estado Novo contará – a exemplo de outros países – com o seu estádio oficial. De fato, o governo autorizou a construção do novo monumento nacional, que será a Meca da nossa Juventude e a maior praça de esportes da America do Sul. Como se vê, Pacaembú foi o início de nova era para o esporte nacional. Em breve, levantado o Estadio Nacional, todos os Estados da União seguirão o mesmo exemplo. O Estado do Rio já se manifestou ha tempos e a Baía também obteve a promessa do seu interventor, nesse sentido. O local escolhido, no “Derby Club”, não poderia ser melhor, conforme acentuamos em tempo. A dez minutos de automovel do centro, bem servido de condução e ladeado pelas ruas Derby Club, Mata Machado, avenida Maracanã e leito da E.F. Central do Brasil, o terreno tem a extensão de, mais ou menos, 270.000 metros quadrados. Nesse, poderão ser construidos estadios para futebol, com capacidade para 100 mil pessoas, bola ao cesto, natação, tenis, atletismo, estande de tiro, etc., tudo com grandes capacidades, sobrando ainda espaço para jardins, auditorio, jogos e divertimentos ao ar livre, etc.*¹⁴⁶

Visando a mais esse “monumento nacional”, o Ministério da Educação e Saúde lançou em 1941 um concurso para escolher o melhor projeto para sua construção, vencido pelos arquitetos cariocas Pedro Paulo Bastos e Antonio Dias Carneiro. Só que pendências relativas à compra do terreno do Derby Club pelo

¹⁴⁴ PERTINAX, “Espetaculo de rara grandeza a inauguração do Estadio Municipal de São Paulo”. *A Gazeta Esportiva*, 29/04/1940, p. 2.

¹⁴⁵ “O futebol, esse espetáculo das multidões, também foi contemplado no bem organizado programa, que assinalará a passagem do primeiro de maio em São Paulo. Assim é que haverá uma grande concentração trabalhista no Estádio do Pacaembu segunda-feira à tarde, à qual deverá comparecer o dr. Getulio Vargas, que proferirá importante discurso. Na mesma ocasião, ao público presente será proporcionado um interessante espetáculo futebolístico, devendo defrontar-se os quadros representativos do São Paulo F.C. e do C.R. Vasco da Gama, sem dúvida duas equipes capazes de oferecer um encontro dos melhores”. N/a, “Vai ser posta á prova a capacidade do Pacaembú”. *A Gazeta Esportiva*, 29/04/1944, p. 13.

¹⁴⁶ N/a, “O Estadio Nacional”. *A Gazeta Esportiva*, 27/07/1940, p. 2.

Ministério e uma polêmica em torno do processo de escolha do projeto vitorioso fizeram com que este não saísse do papel, embora em outubro de 1943 o jornal carioca *A Noite* anunciasse a construção não de um, mas de “dois majestosos estádios na cidade” – um, bancado pela prefeitura; o outro, pelo Ministério da Educação.¹⁴⁷ Apesar dos empreendimentos realmente terem sido lançados, tudo não passou do anúncio, e o “velho” estádio do Vasco da Gama continuou reinando absoluto na capital federal. Porém, como a mostrar que o futebol e suas referências estavam acima (ou abaixo) das ideologias políticas, não foi apenas Vargas quem o usou como palco: também foi ali que Luiz Carlos Prestes fez seu primeiro ato público após sair da prisão em 1945, já nos estertores do Estado Novo.

Enquanto os estádios eram idealizados, construídos e utilizados pelo regime, setores ligados ao futebol e à imprensa esportiva clamavam por uma intervenção direta do governo nos esportes já havia muito tempo, em função dos inúmeros conflitos entre clubes e entidades dirigentes em torno da questão do profissionalismo. Para aqueles sintonizados com o momento político pelo qual o Brasil passava (e não eram poucos), toda essa “baderna” indicava que era necessário pôr ordem no futebol brasileiro. E “pôr ordem” significava não apenas restaurar suas fraturas político-administrativas, o que de certo modo já fora conseguido em 1937, mas principalmente adequá-lo ao espírito do Estado Novo. Um bom exemplo desse desejo é dado por Thomaz Mazzoni no prefácio de seu livro *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, de 1939:

*“Existe até uma certa analogia entre as cousas do esporte nacional e regional com as da politica. Parece que esta reflete sobre aquele... Assim, é muito frequente vêr-se a situação do esporte ser a mesma da politica do paiz”.
Eis o que escreviamos há anos, antes do advento do Estado Novo. [...]
Desiludidos com a politicagem e a má orientação dos clubes e dos homens convencemo-nos, pois, em plena cisão passada, de que somente sob um pulso de ferro e com diretrizes muito diferentes endireitariamos nosso futebol. Por isso, da “Gazeta” partiu inicialmente a campanha da oficialização do esporte nacional. E essa campanha começou a ser levada a sério quando o Brasil entrou em novo regime creado pelo 10 de Novembro. Si ainda não vingou de*

¹⁴⁷ N/a, “Dois majestosos estádios na cidade”. *A Noite*, 02/10/1943. AGC–MES. Cód. 35.02.27/2/g. Filme 29, microfilme 0504. Sobre as pendências e polêmicas envolvendo o estádio carioca, cf. AGC–MES. Cód. GC 36.04.22/g. Filme 42, Pasta X (início: microfilme 0644).

*todo o esporte oficializado é fato, todavia, que não demorará, tendo sido dado o primeiro passo nesse sentido com a criação do C.N.E. [...] De modo que, quando surgir a regulamentação federal, muito mais facilitada será a missão de colocar o esporte brasileiro no bom caminho, no regime da disciplina e do progresso. [...]*¹⁴⁸

O notável do texto de Thomaz Mazzoni é a comparação entre o esporte (no caso, o futebol) e a política nacional, comparação tecida, como ele mesmo enfatiza, “antes do advento do Estado Novo”. Tal ênfase não é gratuita: se a situação do futebol era a mesma da política, ambos padeciam de um mal comum, diagnosticado sob a expressão “ordem liberal” – à época, a culpada de todos os males, aqui e na Europa. Ainda de acordo com essa interpretação, se o golpe de novembro de 1937 já livrara a política brasileira dessa enfermidade que atrasava o país, faltava agora salvar também o esporte, pô-lo no “bom caminho” usando o mesmo “pulso de ferro” empregado contra aqueles que se opunham às intenções do “novo” regime. Mazzoni deixa isso ainda mais claro logo no início de outro texto de seu livro, significativamente intitulado “Lixo para ser queimado”:

Facções, clubismo, pessoalismo, liberalismo, anarquias, tudo isso é lixo que a oficialização federal deve queimar para o bem do esporte brasileiro. Necessitamos do imperio da obediencia, da disciplina, e de um só comando, de um unico objetivo para atingir e, portanto, todos devemos marchar por um único sentido, ouvindo e respeitando a voz do comando.

*O esporte ao serviço do Brasil requer disciplina idonea, e o esportista deve ser educado e orientado, portanto, dentro da doutrina do Estado Novo. Fôra dos principios do regime não se pode compreender o esporte como força viva da Nação! Façamos, pois, do esporte o grande ideal que é, e atinjamos com o mesmo o unico objetivo que justifica a sua pratica, a sua difusão.*¹⁴⁹

O Estado, que intervinha em todos os setores da vida nacional, não seria insensível a tais apelos. Seu primeiro passo na direção do esporte foi a criação da Comissão Nacional de Desportos, instituída pelo Decreto-lei número 1.056, de 19 de janeiro de 1939. Essa Comissão (à qual provavelmente Thomaz Mazzoni quis se referir com a sigla “CNE” no prefácio de seu livro) constituía-se de “cinco membros, designados pelo Presidente da República, dentre pessoas entendidas em matéria de

¹⁴⁸ Thomaz MAZZONI, “Doutrina de nove anos”. *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, pp. 9-10.

¹⁴⁹ *Idem*, “Lixo para ser queimado”. *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, p. 41.

desportes ou a estes consagradas”, cuja função seria a de “realizar minucioso estudo do problema dos desportos no país, e apresentar ao Governo Federal, no prazo de sessenta dias, o plano geral de sua regulamentação”.¹⁵⁰

O acolhimento de sugestões e as discussões para a elaboração desse plano, porém, levaram a uma dilatação do seu prazo de sessenta dias, fazendo com que o ato de “salvação” do futebol e, em termos mais amplos, do esporte nacional se concretizasse somente em 14 de abril de 1941, quando foi promulgado o Decreto-lei número 3.199. Este estabelecia as bases da organização esportiva em todo o país e instituía, junto ao Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos (CND), “destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país”, conforme seu Artigo 1º.¹⁵¹ Em termos práticos, sua função refletiria, como muitos desejavam, a ordem política do Estado Novo nos esportes, que seriam disciplinados graças à centralização de poderes e à corporativização de sua organização. Conforme mostra Eduardo Dias Manhães em seu estudo sobre o CND, o Decreto 3.199 criou um órgão superior e plenipotenciário, um “aparelho de Estado responsável pela ‘disciplina’ (corporativista) da ordem desportiva, podendo intervir, arbitrar conflitos e verticalizar linearmente as funções, tratando da efetiva oficialização das entidades e da ordem desportiva, superposto que está à sociedade civil e aos interesses ‘particularistas’, a partir do controle pelo mesmo exercido sobre esta última, inclusive”.¹⁵²

Se as comemorações nacionais nos estádios de futebol eram momentos de festa e confraternização entre o poder e o povo, portanto de “ruptura” com a rotina do dia-a-dia, a política esportiva sistematizada pelo CND era o outro lado da moeda, reforçando um cotidiano baseado no interesse supostamente nacional, definido a partir de cima pelo Estado. Esse outro lado fica demonstrado, por exemplo, na circular que a CBD enviou aos jogadores da seleção brasileira a caminho do Sul-Americano de 1942, disputado no Uruguai:

¹⁵⁰ Conforme Artigos 1 e 2 do Decreto-lei no. 1.056, de 19 de janeiro de 1939. AGC – MES. Cód. GC 36.04.22/g. Filme 41, microfilme 0909.

¹⁵¹ Artigo 1º. do Decreto-lei no. 3.199, de 14 de abril de 1941. *Apud* Eduardo Dias MANHÃES, *Política de Esportes no Brasil*, p. 124 (Anexo III).

¹⁵² Eduardo Dias MANHÃES, *Política de Esportes no Brasil*, p. 37.

Representar o Brasil no estrangeiro é uma honra. Faze-lo com dignidade é um dever. Urge que todos se compenetrem destas noções, para compreenderem, também, que lhes cumpre manter elevado o nome da Patria, por meio de procedimento exemplar, demonstrado em todos os instantes. Assim foi em todos os tempos; e agora, mais do que nunca, quando o Governo da República decidiu oficializar e proteger os desportos, essa conduta, sendo a consequencia natural de sentimentos patrioticos normais, constitue ainda um imperativo legal, que a ninguem é licito desrespeitar.[...]

*A dignidade e o relevo da representação nacional não estão na dependencia exclusiva das ocorrências que se verificarem no decurso dos jogos do campeonato. De igual importancia é o procedimento na intimidade da delegação, onde a lembrança permanente de que todos são brasileiros, incentiva os sentimentos de fraternidade e, como ele, a união indispensavel a todo trabalho de conjunto, no qual esteja empenhado o nome sagrado da Patria.[...]*¹⁵³

É importante destacar dos trechos acima a relação estabelecida entre os “sentimentos patrióticos normais” e o “imperativo legal” instituído a partir do Decreto-lei 3.199. O reconhecimento oficial das dimensões nacionalistas contidas no futebol sem dúvida contribuiu muito para legitimar a comunidade imaginada consolidada em torno da bola durante os anos 1930, mas, por outro lado, tentou reduzi-la a um projeto político, ela que se formara espontaneamente em resposta a diferentes estímulos. Nessa tentativa, o regime submeteu o futebol a administradores diretamente ligados ao presidente (quando não seus próprios parentes diretos),¹⁵⁴ bem como ao grande aparato propagandístico (o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP) e repressivo (o Departamento de Ordem Social e Política – DOPS), aos quais devia em grande parte sua própria sustentação, já que essas duas peças “funcionavam como engrenagens reguladoras das relações entre o Estado e o povo; verdadeiras máquinas de filtrar a realidade, deformando os fatos e construindo falsas imagens”.¹⁵⁵

¹⁵³ N/a, “O bom nome do Brasil esportivo acima de tudo”. *A Gazeta Esportiva*, 05/01/1942, p. 2.

¹⁵⁴ O Estado Novo não apenas legitimou como ampliou efetivamente um processo que se vinha observando desde pelo menos 1934, quando, como visto no capítulo anterior, Luiz Aranha, irmão de Osvaldo Aranha, era presidente da CBD (cargo que exerceu até 1942) e Lourival Fontes, diretor do DIP, chefiou a seleção brasileira que foi à Copa da Itália. Assim, nomes como o do próprio Luiz Aranha, seu irmão Ciro, Manoel Vargas Netto e Getúlio Vargas Filho (respectivamente, sobrinho e filho do presidente) passaram a encabeçar os principais cargos dirigentes das federações e mesmo clubes do eixo Rio – São Paulo.

¹⁵⁵ Maria Luiza Tucci CARNEIRO, *Livros Proibidos, Idéias Malditas. O Deops e as Minorias Silenciadas*, p. 26.

No caso do futebol, se sua utilização direta ou indireta com fins propagandísticos falava por si só, seus aspectos sociais não passaram despercebidos aos olhos excessivamente atentos do regime. Em São Paulo, os clubes tiveram suas atividades acompanhadas bem de perto pelos agentes do DEOPS durante o governo Vargas.¹⁵⁶ Como eles eram obrigados a solicitar ao Delegado de Ordem Política permissão para a realização de suas reuniões e assembleias, sempre se fazia presente a estas pelo menos um “enviado especial” da repressão; sua função, basicamente, era averiguar se os debates internos eram mesmo “apenas de interesse social do Clube, não se discutindo nem fazendo uso de política”, como em geral se encerravam os ofícios dirigidos ao Delegado.¹⁵⁷

À medida que a posição brasileira diante da guerra define-se cada vez mais próxima aos Aliados, o DEOPS e seus agentes passam a dedicar atenção redobrada, e diferenciada, aos clubes ligados às colônias estrangeiras. Em 1942, o Palestra Itália e o Sport Club Germânia (que já havia deixado o futebol profissional) viram-se obrigados a dar explicações à polícia sobre o seu funcionamento. No caso do Palestra, logo a 21 de janeiro era expedida a seguinte portaria, assinada por Elpidio Reali, Delegado Adjunto à Ordem Social:

Atendendo o pedido contido no telegrama no.732, de 17 do corrente, do Snr. Ministro da Justiça [Francisco Campos] ao Snr. Interoventor Federal neste Estado [Fernando Costa], no qual transmite instruções referentes a um maior controle das sociedades de estrangeiros e aquelas nacionalizadas, estabelecidas no território nacional, determino que, A. esta, seja expedida intimação à SOCIEDADE ESPORTIVA PALESTRA ITÁLIA, sita nesta Capital, à Av. Água Branca no.1705, afim de prestar esclarecimentos.¹⁵⁸

No mesmo dia, Paschoal Walter Bairo Giuliano, membro da diretoria do clube, compareceu à Delegacia Especializada de Ordem Política e Social e, na presença do Delegado Adjunto, declarou:

¹⁵⁶ Cf. Prontuários nos. 9.220—S. C. Corinthians Paulista; 10.051—E. C. Pinheiros (ex-Germânia), 12.682—S. E. Palmeiras; e 9.977—Associação Portuguesa de Desportos. Arquivo do Estado de São Paulo — Setor Arquivos do DEOPS (AE—DEOPS).

¹⁵⁷ Cf. Prontuário no. 9.220—S. C. Corinthians Paulista. AE—DEOPS.

¹⁵⁸ “Portaria”. Prontuário no.12.682—S. E. Palmeiras, fls. 37. AE—DEOPS.

[...] que é Secretario geral da Sociedade Esportiva Palestra Italia, com séde nésta Capital, á av. Agua Branca, 1705; que esclarece [...] que éssa Sociedade é nacional, embora tenha sido fundada por estrangeiros; que a mesma acha-se regularmente licenciada no D.E.I.P., tendo o protocolo do requerimento em que pedia a sociedade licença para funcionamento, recebido o numero 403; que esse protocolo é datado de 26-3-1941; que junta a estes autos uma copia dos estatutos e a relação nominal de todos os membros da diretoria, com a respectiva qualificação, pela qual se verifica que toda a diretoria é composta de brasileiros natos exceptos os cargos secundarios de administração, a saber: - o segundo tesoureiro, o economo, e o diretor geral de esportes; que o declarante na qualidade de secretario geral compromete-se a fazer cumprir na sociedade as seguintes determinações que ora recebe nésta Delegacia: - a) - comunicar á Delegacia Especializada de Ordem Politica e Social a realização de todas as reuniões, com antecedencia de tres dias, para a presença da autoridade ou do seu representante; b) - não permitir a audição de estações de radio exterior, no recinto; c) - proibir qualquer reunião fóra do recinto da sociedade. [...]¹⁵⁹

Na semana seguinte, em carta dirigida ao Delegado do DEOPS, Paschoal Giuliano informava que não só os três diretores referidos em seu depoimento, italianos, como também um outro, “brasileiro por título declaratório” (naturalizado), “solicitaram demissão dos cargos que ocupavam na Directoria desta Sociedade”; como os pedidos de demissão haviam sido todos aceitos, a direção do Palestra Itália a partir daquela data se compunha apenas de brasileiros natos.¹⁶⁰

Mas a perseguição ao Palestra não se encerraria por aí. Ao contrário, as pressões só aumentariam, o que levou o clube, em março, a “adaptar” seu nome para Palestra de São Paulo. Pouco depois, em agosto, a declaração de guerra do Brasil ao Eixo fez com que no mês seguinte o clube sofresse seu maior golpe, obrigado que foi a mudar de nome dias antes de enfrentar o São Paulo numa partida que poderia decidir o campeonato paulista. Desta vez, a ordem vinha diretamente do CND, que decretara uma portaria que proibia a “manifestação de nacionalidades” em eventos esportivos, incumbindo às forças públicas estaduais a responsabilidade da manutenção da ordem.¹⁶¹ O Palestra torna-se Palmeiras, o que não foi suficiente para

¹⁵⁹ “Térmo de Declarações”. Prontuário no.12.682—S. E. Palmeiras, fls. 36. AE—DEOPS. Dias depois, o Sport Club Germania passaria pela mesma situação. Cf. Prontuário no. 10.051—E. C.Pinheiros.

¹⁶⁰ Carta de Paschoal W. B. Giuliano ao Dr. Delegado da Superintendência de Segurança Política e Social. São Paulo, 29/01/1942. Prontuário no.12.682—S. E. Palmeiras). AE—DEOPS.

¹⁶¹ José Renato de Campos ARAÚJO, “Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália”, pp. 151-5. Sobre o Palestra/Palmeiras e o campeonato paulista de 1942, veja-se Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, pp. 296-297; Valmir STORTI & André FONTENELLE, *A História do Campeonato Paulista (1902-1996)*.

acalmar os ímpetos nacionalistas que cercavam aquele jogo decisivo – que seria abandonado pela equipe do São Paulo, em protesto contra a arbitragem:

*O epílogo, pois, do “classico” foi o mais tristíssimo possível. E tudo isto, desenrolado dentro do gramado, à vista de uma assistência correta e educada, veio confirmar, infelizmente, o tristíssimo movimento de incompreendido patriotismo realizado dias antes do grande choque e que obrigou, sem razão de ser, a um dos clubes mais tradicionais e colaboradores do nosso progresso a mudar sua denominação, quando não são nomes que fazem a Pátria e nem provas esportivas que irão afetar os seus destinos grandiosos, mas, sim, um trabalho honesto, sadio e de perfeita união entre brasileiros de verdade, quer pertençam eles ao Palmeiras, ao São Paulo, ao Corinthians ou a qualquer outra coletividade verdadeiramente nacionalista, independente de suas cores e de seu nome. [...]*¹⁶²

O lamento do articulista da *Gazeta Esportiva* quanto aos fatos ocorridos com o Palmeiras mostra que o jornal tomara consciência, ao menos por um instante, do verdadeiro sentido da intervenção oficial nos esportes pela qual se debatera tanto. O Palestra Itália e o Germânia em São Paulo, o Hespânia em Santos, o Palestra Itália em Belo Horizonte, todos foram obrigados a mudar de nome em função do “interesse nacional”. Todos foram obrigados a abandonar suas próprias identidades, construídas desde as respectivas fundações e plenamente inseridas nas sociedades das quais faziam parte, por uma outra, imposta de cima para baixo e que se auto-intitulava “identidade nacional”. Pouco importava que tais clubes tivessem tido grande importância na popularização do futebol, e que justamente devido a essa popularização já à época transcendessem suas ligações com as colônias:

Os clubes coloniais, tão em voga até 20 anos atrás, já passaram da moda em nosso futebol. Tudo evolue. Mas, devemos lembra-los na história do ‘association’ nacional como sendo as maiores válvulas para a sua popularidade. Tanto em S.Paulo como no Rio, o futebol se tornou do povo somente quando surgiram os Palestra e Vasco. [...]
*Com o decorrer dos tempos entraram em completo desuso as iniciativas dos clubes coloniais, e hoje quasi que estão esquecidos. Claro que ficou em alguns clubes a tradição. Mas, aquela verdadeira epidemia de até 20 anos atrás desapareceu.*¹⁶³

¹⁶² N/a, “Desfecho deplorável do prelio de titãs”. *A Gazeta Esportiva*, 21/09/1942, pp. 1-2.

¹⁶³ N/a, “Grandeza e decadência dos clubes ‘coloniais’”. *A Gazeta Esportiva*, 15/01/1944, p. 4.

Sem se importar com esse passado, à ditadura interessava somente evitar brechas, reais ou imaginárias, através das quais se pudesse questionar suas diretrizes. Essa preocupação norteou também o cerceamento ao futebol feminino, que então começava a despontar. Futebol feminino, aliás, que é um tema praticamente inexistente quando se fala sobre a trajetória do esporte bretão em nosso país; as raras menções a seu respeito limitam-se a rápidas e taxativas passagens, como faz Thomaz Mazzoni em sua *História do Futebol no Brasil*:

*Caberia ao São Paulo F.C. realizar os primeiros jogos Rio x S. Paulo, no Pacaembú, com grande sucesso. No primeiro jogo, contra o America obteve-se o recorde de renda inter-clubes. A partida foi noturna. Nesse jogo como preliminar foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a esse unico jogo. Morreu logo o futebol de moças.*¹⁶⁴

É bem verdade que no Brasil o “futebol de moças” não conheceu o sucesso que alcançara na Europa entre o final da década de 1910 e o início dos anos 1920. Na Inglaterra, por exemplo, ele atingiu grande popularidade durante a Primeira Guerra, quando os homens viram-se obrigados a trocar os campos de jogo pelos campos de batalha. Forçadas pela necessidade a assumir funções predominantemente masculinas, as mulheres acabaram também formando equipes e promovendo jogos beneficentes para levantar fundos para os soldados ingleses. Com o fim do confronto e a restauração dos papéis sociais tradicionais, esses *teams* femininos entram em choque com os interesses dos “donos” do jogo, e logo as mulheres estariam mais uma vez segregadas às arquibancadas.¹⁶⁵ Aqui, o processo seguiu curso diferente. A presença da mulher nos gramados remete aos primeiros anos do nosso futebol, quando as filhas da elite tomavam parte na assistência para ver o desempenho de seus pares nas quatro linhas, tudo de acordo com a etiqueta social da *belle-époque*, descreve Mário Filho:

¹⁶⁴ Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, p. 289. A outra única menção ao futebol feminino encontrada é feita por José Sebastião WITTER, e em forma de nota à parte do texto: “No Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros”. *Breve História do Futebol Brasileiro*, p. 21.

¹⁶⁵ Já na França, as futebolistas procuraram não entrar em confronto com os “donos” do jogo, criando então suas regras particulares, o que lhes garantiu uma “sobrevivência” até por volta de 1926. Vic DUKE & Liz CROLLEY, *Football, Nationality and The State*, pp. 132-4. Cf. também Bill MURRAY, pp. 45-6.

O futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa. As moças, mais bonitas ainda. Tinham ido em casa, demorando-se diante do espelho, ajeitando o cabelo penteado para cima, encacheado.

Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição.[...]

No intervalo, o campo e a arquibancada tornavam-se uma coisa só. Jogadores e torcedores no bar. Jogadores e torcedores nas arquibancadas. Os jogadores gostavam de aparecer um instante, suados, cansados, na arquibancada, para cumprimentar as moças. Não se demoravam muito, vinham e iam, as travas das chuteiras rangendo no cimento.

As moças ficavam mais nervosas, aí é que não paravam de abrir e fechar os leques. Belos leques, uns grandes, de babados de renda, outros pequenos, de madrepérola. E os pais e as mães perto, achando tudo aquilo muito certo, muito direito.

E tudo estava mesmo muito certo, muito direito. Os filhos no campo, as filhas nas arquibancadas. Pais, filhos, a família toda. Podia-se dizer: as famílias todas. O que havia ali, no campo, na arquibancada, havia nos bailes do Clube das Laranjeiras, mais do Fluminense e Paissandu, havia nas festas e festinhas da casa do Barão de Werneck, da casa de dona Chiquitota, da casa dos Hime, mais do Botafogo.¹⁶⁶

A aristocracia deixa os estádios à medida que o futebol se populariza, levando consigo suas filhas, e em muitos casos também os filhos. Mudavam os jogadores, que passam a entrar em campo graças ao talento e não ao sobrenome, mudava também o público, que agora freqüentava mais os galpões das fábricas que os salões de baile. Mas nem por isso as mulheres deixaram de acompanhar o futebol, como indica a presença das personagens Miquelina e Iolanda nas arquibancadas do Parque Antarctica, assistindo à vitória do Corinthians sobre o Palestra no conto de Antônio de Alcântara Machado intitulado justamente “Corinthians (2) x Palestra (1)”.¹⁶⁷ Este texto, um clássico, demonstra à perfeição como o elitismo e seus bons modos perdiam de vez seu lugar no futebol para a alegria e a vibração populares, com o apelo da bola tornando-se mais e mais abrangente. Não tardaria para que as mulheres se levantassem de seus lugares querendo adentrar os gramados. O que de fato aconteceu, despertando a reação de zelosos desportistas. Em 1940, dias antes da partida a que se refere Thomaz Mazzoni em seu trabalho, o futebol feminino fora o

¹⁶⁶ Mário FILHO, *O Negro no Futebol Brasileiro*, pp. 23-4. Por essa época, “o fotógrafo da *Revista da Semana* ou da *Careta*, quando ia a um campo de futebol, era para bater um grupo de moças. De time, só encomendando, como uma fotografia de formatura”. *Idem*, p. 27.

¹⁶⁷ Antônio de Alcântara MACHADO, “Corinthians (2) x Palestra (1)”, em *Novelas Paulistas*, pp. 102-8.

tema de uma carta enviada ao presidente Getúlio Vargas por José Fuzeira, cuja intenção era uma só:

solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil.

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de môças, atraíndo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar êsse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispoz a ser mãe. [...]

Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo-Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos, de futebol, ou seja: – 200 núcleos destroçadores da saúde de 2-200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.¹⁶⁸

Da mesma forma que o senhor Fuzeira exagera em seus temores, é certo que superdimensiona seus cálculos sobre a progressão do futebol feminino, embora este fosse mesmo uma realidade. Mas essas preocupações de um cidadão comum, que frisa em sua missiva não dispor das “credenciais de qualquer autoridade educacional ou científica”, fizeram soar o alarme. Da Presidência da República a carta foi encaminhada à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, que por sua vez a repassou à sua Subdivisão de Medicina Especializada, onde recebeu não só o parecer favorável da “voz da ciência” como todo o seu apoio na cruzada contra as mulheres futebolistas:

O gesto do Snr. José Fuzeira, determinando o debate sôbre uma questão que poderia ter consequências nocivas para a saúde de grande número de moças, é digno de todos os louvores.

Efetivamente, o movimento que se esboçou nesta Capital, para a formação de vários quadros femininos de futebol, e que tomou corpo com o apoio que alguns jornais cariocas deram, é desses que merecem a reprovação das pessoas sensatas, já pelo espetáculo ridículo que representa a prática do “association” pelas mulheres, como também pelas razões de ordem fisiológica, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino. [...]

Existe hoje uma interminável bibliografia sobre assuntos referentes a educação física e desportos, sendo todos os autores unânimes em profligar o

¹⁶⁸ Carta de José Fuzeira ao Ilmo. Sr. Presidente da República Dr. Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 25/04/1940. AGC – MES. Cód. GC 36.04.22/g. Filme 42, microfilme 0117 (grifo do original).

*jogo do “velho esporte bretão” pelas mulheres, por acarretar traumatismos que podem afetar departamentos do organismo feminino especialmente delicados e de importancia vital.*¹⁶⁹

Tanto o missivista quanto o parecerista preocupavam-se com os “riscos” que o futebol poderia causar ao “frágil” organismo feminino, podendo inclusive afetar sua capacidade reprodutora. Na mesma linha, a *Gazeta Esportiva* publicava quase ao mesmo tempo a “opinião autorizada” do doutor Leite de Castro, “o primeiro médico do Brasil que se dedicou especialmente à medicina esportiva”. Entre outras coisas, o doutor dizia que “não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrario — é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras conseqüências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero)”.¹⁷⁰

Além do evidente machismo e moralismo que essas preocupações revelam, elas permitem deduzir que, na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o jogavam, uma vez que elas estavam abandonando suas “funções” e invadindo um espaço eminentemente masculino. Era, portanto, um desvio de conduta inadmissível para o Estado Novo e para a sociedade brasileira do período, na qual a mulher deveria seguir à risca o estereótipo de rainha do lar, sendo boa mãe, boa esposa (de preferência seguindo os padrões hollywoodianos de beleza) e, principalmente, não se manifestando fora do espaço doméstico.¹⁷¹ Desvio tão inadmissível que a Subdivisão de Medicina Especializada recomendava que se fizesse uma

campanha de propaganda mostrando os malefícios causados pelo futebol praticado pelas mulheres, afim de evitar lamentaveis conseqüencias,

¹⁶⁹ “Parecer da Sub-divisão de Medicina Especializada a Despacho do Exmo. Snr. Presidente da República”, assinado por Paulo Frederico de Figueirêdo Araújo. Rio de Janeiro, 17/05/1940. AGC—MES. Cód. 36.04.22/g. Filme 42, microfilme 0118.

¹⁷⁰ N/a, “Uma opinião autorizada: ‘não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará’”. A *Gazeta Esportiva*, 29/06/1940, p. 10.

¹⁷¹ Maria Luiza Tucci CARNEIRO, “El universo simbolico de la ‘Epoca Vargas’: fascinación y seducción de una dictadura”, em Jorge Nuñez SANCHEZ (Editor General), *Historia Política*, pp. 247-50. Como coloca a autora às páginas 248-9, “el modelo de mujer colocado en escena no era el de la matrona, ni de la mujer activista política. El lugar de la mujer era la casa. [...] La mujer debería ser perfecta, moldeada según los valores de una sociedad machista”. Ainda sobre a posição da mulher determinada pelo Estado Novo, veja-se Simon SCHWARTZMAN [et alli], *Tempos de Capanema*, pp. 107-22.

*enquanto se aguarde medidas tendentes a permitir a interferencia dos Poderes Publicos em tais questões, medidas estas que muito bem poderiam constar na Regulamentação dos Desportos, presentemente em estudos.*¹⁷²

Ao que tudo indica, tal campanha não chegou a ser desencadeada, embora a idéia do parecerista fosse endossada pelo chefe da Divisão de Educação Física, major Barbosa Leite, em observação manuscrita ao final do documento da Subdivisão de Medicina Especializada e datada de 23 de maio de 1940: “parece-me que seria conveniente interessar o DIP na execução da campanha indicada no parecer, para a qual poderá ser ordenada a cooperação desta Divisão”.¹⁷³ No entanto, a sugestão da “interferência dos Poderes Públicos em tais questões” parece ter sido acatada, uma vez que o artigo 54 do Decreto-lei 3.199, publicado, como visto, em abril de 1941, dizia o seguinte:

*Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.*¹⁷⁴

A lei, ao “proteger” a natureza feminina, dava abrigo àqueles que condenavam a prática do futebol pelas mulheres e ainda deixava a critério do CND a definição de quais esportes elas poderiam praticar. Aliás, não só poderiam como deveriam, uma vez que dentre as obrigações da boa mãe estava a de contribuir decisivamente para o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis – o que, pensava-se, só seria conseguido se ela própria, a mãe, fosse também “saudável”. E para isso havia uma série de esportes recomendáveis, como já mostrava o citado laudo da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde: tênis, voleibol, cricket, natação, ciclismo, e estes dois últimos com uma

¹⁷² “Parecer da Sub-divisão de Medicina Especializada a Despacho do Exmo. Snr. Presidente da República”, assinado por Paulo Frederico de Figueirêdo Araújo. Rio de Janeiro, 17/05/1940. AGC – MES. Cód. 36.04.22/g. Filme 42, microfilme 0119.

¹⁷³ *Ibidem*.

¹⁷⁴ Artigo 54 do Decreto-lei no. 3.199, de 14 de abril de 1941. *Apud* Eduardo Dias MANHÃES, *Política de Esportes no Brasil*, p. 134.

ressalva: desde que “praticados moderadamente”.¹⁷⁵ Não por acaso, esportes amadores característicos da elite, que quando muito atingiam a classe média, passando bem longe das grandes massas.

Assim, o jogo que faria a preliminar de São Paulo e América na noite de 11 de maio de 1940 no Pacaembu só poderia mesmo causar a indignação demonstrada por Helênico, colunista da *Gazeta Esportiva*, às vésperas da partida:

Aí está uma “competição esportiva” que não deve ser permitida em nosso Estádio e cabe à Diretoria de Esportes proibir, dentro de suas atribuições oficiais, a sua realização. Não precisamos citar aqui quais as poderosas razões em que aquele órgão oficial deverá se basear para impedir que São Paulo assista, dentro da beleza olímpica do seu grande e majestoso Estádio, a um verdadeiro atentado à educação física, ao esporte e mesmo à organização esportiva do nosso Estado. [...]

*O futebol feminino nada tem de educação física, nada apresenta como espetáculo de esportividade nobre e sadia. Tem, isso sim, muito de comicidade, o que vai de encontro a todos os princípios da fisicultura. Nem como exibição deve ser permitido, porque o gramado do Estádio não é próprio para espetáculos de tal natureza. Pode-se afirmar que neste ou naquele país o futebol feminino é praticado etc. e tal... Mas nós aqui possuímos um esporte controlado oficialmente e que não se baseia apenas em falsos conhecimentos técnicos.*¹⁷⁶

Os termos com os quais o articulista brinda o futebol das mulheres, bem como seus “conceitos” a respeito, falam por si só. E permitem supor que ele tenha ficado muito feliz com a notícia que aparece em seu jornal quase um ano após aquele jogo-exibição no Pacaembu:

Incapazes de se adaptar às multiplas dificuldades do esporte-rei, destituídas dos predicados varios que, por si propios, revelaram gritantemente a impropriedade da pratica dessa modalidade esportiva pelo sexo feminino, as pobres mocinhas passaram a aborrecer os afeiçoados, levando os responsaveis por tal exploração a tentar outros meios que lhes proporcionassem auferir os lucros “esportivamente” reduzidos a zero com a completa queda do interesse publico. E assim pensando, uma gorda matrona sem consciencia não teve duvida em exhibir o seu quadro de futebol com toda a indumentaria, em “cabarets” de baixa cotação, ao mesmo tempo em que outras (ou outros), não trepidavam em conceber um jogo na capital da Argentina. Os golpes,

¹⁷⁵ Cf. Parecer da Sub-divisão de Medicina Especializada a Despacho do Exmo. Snr. Presidente da República”, assinado por Paulo Frederico de Figueirêdo Araújo. Rio de Janeiro, 17/05/1940. AGC—MES. Cód. 36.04.22/g. Filme 42, microfilme 0119. É interessante notar que o parecerista baseia-se numa pesquisa realizada na Inglaterra em 1921, época em que o futebol feminino começa a ser perseguido nesse país, conforme mencionado anteriormente.

¹⁷⁶ HELENICO. “Deve ser proibido!”. *A Gazeta Esportiva*, 06/05/1940, p. 2.

*surpreendentes pela audacia com que foram preconcebidos, falharam, felizmente, com a oportuna e decidida intervenção das autoridades federais, que já deviam ter interferido há mais tempo na salvaguarda do bom nome da família brasileira, encerrando, assim, a existencia condenavel do futebol feminino.*¹⁷⁷

A singela referência à “salvaguarda do bom nome da família brasileira”, articulada à condenação do futebol feminino, corrobora o que foi colocado a respeito do “papel” da mulher na sociedade brasileira de então. De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol no Brasil. O fato, ao contrário, foi encarado como um “desvirtuamento” do esporte, da mulher e, caso a “brincadeira” perdurasse, da própria nação, já que uma exibição de jogadoras brasileiras no exterior, como algumas pretendiam fazer na Argentina, “apenas serviria para jocosas referências ao nosso esporte”.¹⁷⁸ A mensagem é clara: urgia colocar a mulher “no seu devido lugar”, tirando-a das quatro linhas. Mas, curiosamente, não dos estádios:

*[...] A presença festiva do elemento feminino em nossos campos de futebol não desapareceu. Teria decrescido, é certo, devido a circunstancias geralmente conhecidas, mas o belo sexo não chegou totalmente a ser afugentado dos espetaculos do “association”, continuando a emprestar-lhes a graça e o encanto de sua “torcida”. [...] As moças frequentadoras das “canchas”, muitas em grupos uniformizados, envergando toaletes inspiradas nos fardamentos de seus clubes, ali comparecem exclusivamente com o objetivo de assistir às partidas e estimular os seus favoritos à vitoria, como qualquer “fan” inverterado. Depreende-se que, como os adeptos pertencentes ao sexo forte, as classes sociais das afeiçoadas femininas se confundem, concorrendo todas, em comum, com igual simplicidade, sem qualquer preconceito e... democraticamente para o entusiasmo contagiante das partidas, em que pesem as inevitaveis irreverencias dos marmanjos apaixonados. Entretanto, graças aos lugares que lhe são reservados em varios campos, o belo sexo tem favorecido o futebol com sua presença sempre agradável, a compensar, e bastante, o que de agradável ainda existe no esporte das multidões. Oxalá, pois, a “torcida” feminina continue a avultar e falanges mais numerosas se arregimentem, para beneficio e embelezamento do “panorama” futebolistico bandeirante. E ele bem precisado está das demais tintas coloridas femininas...*¹⁷⁹

¹⁷⁷ N/a, “Era uma vez o futebol feminino...”. A *Gazeta Esportiva*, 21/01/1941, p. 4.

¹⁷⁸ *Idem, ibidem.*

¹⁷⁹ N/a, “O elemento feminino nos campos de futebol”. A *Gazeta Esportiva*, 19/07/1941, p. 13.

Quando comparado aos anteriores, o texto acima revela um cinismo atroz. O jornal que tanto se batera pelo fim do futebol feminino agora não só saudava como estimulava a presença feminina nos campos de futebol – para torcer, obviamente, não para jogar. O lugar da mulher no futebol era na arquibancada, e em alguns estádios, ainda por cima, confinadas a “lugares reservados” (um “gueto” na torcida?). A presença feminina no futebol pode ser interpretada assim como uma metáfora de sua presença na sociedade do período, já que nesta seu papel não era muito diferente de ficar na assistência, vendo os homens “construírem a nação”.

A coibição ao futebol feminino, a nacionalização forçada de clubes “alienígenas”, a intervenção direta nos esportes e a utilização sistemática dos estádios foram todas preocupações – algumas maiores, outras menores – do Estado Novo frente ao futebol na tentativa de enquadrá-lo em seu projeto político, como já foi dito. Só que, como também foi dito no início, esta dimensão “oficial” não foi a única que envolveu a bola na década de 1940. A consolidação do futebol como fenômeno sócio-cultural ainda despertou a incompreensão, quando não o ciúme, de esferas que se julgavam mais “nobres”, porém que diziam respeito a um público muito mais restrito que o das arquibancadas, como a literatura. Não que tal fenômeno fosse propriamente novo, como demonstrava a *Gazeta Esportiva* ao lembrar, em 1943, um episódio ocorrido duas décadas atrás: a “carta aberta” de Carlos Sússekind de Mendonça a Lima Barreto, editada em 1921 sob o título *O Sport está deseducando a mocidade brasileira*. Um texto cujas páginas

[...] arrasavam com o futebol que – claro! – resistiu à investida e seguiu, firme, no seu caminho de progresso e popularidade.[...] Em seu livro contra o esporte, o dr. Carlos Sússekind de Mendonça atacou até Coelho Neto e Afranio Peixoto, porque eles faziam a apologia do esporte! Mas não adiantou nada. O Brasil progrediu bastante em todos os terrenos, de 1921 para cá; não existe mais a enorme percentagem de analfabetos que existia então; a nossa mentalidade evoluiu muito; fez-se muito avanço na jurisprudência, na arte, na ciência; enfim, O BRASIL DE 1921 ESTÁ LONGE DO QUE ERA E, NO ENTANTO, PARA TUDO ISSO NÃO FOI PRECISO DESAPARECER O ESPORTE, O FUTEBOL. Não desaparecerá, jamais. Há séculos, na própria Inglaterra, um rei fatuo incluiu a prática do futebol entre os crimes, proibiu-o, mas logo mais o futebol ressurgiu; o homem-rei passou e o esporte-rei ficou! Os inimigos do futebol, pois, perderam, e perderão, o seu tempo em querer desprestigiar-lo, condena-lo.¹⁸⁰

¹⁸⁰ N/a, “Os grandes inimigos do futebol”. A *Gazeta Esportiva*, 27/11/1943, p. 2.

Mesmo reportando-se a um fato do passado, as últimas frases do artigo deixavam, sem dúvida, um recado para o presente, pois parecia que os “inimigos do futebol” ainda continuavam a atacá-lo nos anos 1940. A julgar pelas respostas de Olympicus (pseudônimo de Thomaz Mazzoni) em sua coluna na *Gazeta Esportiva*, tais ataques tinham muito que ver com a ascensão social e econômica que a profissionalização permitia aos jogadores:

Uma companhia de comédias levou a efeito uma peça de um autor carioca denominada o “Homem que chutou a consciência”.

Não sabemos porque esse homem, literato falido ou jornalista necessitado, escolheu o futebol para jogar fora sua vergonha... Poderia ter-se tornado ladrão de galinha, profissional do jogo do bicho, escolhido, enfim, um meio de ganhar a vida menos honestamente, ou por outra, chutar sua consciência sem que se tornasse juiz de futebol, esportista. [...]

Nos países mais cultos, já se sabe, os maiores esportistas saem das Universidades. São “cracks” dos esportes; mas, não deixam de ser depois cientistas, estadistas, etc. Qualquer ignorante sabe o que é Oxford, todos sabem, ainda, que Yale produz advogados e engenheiros que, durante os estudos, se tornaram “cracks” profissionais do esporte. Pois bem, para o ilustre autor da comédia em questão, segundo sua mentalidade, no Brasil um profissional de esporte é vagabundo. Si entre nós um poeta passa fome, a culpa é do futebol!...¹⁸¹

E, para tristeza ainda maior do colunista, essa visão preconceituosa sobre o futebol não se limitava apenas a uma peça de teatro:

Não sabemos porque muitos componentes da classe culta, a classe de literários, no Brasil, tem ojeriza pelo esporte, notadamente pelo futebol, sim porque os poetas, romancistas, teatrologos, etc., desejariam ganhar o dinheiro dos “azes” da bola, como si os futebolistas profissionais fossem milionários... Dizem os intelectuais que os “cracks” são semianalfabetos e ganham o que eles – formados, instruídos, etc. – não ganham... Bonita lógica... [...]

Isso vem a propósito de um programa de livro, domingueiro, numa estação de rádio local, dirigido por um professor, muito culto, aliás. Volta e meia esse professor “mete o pau” no futebol. [...] Domingo último repetiu uma piada muito barata, segundo a qual “perguntei quem era fulano (um nome estrangeiro, literato celebre), e o rapaz que respondeu disse não saber em que clube fulano jogava”... O professor em questão, naturalmente, é desses que têm muita ojeriza pelo futebol. No entanto, conhecemos muitos professores e literatos que não perdem uma partida. Questão de gosto. Agora, si o diretor do programa do livro quer derramar doutrina, bancar o puritano à custa de

¹⁸¹ OLIMPICUS. “Por que o homem que chutou a consciência não se tornou ladrão de galinhas?”. *A Gazeta Esportiva*, 18/09/1943, p. 3.

*invetivas contra o futebol, perde seu tempo. Si sua mentalidade de pessoa culta estivesse bem evoluída e compreendesse que papel representa, hoje em dia, o esporte na vida das nações civilizadas, especialmente quando a serviço da nacionalidade, teria um pouco menos de prevenção contra o futebol!*¹⁸²

O rádio, que ajudara – e continuava a ajudar – o futebol a tornar-se um fenômeno nacional, agora estava sendo utilizado contra ele. Mas o colunista tinha razão ao afirmar que era perda de tempo vociferar contra o “esporte-rei”. O eco seria fraco, e cessaria logo. Para o grande público, Leônidas da Silva, ou Domingos da Guia, ou qualquer outro ídolo do momento, teria mesmo sempre maior importância que qualquer “célebre literato” estrangeiro ou nacional. Principalmente se fossem contra o jogo, como era o caso do professor acima referido.

Além disso, o texto ao mencionar o papel do esporte na vida de um país, “especialmente quando a serviço da nacionalidade”, toca num ponto crucial para aqueles dias em que o Brasil se preparava para enviar os soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na Europa. Não foi por outro motivo que o general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, assim se pronunciou em discurso na sede do Flamengo, no Rio de Janeiro:

*Ergamos, em todo o Brasil, estádios, ginásios, praças de desportos, “playgrounds”, para que crianças, moças, jovens e adultos, pratiquem a educação física. Amemos as competições desportivas, atraindo as multidões para nelas desenvolver o espírito desportivo. O amor à flamula de um clube e o desejo de vitória desses molhes [sic] humanos, na hora da guerra, esmalta-se em sublime amor à pátria. Por tudo isso, senhor presidente do Flamengo, eu estou contente por receber o título de “grande benemerito” do seu clube, porque vejo, no apuro de seus atletas de terra e mar, e na multidão que acorre aos seus majestosos jogos e competições, a própria pátria exuberante em força e energia.*¹⁸³

Assim, o esporte, já tratado pelo Estado Novo como uma questão nacional, envolve-se novamente com a nacionalidade em função da guerra. Vale lembrar a afirmação de Alan Tomlinson, segundo a qual as nações alcançariam sua mais plena expressão por meio de dois modos, a guerra e o esporte.¹⁸⁴ No caso brasileiro, a

¹⁸² OLIMPICUS. “Professor, vamos deixar em santa paz o futebol?”. *A Gazeta Esportiva*, 25/09/1943, p. 3.

¹⁸³ N/a, “O esporte e a sua função nacionalista”. *A Gazeta Esportiva*, 16/10/1943, p. 3.

¹⁸⁴ Alan TOMLINSON, “FIFA and the World Cup”. *Apud* Vic DUKE & Liz CROLLEY, *Football, Nationality and The State*, p. 4.

relação entre esporte, guerra e nacionalidade encontraria sua maior expressão no futebol, como não poderia deixar de ser. Em maio de 1944, às vésperas da partida do primeiro escalão da FEB para a Itália, a seleção brasileira realiza dois amistosos contra o Uruguai em homenagem aos soldados, um no Rio, outro em São Paulo. Havia mais de dois anos que o escrete não jogava, desde o Sul-Americano da Argentina, em fevereiro de 1942, e mais de quatro que não se apresentava no país (a última partida “em casa” fora a disputa da Taça Rio Branco, em 1940); sua volta aos gramados, aliada à causa patriótica, só poderia mesmo causar grande expectativa:

*Segundo os despachos telegraficos que nos chegam às mãos, de todas as partes do país partiram caravanas de “torcedores” com destino à Capital do país, afim de assistir ao primeiro embate entre brasileiros e uruguaios, embate esse que será levado a efeito em homenagem às forças expedicionárias brasileiras. Do Paraná, do Rio Grande do Sul, de Minas, de São Paulo, da Baía e até mesmo de Fortaleza virão afeiçoados. Podem-se, pois, calcular o interesse e a atenção que esse cotejo vem despertando. Um exito invulgar deverá registrar o mesmo, pelo menos financeiramente. [...] Pode-se desde já fazer uma idéia do que será o dia de amanhã na Guanabara. Desde as primeiras horas da manhã, muita gente, com o seu embrulhinho de sanduiches, ou coisa parecida, irá tomar o destino do Estadio do Vasco da Gama e não duvidamos que, já às 11 horas, tudo esteja superlotado. [...]*¹⁸⁵

Se, ao provocar a suspensão das disputas internacionais, a guerra tornou-se um dos motivos que fizeram com que ficasse um hiato na elaboração de uma tradição brasileira no mundo do futebol, ela também acabou tornando-se responsável pela retomada da “linha evolutiva” do futebol pátrio. A vitória no primeiro jogo foi celebrada com uma euforia que chegou a ponto de deixar a FEB, a verdadeira estrela do espetáculo, em segundo plano:

Pela primeira vez na velha historia do nosso cotejo com os uruguaios (já alcançou vinte e oito anos de “idade”), triunfamos por uma contagem que não concede o mais pequenino... saldo aos grandes e sempre leais adversarios do país irmão. Vencemos por 6 a 1 essa primeira partida que encerrava um cunho altamente significativo, e o resultado, não tanto pela exuberancia da cifra, mas pelas virtudes com que o quadro brasileiro o construiu, deve causar imensa satisfação nos mais remotos dos rincões patrios, porque a vitoria de São Januario veio provar que – embora não dando ao conjunto oriental que ora nos visita o valor maximo do seu futebol – ainda cultivamos um “association” digno de nossas velhas tradições e superior na individualidade e no senso quasi inimitavel de improvisação.

¹⁸⁵ N/a, “Vamos para São Januario?” *A Gazeta Esportiva*, 13/05/1944, p. 3.

*O “onze” nacional demonstrou tudo isso na emotiva e vibrante tarde de ontem, quando o esporte-rei deu a sua bellissima contribuição à campanha de guerra, prestando ao Corpo Expedicionario Brasileiro o carinho de sua homenagem através de uma manifestação de patriotismo simplesmente comovedora e sincera. Nossos corações pulsaram quando os bravos soldados da Força Expedicionaria, em numero de oito mil, adentraram garbosos o amplo anfiteatro [sic], e pulsaram, depois, ante a valorosa conduta dos que, em outro setor, lutaram com esplendida fibra pelo engrandecimento do nosso prestígio esportivo internacional.*¹⁸⁶

Três dias depois, no Pacaembu lotado, outra vitória brasileira de goleada, 4 a 0, selando o reaparecimento triunfal da seleção em meio à emoção da despedida da primeira turma de “pracinhas” (até o término da guerra, mais de 20 mil soldados brasileiros seguiriam para a frente italiana, entre eles alguns jogadores profissionais, como o flamenguista Perácio, os botafoguenses Geninho e Walter e o madureirense Bidon). A semelhança entre uma partida de futebol e uma batalha talvez nunca tenha feito tanto sentido para o Brasil quanto naquela época. Daí o clima bélico também nortear a participação da seleção no Campeonato Sul-Americano de 1945, disputado no Chile durante os meses de janeiro e fevereiro. O próprio técnico Flávio Costa transformou os jogadores da equipe em soldados de uma espécie peculiar, ainda na concentração em Caxambu (MG):

*O tecnico Flavio Costa reuniu, esta tarde, os jogadores para fazer-lhes uma preleção que julgou necessaria e imprescindivel. Queria Flavio Costa fazer sentir aos “cracks” brasileiros o verdadeiro sentido da missão que terão de cumprir no Chile. Nesse sentido falou, com eloquencia sobria mas positiva, ressaltando o aspecto arduo da tarefa e frisando que “no estrangeiro só vence o quadro que for dotado de carater forte, que se sacrifica, que se impõe pela vontade inquebrantavel de não parar nunca”. Depois de incentivar a todos para que “lutem, lutem sem desfalecimento enquanto a bandeira do Brasil estiver tremulando no Estadio Nacional de Santiago”, Flavio Costa terminou sua vibrante preleção, dizendo: “Não somos turistas, nem ‘azes’, mas soldados do Brasil”.*¹⁸⁷

Soldados, missão, sacrifício, luta. O Brasil do futebol tinha de ter um desempenho semelhante, ou superior, ao Brasil militar, em uma guerra que iria recomeçar dentro das quatro linhas após três anos de forçado recesso. Tudo em

¹⁸⁶ N/a, “Com todas as virtudes típicas do nosso futebol, os brasileiros alcançaram uma vitória de gala sobre os uruguaios – 6 a 1!”. *A Gazeta Esportiva*, 15/05/1944, p. 2.

¹⁸⁷ N/a, “Não somos turistas nem ‘azes’ mas soldados do Brasil”. *A Gazeta Esportiva*, 08/01/1945, p. 4.

nome da pátria, a mesma pátria daqueles que defendiam a liberdade do mundo nos campos de batalha europeus. Depois da exortação de Flávio Costa aos jogadores, foi a vez da imprensa apelar à comunhão nacional quando da partida do escrete para Santiago:

*Dentro de poucas horas estarão no ar, rumo ao Chile, os nossos jogadores!
Quem são eles?
Paulistas, cariocas, gauchos, mineiros, pernambucanos ou baianos?
Não interessa!
Desde que os vinte e dois elementos sejam inscritos, pouco deverá nos chamar a atenção si se trata de Pedro, Paulo, Joaquim ou Antonio. É nosso desejo que ali esteja a força máxima, moral, técnica e disciplinar do futebol brasileiro. Quer sejam cariocas, paulistas ou mineiros. São todos do Brasil, são todos brasileiros! [...]
Então se ouvirá daqui, através do rádio, o Hino Nacional, entoado no estádio chileno. Saberemos que nossos homens estarão perfilados. Orgulhosos de ouvirem o hino de sua Pátria num rincão longínquo. E esse mesmo hino e aquela bandeira que estará sendo içada tocará profundamente no coração dos nossos homens. Eles se lembrarão que é o pavilhão auri-verde que estará em jogo, e que estarão lutando no Chile pela grandeza do futebol nacional!¹⁸⁸*

Não é possível afirmar o quanto esse ardor ajudou, se é que ajudou, a seleção, porém o time faria uma de suas melhores campanhas até então, conquistando um inédito vice-campeonato numa competição no exterior. O título foi disputado ponto a ponto por Brasil, Argentina e Chile, e, ironicamente, foi graças à vitória brasileira sobre os chilenos que a Argentina conquistou o primeiro posto. A cada uma dessas seleções coube um quinhão de glória, mas o do Brasil teria sido especial: mesmo não sendo campeã, a equipe regressou, segundo Thomaz Mazzoni, “com as maiores honrarias do torneio, pois o melhor futebol que se viu em Santiago, foi o nosso!”¹⁸⁹ Na mesma linha seguem os comentários do chefe da delegação nacional, ninguém menos que o presidente do CND, João Lyra Filho:

*O futebol americano aproxima-se de sua hora de fastígio e proporciona distintos meios de averiguação de possibilidades, inerentes às peculiaridades nacionais de cada país.
A esse respeito, com base no que escrevem os comentaristas mais acreditados e nos depoimentos de técnicos, igualmente autorizados, parece fora de dúvida, como resultante, que o futebol do Brasil, à maneira como vem sendo jogado, consitue ponto alto e singular, tantas as excelências das suas*

¹⁸⁸ N/a, “Boa sorte, rapazes!”. *A Gazeta Esportiva*, 13/01/1945, p. 3.

¹⁸⁹ Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, p. 303.

principais características, mesmo si o levamos a termo de comparação com o futebol praticado na Argentina e no Uruguai. [...]

Nós nos acreditamos amplamente no julgamento dos que mais se consideram entendedores do jogo bretão. Os brasileiros afirmaram as sobejas notas da sua eficiência e, para muitos, construíam surpreendente conjunto, de forma e de fundo, pois que, conquanto prestigiados no conceito da tradição, enriqueceram esta de novos e sobejos motivos que os tornam ainda mais respeitados.¹⁹⁰

O Campeonato Sul-Americano do Chile marcou a retomada do lugar do Brasil no cenário do futebol internacional. A julgar pelo texto de João Lyra Filho, a tradição era mantida ao mesmo tempo que era renovada, caracterizando um estilo sem igual. Domingos da Guia, capitão e ídolo maior da seleção de 1945, ao responder a uma enquete de um periódico chileno feita durante a competição, disse que não sabia precisar há quanto tempo a equipe tinha o padrão de jogo apresentado. No entanto, não titubeou em defini-lo: “nosso futebol é moderno e brasileiro. Tem se aperfeiçoado nos últimos anos”.¹⁹¹

O esporte bretão ganhava uma variante tropical, que inclusive já vislumbrava o próximo passo a ser dado rumo à sua consagração: a realização de uma Copa do Mundo no Brasil.

¹⁹⁰ João LIRA FILHO, “O futebol do Brasil constitui ponto alto e singular”. *A Gazeta Esportiva*, 01/03/1945, p. 5.

¹⁹¹ N/a, “Falamos os ‘cracks’ brasileiros” (matéria transcrita do periódico chileno *Barra Brava*). *A Gazeta Esportiva*, 10/02/1945, p. 5.

4. A Grande Véspera

Aí está o Campeonato Mundial. Nas “manchettes” dos jornais, por enquanto. Logo mais, no maravilhoso Estadio Municipal carioca, entre outros. Então, estará mais vivo, mais real, mais “ele mesmo”. Estará nas chuteiras famosas de verdadeiros artistas da pelota. Estará nos corações patriotas dos que representam suas patrias. Estará nos olhos embevecidos dos assistentes, que verão malabarismos impossíveis com a bola, que aplaudirão com calor jogadas quase divinas, como o fizeram com os lances terríveis do endiabrado Leonidas em terras francesas, há 22 anos; com os petardos de Peracio, o demolidor; com a fleugma impressionante de Domingos, o “Mago”, o “Da Guia” das revistas gaulesas...

Senhores, está aí o Campeonato Mundial de Futebol. Em nossa casa. Em nossos campos. Em gramados verdinhos da nação brasileira. Mas, principalmente, em nosso orgulho de organizadores.

A Gazeta Esportiva, 16 de junho de 1950

Receber um campeonato mundial de futebol no Brasil era uma idéia vislumbrada pelos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos desde muito antes de 1950. Já em 1938, durante o Congresso da FIFA que se realizava em Paris em conjunto com a terceira Copa do Mundo, a entidade lançou oficialmente o nome do país como candidato a sediar o próximo torneio, dali a quatro anos. Como a Alemanha nazista também tinha a mesma pretensão — certamente desejando transformar o evento em mais uma vitrina da suposta superioridade ariana, a exemplo do que fizera com os Jogos Olímpicos de 1936, disputados em Berlim —, a disputa pela sede não seria fácil. Afinal, além de seu poder político, os alemães tinham a vantagem de já dispor da infra-estrutura necessária para acolher uma competição esportiva de tamanho porte. A Comissão Executiva da FIFA, no entanto, preferiu adiar sua decisão para 1940, adiamento que acabou se prolongando por muito mais que dois anos devido à eclosão da guerra na Europa.¹⁹²

¹⁹² N/a, “Onde será realizado o Campeonato Mundial”. *A Gazeta Esportiva*, 06/06/1938, p. 13. É importante notar aqui que a bibliografia apresenta uma divergência factual a respeito dessa decisão da FIFA: enquanto nos trabalhos de Perdigão e Murray aparece implícita a escolha da Alemanha, Mason afirma categoricamente que o Congresso de 1938 decidiu pelo Brasil como sede da Copa de 1942. Cf. Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de uma Derrota*, p. 44; Bill MURRAY, *The World’s Game*, p. 78; Tony MASON, *Passion of the People?*, p. 44.

Ainda que a bola não tenha deixado de rolar entre 1939 e 1945 (inclusive em outros campos, os de batalha, e até mesmo entre prisioneiros e seus algozes), durante esse período o futuro da Copa do Mundo, bem como o do próprio mundo, foi marcado pela incerteza. Somente em julho de 1946 é que os representantes do futebol internacional voltaram a se reunir em um Congresso, dessa vez realizado em Luxemburgo. Na pauta dos três dias do encontro, a retomada da competição e a antiga e reiterada proposta do Brasil de realizá-la em seu território, proposta que, além de contar com o apoio das demais delegações sul-americanas, não teria mais de enfrentar a concorrência da Alemanha, abalada pela guerra e ameaçada de ser eliminada dos quadros da FIFA. Apresentada logo no primeiro dia dos trabalhos, a moção foi tranqüilamente aprovada pela “unanimidade de votos dos delegados presentes”,¹⁹³ para grande alegria do chefe da delegação brasileira, o ex-presidente da CBD Luís Aranha, que em entrevista a um jornal francês declarou então que “esse será o mais belo e o mais brilhante campeonato mundial de futebol que se realizará”.¹⁹⁴

Talvez por ter sido tão tranqüila, a escolha do Brasil como sede da primeira Copa do pós-guerra geralmente é explicada pela idéia de que os países europeus, recém-saídos de mais uma tragédia bélica, “não tinham condições” de promover o maior evento do futebol mundial no final da década de 1940. Curiosamente, tal argumento começou a tomar forma antes mesmo do fim do conflito, logo, muito antes da nova reunião da Comissão Executiva da FIFA se tornar uma possibilidade concreta. Sua primeira idealização talvez date de fevereiro de 1945, quando o jornalista Thomaz Mazzoni afirmou que a oficialização do apoio das federações de futebol da América do Sul à candidatura brasileira significava “metade do caminho percorrido para o campeonato mundial se realizar em nosso país, ajudado aliás pelo fato de não ser aconselhável se realizar na Europa em países devastados e sofrendo as terríveis conseqüências da guerra”.¹⁹⁵

¹⁹³ N/a, “A taça do mundo será disputada no Brasil, em 1949”. *O Estado de S. Paulo*, 26/07/1946, p. 6.

¹⁹⁴ N/a, “O proximo Campeonato Mundial de Futebol”. *O Estado de S. Paulo*, 04 /08/1946, p. 11.

¹⁹⁵ OLIMPICUS, “O Brasil e a proxima Taça do Mundo”. *A Gazeta Esportiva*, 08/02/1945, p. 5.

As “conseqüências da guerra” não impediram, entretanto, que as Olimpíadas de 1948 se realizassem em Londres, nem que a Suíça manifestasse, já no Congresso de Luxemburgo, seu desejo de também sediar uma Copa do Mundo. A postura dos suíços chegou inclusive a causar certa apreensão entre os dirigentes brasileiros, que temiam que as respectivas propostas coincidissem e, o que seria pior, colidissem.¹⁹⁶ Afinal, como bem notou Orlando Duarte, “a Suíça sofreu pouco com a guerra; ficou neutra, tinha sua economia intacta; estádios bons que seriam ampliados proporcionando uma competição sem deslocamento”. Tantas vantagens, como seria de se esperar, fizeram com que o país promovesse a Copa logo depois do Brasil, em 1954.¹⁹⁷

Em contrapartida, a ascensão do futebol uruguaio, argentino e brasileiro durante as décadas de 1920 e 1930 abalou a hegemonia européia no *football association*, começando a desequilibrar a balança do poder futebolístico na direção da América do Sul. Atento a isso, o presidente da FIFA, o francês Jules Rimet, dignou-se a fazer uma visita (bem-sucedida, aliás) ao continente em 1939, com vistas a amenizar os descontentamentos com o criticado eurocentrismo da entidade e assim manter unida “a grande família do futebol”.¹⁹⁸ Anos depois, outra das resoluções tomadas em Luxemburgo foi adotar o espanhol como um dos três idiomas oficiais do mundo do futebol, acatando a proposta apresentada pelos delegados sul-americanos. Refletindo a nova ordem dos gramados, o alemão perdeu seu lugar junto ao inglês e ao francês.¹⁹⁹

¹⁹⁶ N/a, “Congresso de futebol em Luxemburgo”. *O Estado de S. Paulo*, 20/07/1946, p. 8.

¹⁹⁷ Orlando DUARTE, *Todas as Copas do Mundo*, p. 91. No entanto, antes de falar da Suíça, o mesmo autor afirma em seu livro que “por motivos óbvios, nenhum país europeu quis sediar a IV Copa do Mundo. Só o Brasil era candidato e, lógico, ganhou o direito”. *Idem*, p. 71. Longe de pretender desqualificar o valioso trabalho de Orlando Duarte, esta observação apenas ressalta como o referido “senso comum” estabelecido acerca da escolha do Brasil como sede da Copa não é inquestionável.

¹⁹⁸ Bill MURRAY, *The World's Game*, p. 78. Cf. também Tony MASON, *Passion of The People?*, p. 44. Demonstrando como os europeus tinham consciência dessa ascensão sul-americana, em 1950 o jornalista francês Bernard Roll escreveu que “após dois sucessos retumbantes dos futebolistas uruguaios, nos jogos olímpicos de 1924 em Paris, 3 a 0 sobre os suíços, e nos de Amsterdã em 1928, 2 a 1 sobre a Argentina, que revelaram ao público europeu o grande valor individual e coletivo do ‘soccer’ da América do Sul, as fronteiras caíram, uma por uma, no mundo do futebol”. Bernard ROLL, “O Brasil continuará a tradição?”. *A Gazeta Esportiva*, 29/05/1950, p. 12.

¹⁹⁹ N/a, “Congresso de futebol em Luxemburgo”. *O Estado de S. Paulo*, 20/07/1946, p. 8. Cf. também N/a, “A taça do mundo será disputada no Brasil, em 1949”. *O Estado de S. Paulo*, 26/07/1946, p. 6.

Esse quadro permite afirmar que a opção da FIFA pelo Brasil tenha se dado mais pelas mudanças que vinham ocorrendo na geopolítica da bola já havia algum tempo que em função de vicissitudes materiais da Europa. Mesmo porque uma vez conseguido o direito de sediar a Copa, nosso país também teria de enfrentar o problema da infra-estrutura. Em um artigo publicado no novo semanário paulista *Mundo Esportivo*,²⁰⁰ o presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), João Lyra Filho, afirmou que a decisão da FIFA coroava “hábeis e constantes trabalhos dos desportistas brasileiros”, devendo ser vista como um prêmio para a evolução técnica dos atletas e uma recompensa para os dirigentes, que se revelaram à altura dos “altos interesses patrióticos”. Mas só comemorar não bastava:

*Entretanto, maior que o jubilo, a responsabilidade! Faz-se mister comunhão, agora mais geral e mais fervorosa. Nunca se fez tão preciosa a unidade desportiva do Brasil. Nunca maiores expectativas nutriram a presença do atleta brasileiro, nem maiores alvoroços povoam a atenção do desportista nacional. Pensarão conosco os homens publicos, os governantes, as autoridades do poder? O senso do dever acudirá, na conjuntura tão excepcionalmente aberta, a atividade dos desportos deste país? Teremos praças, finanças, politica, interesses, assistencia, diplomacia, teremos meios, em suma, para realizar a empresa? Desgraçadamente, a alegria do povo nunca mereceu atenção preferencial, na ordem política dos programas de governo. Antes do estadio, o sanatorio; em vez de cultivar-se o humor, sufoca-se a tristeza do povo. [...] Será uma humilhação se tivermos de recorrer ao suprimento da Argentina, rogando que ela nos ceda, por emprestimo, algumas de suas praças de desportos, para que o Brasil possa honrar o compromisso assumido perante o mundo! Será que seremos levados ao extremo de abrigar o coração dos desportistas fora das lindes da Patria? A alegria popular necessita tanto de estadios como a fome do povo reclama o pão!*²⁰¹

Ao cobrar uma participação efetiva do poder público em nome da “unidade desportiva do Brasil”, o presidente do CND reedita o discurso nacionalista típico dos tempos do Estado Novo, tomando uma questão cultural – a “alegria do povo” – como uma questão política. E não o faz de modo gratuito, nem está propondo uma

²⁰⁰ O lançamento do semanário *Mundo Esportivo* em agosto de 1946 é apenas um dos exemplos que demonstram a infundável atenção dedicada pelos meios de comunicação ao futebol, sempre o principal destaque de toda e qualquer publicação dedicada aos esportes, por mais ampla que fosse. Ainda em 1946, a Rádio Panamericana – hoje Jovem Pan – tornou-se a primeira emissora do país especializada em esportes; no ano seguinte, a *Gazeta Esportiva* passou a circular diariamente. Cf. Thomaz MAZZONI, *História do Futebol no Brasil*, pp. 307 e 310.

²⁰¹ João LIRA FILHO, “Advertencia”. *Mundo Esportivo*, 30/08/1946, p. 8.

política de pão e circo, como pode sugerir a última frase de seu texto. Lyra Filho tinha consciência de que estava em questão algo muito mais amplo que um simples acontecimento esportivo. Por meio do futebol, o Brasil tinha uma oportunidade valiosa de se apresentar para o mundo como uma grande nação dentro e fora dos gramados. Tanto era assim que, como se pode perceber, o debate que se abriu naquele momento não girava em torno do vencer a Copa do Mundo, e sim de recebê-la adequadamente. E, segundo informava o jornal *O Estado de São Paulo*, esse debate envolvia altas autoridades da República:

Importante reunião realizou-se ontem na sede do Flamengo, por iniciativa do sr. Hilton Santos. Dirigiu os trabalhos o chefe da Casa Civil da Presidência da República, tomando parte na mesa os presidentes da Confederação Brasileira de Esportes [sic], da Federação Metropolitana de Futebol e da Confederação Brasileira de Pugilismo e um representante da cronica esportiva. O assunto tratado foi a construção de estádios em todo o Brasil. Foi lido ao microfone, pelo locutor Gagliano Neto, o plano elaborado pelo sr. Hilton Santos, visando a imediata construção de grandes estádios no Rio, em Porto Alegre, em Salvador e em Recife, em face do proximo campeonato mundial de futebol. [...] Em face de opiniões divergentes, o sr. Gabriel Monteiro da Silva se prontificou a levar o plano, sob a forma de memorial, pessoalmente, ao presidente da República, inclusive encaminhando as opiniões dos clubes e da imprensa.²⁰²

Não se sabe se o chefe da Casa Civil chegou a encaminhar tal “plano”, que, de acordo com a mesma matéria, previa a abertura pelo governo de um crédito de 300 milhões de cruzeiros para as obras. O momento, porém, propiciou a retomada da antiga idéia de se erguer um grandioso estádio na capital da República, um estádio que, estando à altura da magnitude do evento, fosse o cartão de visitas do progresso esportivo da pátria. Não se furtando à responsabilidade clamada por João Lyra Filho, em 1947 o recém-nomeado prefeito do Distrito Federal, general Ângelo Mendes de Moraes, enviou uma mensagem à Câmara Municipal pedindo autorização para a construção dessa praça de esportes no terreno anteriormente ocupado pelo Derby Club no bairro do Maracanã, zona norte da cidade. O local era o mesmo que havia sido definido ainda no governo Vargas, assim como o projeto, dos arquitetos Pedro Paulo Bastos e Antonio Dias Carneiro, vencedores do concurso

²⁰² N/a, “Projeto de construção de estadio em varios estados”. *O Estado de S. Paulo*, 04/08/1946, p. 11.

nacional promovido pelo Ministério da Educação e Saúde em 1941. O estádio, todavia, não mais seria “Nacional”, e sim “Municipal”, o que significava que a prefeitura teria de arcar com os altos custos que envolveriam a construção de tamanho empreendimento.

De acordo com Sérgio Cabral, o pedido do prefeito agitou o plenário da Câmara e dividiu bancadas, principalmente a da União Democrática Nacional (UDN), da qual saíram tanto o principal defensor da obra, o radialista e compositor Ari Barroso, quanto o grande opositor, Carlos Lacerda. Ari defendia a prioridade imediata do estádio sobre a construção de novos hospitais, argumentando que o povo preferia freqüentar os campos aos leitos hospitalares, numa visão muito próxima à da expressa pelo seu amigo Lyra Filho; ao mesmo tempo, articulava o apoio dos vereadores comunistas ao projeto, que acabariam funcionando como o fiel da balança nas votações. Lacerda, por sua vez, apontava um caráter fascista nas intenções do prefeito, a quem acusava de pretender erguer uma obra monumental “nos moldes da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler”; além disso, questionava a saúde financeira da administração, a ponto de convocar ao plenário o secretário de finanças da prefeitura para explicações sobre o caixa do município. Detalhe interessante é que esse secretário era, coincidência ou não, o próprio presidente do CND, João Lyra Filho, cujo interesse na obra era mais que óbvio.²⁰³

Em meio às batalhas verbais, a Câmara acatou uma sugestão de Ari Barroso e solicitou ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) uma consulta à população da cidade para apurar como ela se posicionava a respeito do estádio. Realizada em agosto de 1947, a pesquisa – que Sérgio Cabral diz ter sido financiada pelos bolsos de Ari e, novamente, João Lyra Filho –²⁰⁴ teve quatro objetivos: analisar o grau de interesse da população pelo futebol; estudar a opinião do público em relação à conveniência ou não da construção de um estádio para a cidade; verificar qual a opinião do público quanto às duas localizações propostas para o mesmo (Derby Club ou Jacarepaguá); e, finalmente, verificar se a população estaria disposta a arcar com algum ônus para a realização dessa obra. A pesquisa foi dividida em duas

²⁰³ Sérgio CABRAL, *No Tempo de Ari Barroso*, pp. 250-2.

²⁰⁴ *Idem*, p. 251.

etapas, “consultando, na primeira, o público em geral (miniatura da população, incluindo também aqueles que não se interessam pelo esporte) e, na segunda, os aficionados, cuja opinião deveria pesar mais fortemente, por serem o grupo especificamente interessado no assunto”.²⁰⁵

Após consultar 580 pessoas na primeira etapa e 500 na segunda, o IBOPE apontou que o futebol era a diversão predileta de 29,2% do público carioca em geral, enquanto 30,5% dele preferia o cinema. Um empate técnico muito significativo, pois revelava o sucesso estrondoso de duas manifestações culturais estrangeiras que aqui foram aclimatadas e reelaboradas, originando um estilo brasileiro tanto nos gramados – uma forma de jogar que mais tarde seria chamada de “futebol-arte” – quanto nas telas – a “chanchada”. Para os interesses então em jogo, os percentuais mais importantes da pesquisa eram outros: 79,2% dos cariocas achavam necessária a construção do Estádio Municipal, 56,8% julgavam que sua localização deveria ser mesmo no Derby e 53,6% dispunham-se “a cooperar na medida de seus recursos” para a execução da obra.²⁰⁶

Mesmo com os números desse enorme apoio popular em mãos, as divergências e insatisfações dos políticos persistiam, para inconformidade da *Gazeta Esportiva*, que também fornece uma idéia da atenção que a imprensa em geral então dedicava à proposta do prefeito carioca:

*É fora de duvida que o tema mais em evidencia no futebol brasileiro nestas ultimas semanas é o do estadio do Rio de Janeiro. Toneladas de papel têm sido gastas pelos jornalistas para escrever sobre o assunto e os locutores fizeram do mesmo seu comentario predileto. Afinal, o estadio não é facil... Ao contrario, graças à obstrução de varios deputados federais e vereadores cariocas, o estadio para o campeonato do mundo corre o risco de não ser construido... Nega-se a construção de um só Estadio para um certame tão importante, que, ao lado do Pacaembú e São Januário já seria o bastante.*²⁰⁷

²⁰⁵ “Pesquisa de opinião pública levada a efeito pelo IBOPE, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1947, no Distrito Federal, com o objetivo [de] estudar a localização do Estadio da cidade, por iniciativa do vereador Ary Barroso, para a Câmara de Vereadores do Distrito Federal”. Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp. Acervo IBOPE. Volume IBOPE – Pesquisas Especiais – 1947. Vol. 2-6, Pesquisa 05, p. 02 (grifos do original).

²⁰⁶ *Idem*, pp. 07-08. Todos os percentuais citados referem-se à opinião do público em geral, já que entre os aficionados os números foram, naturalmente, bem maiores: 84,8%; 95%; 85,3% e 77,5%, respectivamente.

²⁰⁷ N/a, “A questão do Estadio monumental do Rio”. *A Gazeta Esportiva*, 10/10/1947, p. 8.

Entre setembro e novembro de 1947, o projeto passou por três votações na Câmara do Distrito Federal, que registraram todas o mesmo placar: vinte e nove dos cinquenta vereadores (incluindo os dezoito do Partido Comunista, satisfeitos pela inclusão de uma emenda que previa a construção de outros cinco pequenos campos nos subúrbios) foram favoráveis à sua aprovação, dois contra e dezenove se abstiveram. Com três votos a mais que o necessário para se alcançar a maioria absoluta, os vereadores permitiram ao prefeito Mendes de Moraes promulgar, em 14 de novembro do mesmo ano, a lei autorizando a construção do tão sonhado estádio, que finalmente sairia do papel.²⁰⁸

Antes mesmo das obras se iniciarem, logo na primeira semana de 1948 começavam a ser vendidas as trinta mil cadeiras cativas do futuro campo, que teria a fabulosa capacidade de comportar 155 mil pessoas. Cada uma das cadeiras custava cinco mil cruzeiros, e, como constava do texto do projeto aprovado pela Câmara, o dinheiro arrecadado formaria um fundo destinado a cobrir parte das despesas da construção do estádio.²⁰⁹ Da mesma forma que o selo pró-Seleção em 1938, com seu lema “auxiliar o *scratch* é dever de todo brasileiro”, a aquisição das cadeiras seria mais que uma oportunidade de garantir lugar para a Copa do Mundo, seria uma forma de demonstrar patriotismo. Assim se contribuía para inscrever o Rio de Janeiro e, conseqüentemente, o Brasil no mundo “desenvolvido”, cujo grau de civilização parecia medir-se pelo número de praças esportivas que cada país possuía:

Si há uma campanha que todos os desportistas e cariocas devem incentivar, cobrir do melhor apoio, essa campanha é a da venda das cadeiras cativas. Nela estão empenhados o prefeito e o sr. João Lira Filho, secretario de Finanças e presidente do Conselho Nacional de Desportos, com o mais vivo entusiasmo. Não se trata de uma realização da Prefeitura. É simplesmente humilhante para o Rio e para o Brasil, a sua capital não possuir uma praça de desportos condigna, para os grandes jogos olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol. As grandes metropoles e cidades de maiores populações possuem estadios. Na ultima Copa do Mundo, a que assistimos como cronista desportivo, em 1938, presenciamos a inauguração de monumentais estadios em Marselha e Bordeaux. Na Italia, em todas as cidades, há estadios que comportam grandes multidões. Buenos Aires possui nada menos de seis praças de desportos imensas e no Brasil somente contamos com o Pacaembú e Vasco da Gama,

²⁰⁸ Cf. Sérgio CABRAL, *No Tempo de Ari Barroso*, p. 252; Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 45.

²⁰⁹ N/a, “Para a ‘Copa do Mundo’”. *A Gazeta Esportiva*, 30/08/1947, p. 9.

*sendo que neste ultimo estadio não poderíamos colocar as grandes assistencias da Copa do Mundo de 1950.*²¹⁰

No feriado municipal de 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade, houve a aguardada cerimônia de lançamento da pedra fundamental do estádio. Além do anfitrião Mendes de Moraes, algumas das maiores personalidades do país se fizeram presentes, como o vice-presidente da República, Nereu Ramos, o cardeal Dom Jaime Câmara e, claro, o presidente do CND e secretário municipal João Lyra Filho – faltou apenas o proprietário da simbólica cadeira cativa número 1, o presidente Dutra, ali representado pelo vice-chefe da Casa Militar da Presidência, comandante Raul Reis. Em seu inevitável discurso, o prefeito afirmou que a construção era “um imperativo que se impunha ao governo municipal”, cabendo iniciá-la rapidamente para que estivesse pronta até junho de 1950, quando começaria a Copa do Mundo.²¹¹

As obras, contudo, só foram se iniciar efetivamente meses depois, em agosto, o que tornou dramática uma tarefa que de antemão já se sabia que seria árdua, dado o escasso tempo restante. Era necessário cumprir de qualquer maneira o prazo previsto, para fazer valer a palavra do prefeito, que em última instância representava a palavra do povo carioca e, por extensão, brasileiro. Não era permitido sequer pensar em descanso. Segundo Paulo Perdigão, “cerca de 1.500 operários trabalharam com 500 mil sacos de cimento, 10 milhões de quilos de ferro, 3 milhões de tijolos e outro tanto de madeira, pedra e areia, até erguer a maravilha arquitetônica nos terrenos da antiga pista do Derby Club (daí a designação pomposa de ‘Gigante do Derby’, muito usada na época)”.²¹² Às vésperas da data marcada para a inauguração, 16 de junho de 1950, os números da imprensa davam conta de um contingente bem maior de braços, que ainda chegou a ser reforçado por novos soldados. Literalmente:

Afim de auxiliar nas obras, quasi terminadas, do majestoso Estadio Municipal do Rio de Janeiro, a 1ª. Região Militar tomou uma medida que veio mostrar a urgente necessidade de se terminar, o mais depressa possível, a construção do “Colosso do Derby”. Agora, em sua fase final, mesmo com cerca de 5.000 operarios trabalhando dia e noite, a grande obra necessita estar terminada até 16 de junho, justamente quando será inaugurada com o

²¹⁰ N/a, “As cadeiras cativas”. *A Gazeta Esportiva*, 08/01/1948, p. 9.

²¹¹ N/a, “Aniversario de fundação do Rio de Janeiro”. *O Estado de S. Paulo*, 21/01/1948, p. 16. Cf. também N/a, “Estadio para a Copa do Mundo”. *A Gazeta Esportiva*, 21/01/1948, p. 9.

²¹² Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 45.

encontro entre os “novos” paulistas x cariocas. E reconhecendo a necessidade imperiosa de ser ainda mais apressada a construção, o general Zenobio da Costa, comandante da 1ª. Região Militar, tem enviado centenas de soldados afim de colaborarem na construção final da grande obra. Sem dúvida, foi uma valiosa colaboração da 1ª. Região Militar que, com isto, manda novas “tropas” para terminar a “batalha”...²¹³

Os esforços não foram suficientes para concluir a obra por completo, mas bastaram para que o Estádio Municipal do Rio de Janeiro fosse oficialmente inaugurado na data prevista, a apenas oito dias da abertura do campeonato mundial. Politicamente inaugurado, melhor dizendo. Da mesma forma que ocorrera na abertura do Pacaembu, dez anos antes, a bola só rolou no dia seguinte aos discursos, quando a seleção paulista de novos bateu a carioca por 3 a 1. E como os tempos eram outros, desta vez a separação entre política e futebol se dava não pelos pretextos cívico-nacionalistas do Estado Novo, e sim em função de interesses mais prosaicos e pessoais, já que 1950 era também um ano de eleições, marcadas para dali a poucos meses, em outubro. O prefeito Ângelo Mendes de Moraes procurava se aproveitar, sozinho, do impacto causado pela grandiosidade do “Colosso do Derby”, que inclusive chegou a ser informalmente batizado pela imprensa como “Estádio Mendes de Moraes”.²¹⁴

Interesses e apropriações políticas à parte, o Estádio, mesmo com andaimes, tijolos e vergalhões à mostra, provocou uma “impressão de deslumbramento e espanto” em todos que lá compareceram, imprensa, público e autoridades como, agora sim, o presidente Dutra e Jules Rimet, ainda liderando a FIFA do alto de seus 77 anos.²¹⁵ Nascia o mais novo monumento nacional. Nas palavras da *Gazeta*

²¹³ N/a, “Auxílio do Exército ao Estádio”. *A Gazeta Esportiva*, 01/06/1950, p. 1.

²¹⁴ Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 46. A respeito do uso político do estádio pelo prefeito, Sérgio CABRAL diz que “como se não bastassem os discursos, as entrevistas e as fotografias, o prefeito resolveu condecorar várias pessoas com a Medalha Mendes de Moraes, como homenagem pela contribuição prestada à realização da obra. Vários vereadores foram condecorados. Ari Barroso seria um dos agraciados, mas não compareceu à cerimônia de entrega das medalhas. Mas foi à tribuna para comentar a homenagem. Começou estranhando a presença do vereador Alencastro Guimarães entre os condecorados, pois foi ele um dos que alinharam com Carlos Lacerda na defesa da transferência da obra para Jacarepaguá. Estranhou também a ausência do dirigente esportivo – e seu grande amigo – Luís Aranha [que, vale lembrar, representara o Brasil na reunião da FIFA que oficializou a sede da Copa] entre os homenageados”. *No Tempo de Ari Barroso*, p. 268.

²¹⁵ N/a, “Impressão de deslumbramento na inauguração do estadio da Copa do Mundo”. *A Gazeta Esportiva*, 17/06/1950, p. 1; N/a, “Inaugurado ontem o Estadio Municipal do Rio de Janeiro”. *O Estado de S. Paulo*, 17/06/1950, p. 8. Cf. também Gisella de Araujo MOURA, *O Rio Corre para o Maracanã*, pp. 42-8; Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, pp. 45-6; Mauricio MURAD, *Dos Pés à Cabeça*, pp. 103-6.

Esportiva, “pela sua grandiosidade, pelo arrojo de suas linhas, pela sua formidável área, [o estádio] deixará de ser rapidamente um motivo de alegria exclusiva para o cidadão do Distrito Federal, transformando-se num monumento nacional, que nós todos poderemos admirar com um orgulho geral”.²¹⁶ Isto é, com o orgulho nacionalista de quem levantou o maior estádio do mundo, “detalhe” muito enfatizado pela imprensa então.

No entanto, construir um estádio à altura da Copa do Mundo não foi o único problema que o Brasil teve de driblar durante a organização do evento. Em busca das quatorze vagas disponíveis para a competição (as seleções brasileira, anfitriã, e italiana, detentora do título, já estavam automaticamente classificadas), trinta e dois países se inscreveram para a disputa das eliminatórias, que se iniciaram em abril de 1949. Alguns, porém, sequer chegaram a entrar em campo, como a Argentina, que desistiu alegando “problemas de relacionamento” com a CBD.²¹⁷ Já outros renunciaram depois de conquistarem a vaga, caso da Índia, Turquia e Escócia – esta porque ficou “em segundo lugar nas eliminatórias britânicas e seus dirigentes acharam que nada tinham a fazer no Rio, pois a Inglaterra, que participaria do seu primeiro mundial, fora primeiro [do grupo] e estava melhor (sic!)”.²¹⁸

Para ficar o mais próximo possível do número de dezesseis participantes, foram convidados então Portugal e França, que haviam sido eliminados na fase de classificação por Espanha e Iugoslávia, respectivamente. Os portugueses declinaram de imediato; os franceses, após saberem que o sorteio dos grupos para a Copa, realizado em maio de 1950, determinara que teriam de jogar sua primeira partida em Porto Alegre e a segunda em Recife, num prazo de quatro dias entre uma e outra. Tal decisão foi encarada como desrespeitosa pelos brasileiros, uma vez que desprezava

²¹⁶ N/a, “Brasileiro, o maior Estadio do mundo”. *A Gazeta Esportiva*, 17/06/1950, p. 2.

²¹⁷ Embora tal justificativa não fosse de todo inverídica, uma vez que as relações político-esportivas entre brasileiros e argentinos nunca haviam se primado pelo respeito mútuo dentro e fora dos gramados, houve ainda um outro fator que sem dúvida pesou na decisão tomada pelos vizinhos: o temor do governo peronista de que sua equipe não desempenhasse um bom papel no certame, o que poderia repercutir negativamente sobre o regime. Esse temor se explicava pela crise institucional na qual estava mergulhado o futebol argentino no final dos anos 1940, quando conflitos entre o sindicato dos atletas profissionais, clubes e a entidade dirigente (a Asociación del Fútbol Argentino – AFA) provocaram greves e o êxodo de seus principais jogadores, dentre eles o jovem craque Di Stéfano, que foi para a Colômbia coreografar o “balé azul” do Millonarios de Bogotá. Cf. Tony MASON, *Passion of The People?*, pp. 59 e 68; Bill MURRAY, *The World’s Game*, p. 90.

²¹⁸ Orlando DUARTE, *Todas as Copas do Mundo*, p. 72.

os esforços feitos pela seleção durante a Copa de 1938, quando a equipe teve de cruzar, de trem e em curto espaço de tempo, longas distâncias dentro da França para disputar suas partidas. E foi a gota d'água para que a *Gazeta Esportiva* cobrasse medidas drásticas contra aqueles países que não faziam muita questão de aportar por aqui:

É fóra de dúvida que ao se encerrar o IV campeonato mundial, os responsáveis pelos destinos do futebol do Brasil devem revêr a nossa politica internacional da bola, colocando-a no terreno real que esta Copa do Mundo de 50 nos impõe. Futebol, como qualquer outra atividade, quer dizer relações, amizades, intercambio, especialmente no setor internacional.

Ora, sendo o Brasil um dos primeiros países futebolísticos do mundo é fóra de dúvida que nossa politica deve exigir que os favores e os sacrificios nossos venham a ser correspondidos na mesma igualdade pelos outros. Fóra disso será trabalharmos contra os nossos proprios interesses. Logo, o que vem sucedendo em relação ao campeonato mundial merece a devida atenção da C.B.D. e do C.N.D. Realidade, antes de mais nada. Amizade sincera, ou nada. Aos nossos amigos toda a nossa estima, e aos outros devemos trata-los com a mesma moeda. Politica real. Por isso, o futebol brasileiro deve organizar sua lista negra, não nos bastidores, não às escondidas, e sim abertamente, com franqueza bem brasileira, com certeza de que estamos agindo com justiça absoluta.²¹⁹

Novamente falava mais alto o orgulho nacional. Afinal, “um dos primeiros países futebolísticos do mundo” não deveria ser menosprezado ao acolher, a despeito de uma série de dificuldades, a grande festa da bola, ainda mais considerando-se o fato de que “quando o Brasil esteve presente nos três passados campeonatos, não mediu sacrifícios, não se fez de rogado, não se queixou, não se indignou, nem nada. Compareceu, cumpriu seu dever e nem um obrigado exigiu de ninguém. Não é honesto que agora que o campeonato está para se realizar em nossa casa tenhamos queixas e mais queixas a ouvir...”.²²⁰ Se os franceses soubessem de toda essa mágoa, certamente não teriam solicitado à FIFA a substituição de Recife por São Paulo como condição para participarem da Copa, como chegaram a fazer. Receberam, então, uma “resposta de gente com noção de dignidade”:

Lemos nos jornais do Rio que chegou à C.B.D. um telegrama da FIFA, consultando si não seria possível marcar para São Paulo o jogo que estava

²¹⁹ N/a, “Lista negra do futebol brasileiro”. *A Gazeta Esportiva*, 07/06/1950, p. 3.

²²⁰ N/a, “Na França esquecem os sacrificios dos brasileiros em 1938”. *A Gazeta Esportiva*, 06/06/1950, p. 3.

*destinado à França em Recife, porque nesse caso os gauleses reconsiderariam a sua decisão e viriam ao Brasil para a disputa da “Copa do Mundo”. Mas a C.B.D. imediatamente respondeu com a dignidade que seria de desejar, informando à FIFA que agora não interessa mais qualquer sugestão sobre o assunto, pois a C.B.D. considera a França como desistente do Campeonato do Mundo.*²²¹

Em função de todas essas atribulações e desistências, em junho de 1950 o Brasil acolheria somente doze “amigos”. Da Europa, viriam Espanha, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Suécia e Suíça; da América, Bolívia, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai e Uruguai. E ainda que esse número significasse um retrocesso se comparado com as edições anteriores da competição, o mais importante era que, mesmo com três vagas em aberto, mesmo com o grande palco da festa ainda por terminar, o país superara o desafio de organizar um campeonato mundial. Agora, faltava “apenas” nossos jogadores conquistarem a Taça Jules Rimet – novo nome do troféu *Coupe du Monde*, rebatizado em homenagem ao veterano presidente da FIFA – para que a nação triunfasse definitivamente graças a seus pés. De acordo com Arno Vogel, “chegou-se ao ponto de sugerir que o ideal seria ter um jogador de cada Estado, que, acrescidos do representante de um dos Territórios, completariam o elenco dos vinte e dois convocados. Muito mais do que uma Seleção Brasileira, esta equipe seria um verdadeiro microcosmo metonímico da nação. Nenhum dos elementos da totalidade estaria excluído e ela própria seria representada pela integração complementar das suas partes constitutivas”.²²²

Apesar da proposta ser a mais perfeita expressão do desejo de promover a integração nacional em função do futebol, ela “contrariava as realidades factuais do desenvolvimento futebolístico das diferentes regiões do país”, como ressalta o próprio Vogel.²²³ Realidades que sequer tinham como ser desprezadas quando, em 23 de março, três meses antes da estréia brasileira na Copa, o técnico Flávio Costa deu início à preparação da seleção, convocando 28 jogadores para uma temporada de “recuperação física” em Araxá, Minas Gerais. Como de hábito, a maioria dos

²²¹ N/a, “Resposta de gente com noção de dignidade”. *A Gazeta Esportiva*, 13/06/1950, p. 3.

²²² Arno VOGEL, “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional”, em Roberto DAMATTA (org.), *Universo do Futebol*, p. 81.

²²³ *Idem, ibidem.*

chamados atuava nos grandes clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo que só o Vasco da Gama, time treinado por Flávio e conhecido então como “Expresso da Vitória”, cedeu dez deles. No entanto, isso não fazia com que se perdesse o referencial mais amplo e mais importante, segundo informava o enviado especial da *Gazeta Esportiva* a Araxá:

*Já dissemos em outra ocasião e repetimos agora. Todos os craques concentrados não mais se desconhecem. Estão unidos, coesos, pondo boa vontade por todos os poros do corpo. Aqui em Araxá não existe paulista, carioca, mineiro, fluminense, pernambucano, gaúcho, ou filho de outro Estado qualquer. Existem, isso sim, brasileiros! Brasileiros dispostos a elevarem bem alto o bom nome, e o prestígio do futebol indígena. Isso notamos desde o primeiro dia de concentração.*²²⁴

Os atletas permaneceram na estância mineira por quase um mês, de 27 de março a 24 de abril. Durante esse período, foram comandados pelo auxiliar Vicente Feola, pois logo após fazer a convocação Flávio Costa viajou à Europa para cumprir “outra importante missão”: assistir a alguns jogos das eliminatórias e observar os possíveis adversários do escrete no certame mundial. Mas não eram apenas os convocados e a comissão técnica que começavam então a se mobilizar pelo êxito das cores nacionais. No Rio de Janeiro, o vereador Eduardo Bartlett James apresentou um projeto que instituía a Taça Brasil, para ser oferecida à seleção vencedora da Copa, e um prêmio de trinta mil cruzeiros para cada um dos jogadores brasileiros se fossem eles os campeões. Em São Paulo, o vereador José de Moura previa a entrega de medalhas de ouro aos titulares, reservas e ao técnico da seleção, bem como a Taça Cidade de São Paulo à CBD, caso o título ficasse no Brasil. Confirmando-se essa “hipótese tão risonha e tão agradável”, a Prefeitura Municipal de Araxá, por sua vez, ergueria um monumento comemorativo ao grande feito.²²⁵ A política, assim, também se engajava na “Cruzada da Vitória”:

²²⁴ Aurelio BELLOTTI, “Não somos nós, é o Brasil que precisa desse título!”. *A Gazeta Esportiva*, 31/03/1950, p. 1

²²⁵ Cf., respectivamente, N/a, “Apoio à Copa do Mundo”. *A Gazeta Esportiva*, 06/04/1950, p. 16; N/a, “No caso do Brasil vir a ser campeão...”. *A Gazeta Esportiva*, 18/04/1950; Aurelio BELLOTTI, “Araxá saberá honrar os campeões do mundo”. *A Gazeta Esportiva*, 14/04/1950, p. 1. Com referência ao projeto de lei carioca, é necessário observar que Sérgio Cabral diz que seu autor foi Ari Barroso, e não Eduardo Bartlett James; no entanto, a “*Esportiva*” apresenta o texto do projeto na íntegra, e nele só aparece o nome de Bartlett James. Cf. Sérgio CABRAL, *No Tempo de Ari Barroso*, pp. 265-6.

[...] Como se vê, tudo tem sido feito, num movimento que é verdadeira “Cruzada da Vitória”, por parte dos próprios craques nacionais, que estão compenetrados de seus deveres, obedecendo às ordens emanadas de seus superiores e pondo sempre a disciplina acima de tudo. Também os próprios dirigentes estão compreendendo bem o seu papel e uniram-se para engrandecer e elevar o futebol patrio.

Ainda os jornalistas esportivos, pelas suas colunas, fazem a necessária doutrinação com o intuito altruístico de se alcançar o objetivo desejado. Tudo tem sido feito, e por fim, até o público, este imenso público esportivo brasileiro, já está preparado, sob todas as formas, para assistir ao grande certame no qual estará em xeque o título máximo do futebol mundial. Sabe o público que o respeito ao adversário é devido, porém, nem por isto deixará de incentivar o Brasil à vitória. Assim, tudo está preparado para o Brasil lutar, e si possível, vencer a Copa do Mundo de 1950. Mesmo porque, a par das providências tomadas e que já são do domínio público, os responsáveis pela nossa seleção estudaram e corrigiram com carinho os defeitos e falhas observadas em outros tempos, e que ainda estão na lembrança de todos. Ninguém ignora que perdemos nada menos do que três campeonatos mundiais, devido a vários fatores, entre eles uns por dissensões entre nós, provenientes de futeis rivalidades, além da própria desorganização do nosso modo de preparar as seleções futebolísticas. Foi assim em 1930, 1934 e 1938.²²⁶

Ao incluir no rol dos fracassos da seleção a bela campanha realizada na Copa de 1938, o articulista trai o desejo geral de que o ano de 1950 fosse um divisor de águas na história do futebol brasileiro, marco entre o passado de derrotas e um promissor futuro de conquistas. O glorioso terceiro lugar conquistado na França misturava-se sem qualquer mediação às duas desclassificações sumárias anteriores, e o deslumbramento ante a possibilidade cada vez mais próxima do triunfo fazia com que tudo se perdesse em um tempo indistinto. Debaixo do verniz de humildade do texto — “lutar e, se possível, vencer” — escondia-se toda a confiança em que a melhor participação do Brasil em mundiais tinha de pertencer ao porvir.

Bastou a equipe entrar em campo, entretanto, para que tanta segurança sofresse sérios abalos. Após o repouso em Araxá, os jogadores voltaram ao Rio de Janeiro para dar início à segunda parte do programa de treinamentos estabelecido pela comissão técnica. Dividida em duas equipes, Azul (considerada a principal) e Branca, a seleção disputaria a Copa Rio Branco com o Uruguai e a recém-instituída Taça Oswaldo Cruz contra o Paraguai. Logo em seu primeiro jogo, em 6 de maio, o quadro “A” perdeu para os uruguaios no Pacaembu por 4 a 3, resultado que foi visto

²²⁶ N/a, “Perdemos, porque não houve união”. *A Gazeta Esportiva*, 20/04/1950, p. 5.

como surpreendente pela imprensa esportiva, já que os “orientais” tinham se saído mal na partida contra os paraguaios pelas eliminatórias sul-americanas na semana anterior, quando foram derrotados por 3 a 2.²²⁷ Tão surpreendente que nem a vitória por 2 a 0 do time “B” sobre o Paraguai no dia seguinte, em São Januario, conseguiu evitar uma sensível mudança de discurso:

Estamos a apenas 46 dias da nossa estreia no Mundial de Futebol. Pouco mais de um mês nos separa da primeira alegria ou de um desastre total. Nunca no Brasil houve um preparo tão eficiente em torno de nossa representação. Melhor dito: nunca tivemos tantos cuidados com nossa equipe. E nunca, também, nossa “chance” foi tão grande para a conquista do ambicionado título, ora em poder da Italia.

Uma vez mais, porém, faltou-nos melhor organização e uma orientação de sentido mais prático. Uma vez mais um otimismo exagerado e pernicioso cerca nossas possibilidades. Nem sequer temos nosso quadro escalado, nem sequer temos nosso “onze” em ordem e já se apregoa, alto e bom som, que o título ficará por aqui. Parece tratar-se de desmemoriados, os nossos torcedores e os nossos jogadores. Esquecem-se eles de que para aqui virão os conjuntos da Inglaterra, da Italia, da Espanha, equipes de igual poderio técnico e com amplas possibilidades de levantarem a Taça.

É interessante notar que o cronista, por ingenuidade ou conveniência, não via a imprensa como parte integrante daquele “otimismo exagerado e pernicioso” que ameaçava o desempenho da equipe brasileira. Apenas os torcedores e jogadores eram “desmemoriados”; os repórteres, não. Por isso, crítico que era, ele podia até se dar ao luxo de prestar um incrível agradecimento à seleção uruguaia, como fez na seqüência:

Falta muito ainda para que nos coloquemos em forma. Falta muito ainda para que nosso “onze” se encontre em condições de jogo, em condições de enfrentar em igualdade de possibilidades os países que concorrerão. Devemos agradecer a derrota sofrida há pouco contra os uruguaios. Foi a “ducha” de água fria de que estávamos precisando... Serviu para que caísse a pernicioso “mascara” de que estávamos possuídos. Mais uma vez o Uruguai prestou-nos um grande favor.²²⁸

²²⁷ N/a, “Os ‘guaranis’ impressionaram mais”. *A Gazeta Esportiva*, 03/05/1950, p. 3. O jogo entre Uruguai e Paraguai foi em São Januario e valeu pelas eliminatórias sul-americanas, ainda que tenha sido “apenas *pro forma*”. Embora tendo perdido, o Uruguai foi classificado junto com o Paraguai, já que os outros adversários da chave, o Peru e o Equador, desistiram de participar, e o regulamento previa a classificação de dois países nesta chave”. Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 47, nota 37.

²²⁸ N/a, “Quatro craques... Quatro destinos...”. *A Gazeta Esportiva*, 11/05/1950, p. 4.

Desnecessário comentar o quanto essa última frase hoje soa amarga. Depois da decepção inicial, o time “A” conseguiu duas vitórias sobre o Uruguai, por 3 a 2 e 1 a 0, no Rio, enquanto o “B” não passou de um empate de 3 a 3 com o Paraguai, em São Paulo. Os dois troféus em disputa ficaram com o Brasil, mas ambos os quadros da seleção continuavam a atuar mal, fazendo com que as críticas se intensificassem pelas páginas dos jornais. A torcida, de sua parte, expressou todo o seu descontentamento em apupos dirigidos aos jogadores, como aconteceu no jogo contra a seleção gaúcha, em junho, quando “todo o quadro que ‘pintava’ como o titular para os cotejos da Copa do Mundo levou vaias tremendas do público presente em São Januario”.²²⁹ Ainda assim, qualquer esboço de reação, como uma vitória sobre os aspirantes do Vasco, bastava para reacender as esperanças do país:

*Hoje, no Estadio de S. Januario, à tarde, os “pupilos” de Flavio Costa demonstraram que são realmente capazes de representar o nosso futebol no magno certame do mundo. Jogando contra o quadro de aspirantes do Vasco da Gama, reforçado por varios elementos, os nossos rapazes exibiram um futebol de primeira linha, tanto no que se refere ao conjunto como no setor individual. Todos, ou quasi todos, atuaram de maneira convincente, produzindo jogadas de merito indiscutivel. Foi conseguida a vitoria por 8x1 sobre os cruzmaltinos, sendo que no primeiro tempo registrou-se o placarde de 6x0.*²³⁰

Esperança, atenção, preocupação, expectativa. Tais sentimentos foram ainda mais intensos em 24 de junho, quando a nação acordou pronta para voltar olhos, ouvidos e coração para a capital federal, mais especificamente para seu Estádio Municipal, onde às 15 horas a seleção brasileira faria sua estréia na IV Copa do Mundo contra o México, primeiro adversário do seu grupo. No mesmo dia, a *Gazeta Esportiva* estampou em suas páginas uma charge na qual apareciam dançando um brasileiro de camisa listrada e chapéu de lado (o típico “malandro”) e um mexicano sob seu *sombrero*, abaixo deles, os versos: “na primeira contra-dança / o primeiro par avança / qual dos dois será mais ‘bamba’? / ‘Cebedino’ logo arrasa / dançando, à moda da casa, / bolero... em tempo de samba!”. Futebol, malandragem e samba. Em

²²⁹ N/a, “Jair e o trio Bauer – Rui – Noronha salvaram o espetáculo”. *A Gazeta Esportiva*, 06/06/1950, p. 1.

²³⁰ N/a, “Impressionam os craques convocados”. *A Gazeta Esportiva*, 15/06/1950, p. 6.

um único quadrinho, fundiam-se os principais elementos da cultura popular que formavam a identidade nacional brasileira.²³¹

No Maracanã, recebida por pombos e balões de gás, pelos acordes da Banda dos Fuzileiros Navais e sob as vistas do presidente Dutra, de Jules Rimet e de mais de 81 mil espectadores,²³² o Brasil fez o que se esperava. Arrasou. Mesmo improvisado devido à contusão de Zizinho, o time não encontrou dificuldades para golear a seleção mexicana por 4 a 0, numa atuação que deixou satisfeitos tanto os presentes ao estádio quanto aqueles que acompanhavam a partida pelas rádios Nacional, Tupi, Panamericana e tantas outras. Quatro dias depois, contudo, de nada adiantou nosso malandro convidar a doce suíça para uma sobremesa de queijo com banana no Pacaembu, na nova charge da “Esportiva”.²³³ Cerca de 42 mil paulistas viram então uma equipe ainda mais improvisada que a da estréia sofrer com a retranca dos helvécios, que, perdendo por 2 a 1, conseguiram o empate a menos de três minutos do final do jogo. Segundo Paulo Perdigão, o resultado “teve sabor de vitória para os suíços, que, orgulhosos, fizeram questão de posar para fotografias depois do jogo. Os brasileiros deixaram o gramado sob vaias. Um grupo mais exaltado chegou a queimar a bandeira da CBD”.²³⁴

O tropeço diante da Suíça provocou uma “onda de desânimo e pessimismo” em todo o país.²³⁵ Não apenas pela má atuação do escrete, mas também porque ficara mais difícil alcançar a fase final da competição, pois o próximo adversário seria a Iugoslávia, que vencera seus jogos contra Suíça e México e precisava somente do empate para se classificar. No dia 1º de julho, mesma data em que foi feito o recenseamento populacional do Brasil, quase 150 mil pessoas cruzaram as roletas do

²³¹ N/a, *A Gazeta Esportiva*, 24/06/1950, p. 3. Segundo Gisella de Araujo MOURA, personagem semelhante ocupava semanalmente as páginas do carioca *Jornal dos Sports* – o “moço do samba”. Criado pelo caricaturista Otelo três meses antes do início da Copa, “o personagem retrata traços específicos de nosso futebol, como a alegria e a malícia. Chapéu de palha na cabeça, acompanhado por um violão, ginga de malandro carioca, as características do ‘moço do samba’ são marcantes, assemelhando-se à figura do Zé Carioca”. *O Rio Corre para o Maracanã*, p. 57.

²³² Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 52.

²³³ N/a, *A Gazeta Esportiva*, 28/06/1950, p. 1.

²³⁴ Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 53.

²³⁵ *Anuário Esportivo Brasileiro – 1950*, *apud* Arno VOGEL, “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional”, em Roberto DAMATTA (org.), *Universo do Futebol*, p. 83.

Maracanã para assistir à equipe decidir seu futuro no mundial. Pela ótica do *Estado de São Paulo*, um futuro não muito promissor, já que “favorecidos pelo empate e ainda tendo pela frente um conjunto cheio de falhas, o quadro da Iugoslávia conta grandes possibilidades de vencer a ‘chave’ encabeçada pelo Brasil”.²³⁶ Na *Gazeta Esportiva*, o malandro agora encontrava-se em um ringue, no “último round da semifinal”, tímido frente a um poderoso iugoslavo com ar de superioridade. Do lado de fora, outro personagem gritava, desesperado: “Vai, Brasileiro! Estamos perdendo por pontos. Precisamos ganhar por nocaute!!!”²³⁷

A melhor descrição do que aconteceu no Maracanã naquela tarde foi dada no dia seguinte pelo mesmo jornal que demonstrava pouco acreditar nas chances brasileiras, o *Estado de S. Paulo*:

[...] Foi uma vitória esplendida a que conseguiu a seleção do Brasil, não pela eficiência revelada pelo conjunto e sim pelo entusiasmo com que se empregaram os seus integrantes – entusiasmo intenso que não teve sequer um instante de arrefecimento enquanto a vitória não se afigurou garantida. Em poucos minutos, esse ímpeto combativo dos brasileiros, que faltou totalmente no embate com a Suíça, a despeito do incentivo constante partido dos assistentes, colhia o seu primeiro resultado: o ponto marcado por Ademir. Daí por diante, o ardor dos jogadores locais, estimulados sempre pelos aplausos de milhares e milhares de pessoas, teve por cenário qualquer coisa de grandioso e de indescritível: as demonstrações do júbilo de cento e cinquenta mil espectadores. E quando surgiu o segundo ponto, teve-se a impressão, no majestoso Estádio do Maracanã, de um tremor de terra profundo e intenso, espetáculo realmente grandioso, que comoveu – pode-se dizer – o Brasil inteiro, pois os que não puderam presenciá-lo, sentiram-no com um misto de alegria e emoção como jamais, talvez, tenham experimentado.²³⁸

Com essa vitória orgástica, a seleção brasileira alcançou as finais da Copa do Mundo, que pela primeira e última vez seria disputada pelas equipes vencedoras de cada um dos grupos da primeira fase jogando umas contra as outras, sem eliminação dos perdedores. A campeã seria a seleção que somasse mais pontos ao final de suas três partidas. Os adversários do Brasil seriam, pela ordem dos confrontos, a Suécia, que eliminara Itália (considerada uma das favoritas ao título antes do início do

²³⁶ N/a, “A seleção brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde do IV Campeonato Mundial de Futebol”. *O Estado de S. Paulo*, 01/07/1950, p. 9.

²³⁷ N/a, “Luta emocionante dos brasileiros”. *A Gazeta Esportiva*, 01/07/1950, p. 1.

²³⁸ N/a, “Brio e combatividade”. *O Estado de S. Paulo*, 02/07/1950, p. 14.

certame) e Paraguai; a Espanha, que passara pelos norte-americanos, chilenos e ingleses (a maior decepção do campeonato); e o Uruguai, que em função da desistência dos franceses tivera como único adversário no grupo a fraca Bolívia. Detalhe nada desprezível é que a equipe jogaria somente no Rio, “em virtude das magníficas rendas que podem ser obtidas na colossal praça de esportes do Maracanã”.²³⁹ Já as outras seleções teriam também de viajar a São Paulo, o que provocou o protesto dos espanhóis:

“A designação dos encontros para as finais da Taça do Mundo no Brasil foi feita sem o menor espírito esportivo”, escreve o órgão falangista “Pueblo”, comentando o protesto da Federação Espanhola junto ao Comité da FIFA, no Brasil.

O jornal declara ainda de modo categorico que, em virtude “de conveniencias de organização, os dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos estabeleceram um calendario que lhes é vantajoso”. Terminando, o “Pueblo” afirma que o fato indica que o Brasil acaba de tomar as primeiras medidas para não perder o campeonato”.²⁴⁰

Embora a *Gazeta Esportiva* chamasse a queixa espanhola de “injustificável”, perder o campeonato era algo que realmente não passava mais pela cabeça dos brasileiros. Um exemplo disso é a própria “*Esportiva*”, que, definidas as partidas das finais, passou a circular com um quadro na margem superior direita da primeira página, bem ao lado do nome do jornal, que dizia: *Brasileiros! Avante para as finais! O título é o nosso objetivo! Não podemos perdê-lo!!!*. Ainda assim, nem o torcedor mais confiante, mais patriota, poderia imaginar que o escrete nacional fustigaria a Suécia com sete gols na primeira partida das finais, em 9 de julho. Sete! Nas palavras do jornalista francês Jean Eskenazi, testemunha ocular da demolidora vitória brasileira, “foi a mais deslumbrante exibição de futebol que já foi possível alguém assistir”. A exibição de um futebol “irresistível como o samba”.²⁴¹ Um futebol, numa palavra, *brasileiro*.

Segundo Arno Vogel, “o fenômeno que se deu a partir da goleada contra o time sueco foi muito mais intenso, radical e irreversível do que se poderia imaginar à

²³⁹ N/a, “Brasil x Suecia e Uruguai x Espanha”. *A Gazeta Esportiva*, 04/07/1950, p. 1.

²⁴⁰ N/a, “Queixa injustificavel de um jornal espanhol”. *A Gazeta Esportiva*, 07/07/1950, p. 1.

²⁴¹ Jean ESKENAZI, “Grandioso!”. *O Cruzeiro*, 22/07/1950, p. 22.

primeira aproximação. Time e torcida se encontraram subitamente identificados, para o melhor e para o pior. Isto é o que, na linguagem do futebol, se chama 'vestir a camisa'. E quando isso acontece, a parte e o todo se fundem, para enfrentar um destino comum. Quem veste a camisa de um time, ganha ou perde com ele, sem apelação".²⁴² No dia do jogo contra a Espanha, 13 de julho, a parte era o futebol, e o todo, a pátria:

[...] *O que se pede dos brasileiros hoje, nessas circunstancias, é amor ao Brasil. Jogar a partida de ponta a ponta com a alma voltada para cima, inspirada nos altos interesses da Patria.*
*O esporte, muitas vezes, tem se transformado em autenticos testes de patriotismo. Vestindo a camisa de seu país o atleta pode demonstrar sua capacidade em defendê-lo. E isto ocorre, certamente, quando se trata de lutas no campeonato internacional. A vibração deve ser maior. A vitoria transcende ao simples prazer de vencer. Por trás do triunfo está um mundo, que é a Patria.*²⁴³

Com uma nova exibição deslumbrante, a seleção imprimiu uma nova goleada: 6 a 1 sobre os espanhóis, considerados os mais fortes adversários das finais.²⁴⁴ A *Furia* não teve como resistir nem ao ímpeto demonstrado pelos brasileiros no gramado, nem à festa da torcida nas arquibancadas. Depois do quarto gol, marcado no início do segundo tempo pelo atacante Chico, todo o estádio, lotado, passou a agitar lenços brancos, enquanto fogos explodiam, balões verdes e amarelos subiam e bandeiras eram desfraldadas. Ao final da partida, mais de 150 mil vozes entoavam em uníssono o refrão da marcha *Touradas em Madri*, de Braguinha e Alberto Ribeiro, sucesso do carnaval de 1938. Conforme notam Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, "era como se o coro dos torcedores atuasse em contraponto às jogadas dos craques brasileiros, as duas coisas se complementando num mesmo espetáculo".²⁴⁵

²⁴² Arno VOGEL, "O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional", em Roberto DAMATTA (org.), *Universo do Futebol*, p. 84.

²⁴³ N/a, "Brasil!". *A Gazeta Esportiva*, 13/07/1950, p. 2.

²⁴⁴ Conforme dizia a *Gazeta Esportiva* um dia antes da partida, a Espanha era "indiscutivelmente o adversário mais cotado do Brasil. Nenhum quadro, mesmo a Iugoslávia, nos impôs tanto respeito. (...) O vencedor dificilmente perderá o campeonato, embora uma final seja sempre uma final. Mas, quem ganha a maior partida está com a chave-mestra em suas mãos". N/a, "O maior adversario". *A Gazeta Esportiva*, 12/07/1950, p. 3.

²⁴⁵ Jairo SEVERIANO & Zuza HOMEM DE MELLO, *A Canção no Tempo*, volume 2, p. 170. Cf. também Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 60; Gisella de Araujo MOURA, *O Rio Corre para o Maracanã*, pp. 103-4.

Pa ra ra tim bum, bum, bum / pa ra ra tim bum, bum, bum. Agora era o público que relacionava, espontaneamente, música popular e futebol, orgulhoso de ser brasileiro. Orgulhoso de ser o futuro campeão do mundo.

Nada parecia poder deter a seleção. Agora só faltava o Uruguai, uma equipe que passara por espanhóis e suecos a duras penas, arrancando a duras penas um empate e uma vitória, respectivamente. E, não bastasse o futebol que vinha apresentando, o escrete ainda poderia jogar pelo empate. No entanto, nem o empate, nem os uruguaios chegavam a merecer grandes considerações em meio à euforia reinante. Para a *Gazeta Esportiva* de 15 de julho, ninguém tinha mais dúvidas de que o Brasil seria campeão mundial de futebol. Nem mesmo aqueles que nos enfrentariam no dia seguinte:

[...] Os propios adversarios dos brasileiros já estão convencidos dessa grande realidade. Custaram muito a acreditar, é bem verdade, mas no final, não tiveram outra alternativa.

Por tudo isso é que todos nós brasileiros e mesmo os estrangeiros não duvidamos mais de que a vitória final pertencerá ao Brasil. Amanhã, decidiremos o título máximo, com os nossos amigos uruguaios. Bastará um empate para que possamos conquistar o título máximo. Mas, não acreditamos e ninguém acredita que haverá igualdade no marcador. Pelo contrario, o otimismo de todos é um fato. E todo mundo chega a pensar que o selecionado brasileiro infringirá outra goleada, o que não constituirá surpresa alguma.

A verdade é que, finalmente amanhã, haverá a consagração final com o termino vitorioso das nossas cores, nessa jornada difícil que acabaram de empreender.²⁴⁶

Algumas vozes, dentre as quais a do técnico Flávio Costa, bem que tentaram conter, ou relativizar, esse perigoso excesso de confiança. Efetivamente, ainda não havíamos conquistado nada e, além disso, a *Celeste Olímpica* merecia muito respeito. Como lembrava *O Estado de S. Paulo*, “conhecedores do futebol brasileiro através de contínuos jogos, possuidores de apreciáveis recursos técnicos e, sobretudo, dotados de grande entusiasmo, os uruguaios se afiguram sempre difíceis adversários”.²⁴⁷ E é claro que tais alertas, embora pertinentes, caíram no vazio. Na manhã do domingo,

²⁴⁶ N/a, “Será hasteada no mastro do estadio Municipal, a bandeira do Brasil”. *A Gazeta Esportiva*, 15/07/1950, p. 9.

16 de julho, escolas de samba começam a se posicionar ao redor do Maracanã à espera do apito final do árbitro inglês George Reader para o início do carnaval da vitória. Pouco antes do início do prélio, o presidente Dutra, Jules Rimet e a multidão que tornava pequeno o “maior do mundo” ouvem pelos alto-falantes do estádio a saudação ufanista do prefeito Mendes de Moraes:

*Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial. Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas. Vós que não possuíis rivais em todo o hemisfério. Vós que superais qualquer outro competidor. Vós que eu já saúdo como vencedores! [...] Cumpri minha promessa construindo este estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo!*²⁴⁸

Do fascismo que escorre das palavras do general depreende-se que os jogadores tinham a obrigação de conquistar a Copa do Mundo para provar a superioridade do povo brasileiro para o mundo. Perfilados no gramado, os onze responsáveis pelos destinos da pátria ouvem o grave discurso e, em seguida, o hino nacional, quando o público presente se transforma em um coro de milhares de vozes, o que também acontecera antes do jogo contra a Espanha, três dias antes. Emocionado, o locutor Antonio Cordeiro abre a transmissão da Rádio Nacional afirmando que “esse auditório magnífico de 180 mil pessoas voltou a dar uma demonstração patriótica, vinculada ao mesmo tempo a essa manifestação esportiva, e que, sem dúvida, ficará gravada na história do Campeonato do Mundo como um dos espetáculos mais brilhantes a que tivemos oportunidade de presenciar”.²⁴⁹

Agora o mais aguardado e, esperava-se, o mais brilhante de todos esses espetáculos estava prestes a começar. No centro do campo, Mr. Reader chama os capitães das duas equipes, Augusto e Obdulio Varela, para o sorteio de cara-ou-coroa que decidiria qual delas daria o pontapé inicial. Diferentemente do que ocorrera nos

²⁴⁷ N/a, “As seleções uruguaia e brasileira decidem hoje, no Estádio Municipal do Rio de Janeiro, a posse da taça ‘Jules Rimet’”. *O Estado de S. Paulo*. 16/07/1950, p. 14. Cf. também Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, pp. 65-6.

²⁴⁸ *Apud* Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de uma Derrota*, p. 82.

²⁴⁹ *Brasil x Uruguai – Decisão da Copa do Mundo de 1950*. Gravação da transmissão da Rádio Nacional (RJ), 16/07/1950. A transmissão da Rádio Nacional foi dividida entre os locutores Antonio Cordeiro, que narrou os lances do lado do campo à esquerda das cabines de rádio, Jorge Curi, que cobriu os lances do lado à direita, e César de Alencar como repórter de campo. Essa mesma gravação é transcrita e comentada por Paulo Perdigão em seu livro, ao qual aqui se recorreu para cotejar a audição. Cf. *Anatomia de Uma Derrota*, pp. 99-160.

outros jogos da seleção pela fase final, Augusto perdeu o *toss* e os uruguaios escolheram logo o lado do campo preferido pelos brasileiros. Um detalhe banal, mas que não deixou de ser notado pelos mais supersticiosos, como o torcedor que, evocando o corvo de Poe, lamentou: “nunca mais, nunca mais!”. Nunca mais o Brasil conseguiria ser feliz como das outras vezes.²⁵⁰ Talvez pensando nesses supersticiosos, César de Alencar, repórter de campo da Nacional, procurou menosprezar a má sorte dizendo que “Augusto tem ganho o *toss* todas as vezes e tem escolhido exatamente o gol contrário, mas não há de ser nada”.²⁵¹

A julgar pelo ritmo imposto pelos nossos atacantes, não haveria mesmo de ser nada aquela mudança de lado. Dada a saída, Ademir e Zizinho partem de modo fulminante sobre a defesa uruguaia, conquistando um escanteio com menos de um minuto de jogo. Nos cinco minutos seguintes, o escrete chega outras três vezes à meta defendida por Máspoli, para delírio das arquibancadas e de todos os brasileiros ao pé do rádio. A impressão geral é a de que uma nova goleada se desenha no placar do Maracanã. Mas, apesar de dominar todo o primeiro tempo, o Brasil não consegue vencer o bem montado esquema defensivo dos “orientais”. Estes, mesmo acuados, não deixavam de levar perigo quando se arriscavam à frente, como fizeram aos 38 minutos, quando Míguez assustou o público ao acertar uma bola na trave esquerda de Barbosa. Ao contrário do que se esperava, a equipe nacional não encontra a mesma facilidade observada em seus confrontos anteriores, o que leva Antonio Cordeiro a comentar que “na realidade, estamos assistindo hoje no Rio de Janeiro, no Estádio Mendes de Moraes e na finalíssima da Copa do Mundo, um verdadeiro clássico do futebol sul-americano. Joga bem a seleção brasileira, porém joga igualmente bem a seleção uruguaia”.

Pela primeira vez na Copa, o escrete não termina a primeira etapa em vantagem no marcador. Mas o empate, lembremo-nos, é o bastante para a conquista do título, e agora faltavam apenas 45 minutos para o alcançarmos concreta e definitivamente. Sabendo muito bem dessa vantagem, é bem provável que a falta de

²⁵⁰ N/a. “Nunca mais, nunca mais”. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, 07/1950. p. 127. De acordo com Paulo PERDIGÃO, nas partidas contra Suécia e Espanha o Brasil escolhera o campo à direita das cabines de rádio, deixando o adversário contra o sol durante o primeiro tempo, situação que agora se invertia. *Anatomia de Uma Derrota*, p. 82.

gols não preocupasse a maioria dos brasileiros, em campo ou fora dele, até aquele momento. Quanto à minoria temerosa, o início do segundo tempo faz com que ela recupere a sua confiança na equipe, graças ao gol de Friaça, marcado logo a 1 minuto e 21 segundos. A comemoração delirante da torcida produz então um som ensurdecedor, que domina o Maracanã e prenuncia o carnaval preparado do lado de fora do estádio, já que aquele tento parecia garantir de uma vez por todas a Taça Jules Rimet nas mãos do capitão Augusto. Mãos que, quando segurassem o troféu, representariam não somente as dos onze jogadores, mas as de 50 milhões de brasileiros.

Dada a nova saída, os uruguaioes esboçam uma reação, mas aos poucos o jogo volta a entrar no mesmo ritmo do primeiro tempo, com o Brasil fazendo valer a sua superioridade técnica. Dos dez aos dezenove minutos, a seleção envolveu totalmente o adversário, sufocando-o em seu campo defensivo e perdendo pelo menos três novas oportunidades de ampliar o marcador. Nas arquibancadas, a festa não pára nem quando o Uruguai, por volta dos vinte minutos, consegue uma falta na intermediária brasileira. Ninguém sequer podia imaginar o que aconteceria na seqüência, assim narrada por Jorge Curi, na Nacional:

*Vai cobrar a falta Tejera. Já chutou. Bola nas imediações da área do Brasil. Cabeceou Julio Pérez sobre Danilo. Entrou Juvenal agora. Falhou também, mas Bigode rebateu firme para o centro da cancha. Bola para Gambetta. Gambetta para Julio Pérez na direita. Avança Julio Pérez. Continua progredindo. Atraiu Danilo. Perdeu para o centromédio! Recuperou Julio Pérez, bateu Jair e entregou a Obdulio. Obdulio abriu na ponta direita para Ghiggia. A pelota chegou ao seu destino. Bigode tenta o carrinho. Falhou. Bola para Ghiggia. Centrou à boca do gol. Emendou Schiaffino... goool do Uruguai! Gool do Uruguai, Schiaffino!*²⁵²

Imediatamente após o empate, o Maracanã entoou o coro “Brasil! Brasil! Brasil!” por alguns instantes, não mais que isso. Apesar do gol uruguaio não ser o suficiente para tomar o campeonato do mundo dos pés de nossos jogadores, a ruidosa celebração de quase duzentas mil almas transforma-se numa silenciosa apreensão, indicando que o triunfo nacional deixara de ser visto como uma inevitabilidade histórica. O risco da derrota, impensável até aquele momento, passa a ser

²⁵¹ *Brasil x Uruguai – Decisão da Copa do Mundo de 1950.*

considerado como uma possibilidade real — o que, na verdade, nunca deixara de ser. No gramado, a equipe perde o domínio da partida, abalada pelo gol e pelo silêncio do estádio. Conta Paulo Perdigão que, a partir daí, “o time brasileiro desgovernou-se, por não sentir o incentivo e a segurança da torcida, mas também, no sentido inverso, a torcida perdeu a confiança no time ao vê-lo desequilibrado, nervoso, errando jogadas”.²⁵³ O gol de Schiaffino, assim, foi um duro golpe na profunda identificação entre jogadores e torcedores construída ao longo do campeonato.

A maior e mais desagradável das surpresas daquele domingo, entretanto, ainda estava por vir. Decorridos 33 minutos do segundo tempo, o Brasil tem uma falta a seu favor na altura do meio do campo. Sintonizemos uma vez mais a Rádio Nacional do Rio de Janeiro para ouvir o lance desde seu início:

*Vai cobrar Juvenal a falta contra a equipe do Uruguai. Prepara-se Juvenal, ainda não cobrou. Demora-se bastante a cobrar o zagueiro, esperando que os seus companheiros se coloquem. Cobrou agora Juvenal. Direto, sobre a área. Salta Chico, não alcança a bola. Mas ficou ainda no campo contrário. Cruzou à boca da meta! Aliviou Gambetta! Vem para Bauer. Bauer aparou o couro no peito. Tentou passar por um contrário, atrasou para Jair. Jair então infiltra-se. Empurrou o couro. Defendeu Tejera. Voltou para Danilo. Danilo perdeu para Julio Pérez, que entregou imediatamente na direção de Míguez. Míguez devolveu a Julio Pérez, que está lutando contra Jair, ainda dentro do campo uruguaio. Deu para Ghiggia. Ghiggia devolveu a Julio Pérez, que dá em profundidade ao ponteiro-direito. Corre Ghiggia! Aproxima-se do gol do Brasil e atira! Gol! Gool do Uruguai, Ghiggia! Segundo gol do Uruguai! Dois a um, ganha o Uruguai.*²⁵⁴

É pena que a entonação desesperada que Jorge Curi deu à frase “aproxima-se do gol do Brasil e atira” seja irreproduzível no texto escrito, pois ela sem dúvida sintetizaria toda a dramaticidade daquele momento em que a sombra da tragédia cobriu de vez o maior estádio do mundo. Faltando somente 11 minutos para o final da peleja, o tempo não mais corria a nosso favor, obrigando a seleção a partir para o ataque em busca de um gol que a salvasse da ruína. A pressão é terrível! A torcida grita, fogos espoucam no céu e a bola praticamente não sai do campo uruguaio, porém o nervosismo dos jogadores brasileiros impede seu sucesso contra a retranca

²⁵² *Ibidem.*

²⁵³ Paulo PERDIGÃO, *Anatomia de Uma Derrota*, p. 136.

²⁵⁴ *Brasil x Uruguai – Decisão da Copa do Mundo de 1950.*

adversária. Aos 45 minutos, o tempo regulamentar esgotado, o escrete ganha um escanteio pela direita. Sabendo que esta era a última chance para conquistar o empate, quase o time todo sobe à área do Uruguai para esperar a cobrança de Friaça. Se fosse possível, homens, mulheres e crianças também deixariam seus lugares nas arquibancadas, também viriam de todas as regiões do país e entrariam no gramado para empurrar a bola para dentro da meta de Máspoli.

Quando ela cruza a boca do gol, Mr. Reader, de costas para o lance para não ver o que poderia acontecer, apita o fim do jogo. Eram 16h50min no Rio de Janeiro, e enquanto os uruguaios vibram, comemoram e abraçam-se uns aos outros, a desolação toma conta dos nossos jogadores, do público e do país. Não menos unidos na dor que na alegria, todos choram juntos o fracasso, num pranto nacional que expressava a frustração das esperanças alimentadas em torno da consagração do futebol brasileiro, a almejada consagração que se estenderia à nação como um todo, coroando os esforços empreendidos desde que a CBD conquistara o direito de organizar a Copa do Mundo, bem como o grande envolvimento da população com o futebol e, mais especificamente, com o escrete. O surpreendente revés só poderia mesmo fazer com que o Brasil passasse “da expectativa fremente à decepção amarga”, como *O Globo* notaria no dia seguinte em sua primeira página. No dizer do *Jornal dos Sports*,

O Estadio não se enchera para aquilo. Não fôra para aquilo que se travara a batalha das cadeiras, das arquibancadas e das gerais. Não fôra para aquilo que milhares de brasileiros tinham vindo ver o último match do campeonato do mundo. Todas aquelas duzentas mil pessoas haviam marcado encontro no Estadio para saudar os brasileiros como campeões do mundo. Por isso o Estadio se tornou pequeno: era o maior do mundo mas nele não podia caber todo o Brasil. As outras cinquenta milhões de pessoas que ficaram de fora, perto e longe, no centro, no norte e no sul do Brasil.²⁵⁵

A derrota da seleção foi tanto uma derrota pessoal, de cada um dos brasileiros que se mobilizaram pela equipe e nela se identificaram, quanto uma derrota social, uma vez que toda a coletividade a vivenciou como a perda de uma grande oportunidade histórica, a ponto de Roberto DaMatta sugerir que ela talvez seja a

²⁵⁵ *Jornal dos Sports*, 18/07/1950, apud João Marcos WEGUELIN, “O Rio de Janeiro Através dos Jornais”, <http://www.alternex.com.br/~solidario/rj.html>.

maior tragédia da história contemporânea do nosso país.²⁵⁶ Tamanho impacto não passou despercebido pela imprensa da época, que em muitas matérias qualifica o resultado da partida com palavras como “catástrofe”, “desastre”, “pesadelo” e mesmo “tragédia”. Em outras, quando não nas mesmas, explicita com todas as letras a sensação de oportunidade perdida. A *Folha da Manhã*, por exemplo, diz que:

*Escapou o título ao Brasil na melhor oportunidade que se poderia desejar, e o sucedido provocou a maior decepção de que se tem memória na história do futebol nacional, porque os nossos eram apontados como franco favoritos, mercê de sua campanha no certame e de suas últimas partidas, nas quais de fato tiveram excelentes atuações, patenteando claramente que dispunham de recursos de sobra para vencer o último obstáculo.*²⁵⁷

O onze nacional tinha a melhor equipe, apresentava o melhor futebol, tinha a vantagem do empate, contou com o apoio de cerca de duzentas mil pessoas no maior estádio do mundo, marcou primeiro. E ainda assim terminou derrotado. Como entender, como explicar isso? Mesmo sabendo-se que o futebol é essencialmente um jogo e, enquanto tal, sujeito ao inesperado e ao imponderável, as lamentações a respeito da nossa “falta de sorte” ou de um “destino cruel” são recorrentes entre os torcedores e se refletem nas reportagens, a ponto de um dos textos da *Gazeta Esportiva Ilustrada* falar até em “vontade de Deus”.²⁵⁸ Ao mesmo tempo, apontava-se o dedo para os supostos responsáveis terrenos pela nossa infelicidade: o goleiro Barbosa e o defensor Bigode, que, diretamente envolvidos nos dois lances que levaram aos gols adversários, neles teriam falhado de maneira clamorosa. Uma amostra sintética da reprovação geral à atuação de ambos é dada pelo *Estado de S.*

²⁵⁶ Roberto DAMATTA, “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, em Roberto DAMATTA (org.), *Universo do Futebol*, p. 31.

²⁵⁷ A. MENDES, “Uruguai – novo campeão mundial”. *Folha da Manhã*, 18/07/1950, p. 4. A *Gazeta Esportiva* e *O Globo* iam mais longe e afirmavam que uma oportunidade igual à que acabávamos de deixar escapar, na qual tudo (da preparação física e técnica ao estádio e à torcida) nos fora favorável, talvez só aparecesse outra vez no próximo século. Cf. N/a, “Vencemos com o coração!”. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, 07/1950, p. 124; N/a, “Campeão o Uruguai”. *O Globo*, 17/07/1950, p. 1. Embora essas matérias não esclarecessem as razões de tal previsão, ela certamente se fazia em função do sistema de rodízio adotado pela FIFA para escolher os países-sede da Copa do Mundo, pelo qual seria muito difícil que o Brasil voltasse a acolher a competição tão cedo.

²⁵⁸ A incerteza do resultado é uma característica intrínseca de todo esporte, mas, no caso do futebol, “a inevitável imprecisão e maior lentidão do uso dos pés ampliam enormemente os papéis do acaso, do senso de oportunidade, dos deslocamentos e do sentido de conjunto”, como coloca Nicolau SEVCENKO em “Futebol, metrópoles e desastros”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, pp. 35-6. Sobre a referência à “vontade de Deus”, ver N/a. “Diante da catástrofe”. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, 07/1950, p. 119.

Paulo, segundo o qual “duas bolas perfeitamente defensáveis foram às redes brasileiras, enquanto o médio-esquerdo não teve recursos suficientes para se desobrigar de sua missão”, isto é, conter os ataques do uruguaio Ghiggia.²⁵⁹

Os outros jogadores, bem como o técnico Flávio Costa e até a CBD, também não escaparam da caça às bruxas, embora a parcela de “culpa” atribuída a cada um deles variasse de torcedor para torcedor e de jornal para jornal. Antes dos defeitos individuais ou táticos, porém, o que as folhas destacavam era a atuação do conjunto, que, certo da vitória, entrara em campo como campeão do mundo e depois não soubera – ou não tivera forças para, ou, ainda, não suportara a responsabilidade de – reagir às dificuldades da peleja para garantir o título. Bem diferente dos uruguaiois, que, comandados pelo valente e guerreiro Obdulio, “souberam colocar o coração nos pés e vencer pela fibra, já que pela técnica não poderiam suplantar o poderoso adversário”.²⁶⁰ Grande parte das análises sobre a partida estabelecem assim o contraste entre a “máscara” e a “raça”. Apesar do reconhecido e louvado talento da nossa equipe, sobrava-lhe presunção e menosprezo pelo oponente, enquanto a *Celeste*, inferior tecnicamente, transbordava bravura, garra, tradição.²⁶¹

Este tipo de crítica à seleção brasileira não era inédito nas páginas da imprensa esportiva. Em 1949, após vencermos o Campeonato Sul-Americano aqui disputado, o cronista José Brigido afirmava que se devia reconhecer o “justo valor” do nosso futebol no cenário mundial, sem incorrer em exageros otimistas ou pessimistas; além disso, alertava para o perigo de subestimar os adversários, um “hábito” dos nossos jogadores que às vezes provocava reveses inesperados. Da mesma forma, lembremos de que a derrota para o próprio Uruguai na primeira partida da Taça Rio Branco, em maio de 1950, levou a imprensa a condenar, por um lado, o otimismo exagerado que cercava o escrete em sua preparação para a Copa e, por outro, a falta de

²⁵⁹ N/a. “Atuando com grande entusiasmo e espírito de luta, a representação uruguaia venceu o IV Campeonato Mundial de Futebol”. *O Estado de São Paulo*, 18/07/1950, p. 9.

²⁶⁰ N/a. “A posse do trofeu”. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, 07/1950, p. 111.

²⁶¹ Conforme Leonam PENA registrou em seu pioneiro *Dicionário Popular de Futebol*, cuja primeira edição data de 1951, a “máscara” é a “designação popular da atitude convencida de um jogador que, por ter sido feliz com um ou dois jogos e elogiado pela torcida ou pela imprensa, quer dar ares de grande craque, fracassando depois”. Já “raça” designa, no futebol, o “apetite nas ações, entusiasmo na jogada, valentia”. *Dicionário Popular de Futebol*, pp. 65 e 79, respectivamente.

empenho da equipe, que se acharia “a tal”.²⁶² Com a perda do título mundial, a “máscara” parecia se firmar como uma característica inerente ao futebol brasileiro, o negativo do “ritmo de samba” que marcava nossa forma de jogar e que deveria, este sim, ter se consagrado ao final da competição.

Aos olhos da época, a lição do desastre era clara e ecoava por todos os periódicos. Nossos jogadores eram insuperáveis com a bola nos pés, mas não tinham o *élan* dos campeões. Num movimento inverso àquele que ocorrera até o fatídico 16 de julho, nos dias seguintes à derrota aparecem em jornais do Rio e de São Paulo artigos que criticavam, ainda que sob enfoques diferentes, a transformação de um evento meramente esportivo em um “lance decisivo de nacionalismo”, como faz o texto abaixo:

*Que há responsáveis pelo nosso fracasso, isto é indiscutível, da mesma forma que existem agora os artifices do triunfo uruguaio. E entre os inúmeros pontos falhos, que acabaram por dar à nossa última e mais crucial jornada uma base flácida, inconsistente, devemos nos reportar ao aspecto psicológico. Transformamos a batalha de Maracanã num lance decisivo de nacionalismo, distraídos de que muitos dos nossos jogadores, por razões naturais e aceitáveis, não estavam em condições absolutas de arcar com tamanha responsabilidade. [...] No esporte é um mal confundir-se gols com patriotismo. O resultado poderá ser sempre obscuro, como acaba de nos acontecer, uma vez que teremos de depositar em apenas onze cidadãos todo o peso de uma responsabilidade que, numa guerra, seria distribuída entre milhões de homens. Eis um ponto para o qual devemos voltar nossas vistas carinhosamente, com um pouco de tolerância saudável, afim de que não fiquemos amargando desgraçadamente através dos sentimentos mais pungentes, uma simples derrota esportiva.*²⁶³

Além da tentativa de desvincular a nação do futebol, um outro esforço no sentido da relativização da derrota também desponta então na imprensa, visando a mostrar que o fato de não termos conquistado a Copa não significava a nossa ruína como povo. Ao contrário, soubéramos acolher muito bem os representantes estrangeiros, organizáramos com sucesso o campeonato – “o mais disciplinado e bem sucedido de quantos se realizaram”, dizia a *Gazeta Esportiva* –, tínhamos

²⁶² Cf., respectivamente, José BRIGIDO, “Precisamos ganhar o campeonato mundial de 1950”. A *Gazeta Esportiva*, 19/05/1949, p. 14; T. M. “Ademir foi o único valor indiscutível no revés dos brasileiros”. A *Gazeta Esportiva*, 08/05/1950, p. 8.

²⁶³ TODOS NÓS, “Crítica construtiva”. A *Gazeta Esportiva*, 20/06/1950, p. 2. Sobre as críticas dos jornais cariocas à vinculação entre futebol e nação, veja-se Gisella de Araujo MOURA, *O Rio corre para o Maracanã*, pp. 122-5.

levantado o maior estádio do mundo e nossa torcida dera uma nobre prova de civilidade ao aplaudir respeitosamente a vitória dos uruguaiois ao final da partida. Todas estas razões levaram ninguém menos que Jules Rimet a afirmar que, a despeito dos azares do futebol, o Brasil tornara-se o campeão mundial da disciplina, do cavalheirismo e da hospitalidade.²⁶⁴ A opinião de Rimet é corroborada pelas palavras de despedida de Americo Gil, chefe da delegação uruguaia:

*– Obrigado a vocês todos, brasileiros. Levamos a mais grata satisfação de nossa estada nesta terra querida. Assim como nos sentimos satisfeitos com a grande conquista, também nos sentimos admirados e contentes em saber que há um povo tão leal e distinto como o brasileiro, que mesmo no momento do amargor, sabe se portar com dignidade, reconhecendo a vitória do seu adversario. Não temos nenhum elemento contundido, prova da lealdade com que se empregaram os brasileiros. Para com a torcida, a nossa gratidão. Levamos o Brasil nos nossos corações. Creiam, si já eramos seus admiradores, ainda nos tornamos mais amigos, depois desta festa esportiva. Até breve, Brasil.*²⁶⁵

Ao lado do nosso valor extracampo, o desempenho do escrete no campeonato mundial também merecia louvores dos observadores estrangeiros. Da mesma forma que os brasileiros, também eles estavam seguros de que a Taça Jules Rimet não deixaria o Rio de Janeiro, e também eles se surpreenderam com a nossa derrota na partida final. Diferentemente do que ocorreu aqui, porém, o inesperado revés frente ao Uruguai não abalou a sua profunda admiração pelo futebol nacional, cujas exhibições de talento durante a Copa confirmaram-no como um dos melhores, senão o melhor, do mundo. Tanto não abalou que o próprio Rimet teria dito jamais ter visto um futebol “tão limpo e proveitoso”, que seria o futebol dos “verdadeiros campeões do mundo”. Outro bom exemplo dessa admiração é dado pelo jornal italiano *Il Messaggero*:

Não obstante o desfecho do torneio, a turma brasileira continua sendo para nós a formação mais brilhante que foi vista no campeonato. Seu jogo rapido e preciso, todo feito de malabarismo e acrobacias, permanecerá em nosso espirito. Antes de ver o ataque dos brasileiros, não acreditavamos que se

²⁶⁴ Sobre as afirmações deste parágrafo, cf. N/a, “IV Campeonato Mundial de Futebol”. *O Estado de São Paulo*, 19/07/1950, p. 8; N/a, “Estamos na final”. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, 07/1950, p. 67; N/a, “Nem mentir sabem...”. *A Gazeta Esportiva*, 26/07/1950, p. 1; Gisella de Araujo MOURA, *O Rio corre para o Maracanã*, pp. 126-37.

²⁶⁵ N/a, “Obrigado, brasileiros”. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, 07/1950, p. 129.

*pudesse atingir tal perfeição em futebol. É por isso que se pode dizer que o quadro do Brasil representa o que o futebol mundial pode produzir de melhor.*²⁶⁶

Tais demonstrações de apreço indicam que o futebol fizera com que o Brasil conseguisse o reconhecimento internacional tão desejado. Mesmo assim, aos brasileiros restou uma amarga sensação de fracasso, uma vez que o prometido na véspera não fora alcançado. Como o *Estado de S. Paulo* escreveu em sua reportagem sobre a derrota, “o golpe recebido não será curado tão cedo. É desses que deixam cicatrizes permanentes”.²⁶⁷ Tinha razão: cinqüenta anos passados, nem os quatro títulos mundiais posteriormente conquistados pelo Brasil conseguiram apagar de todo a marca deixada pelo dia 16 de julho de 1950. Ela ainda permanece indelével no coração do *país do futebol*.

²⁶⁶ N/a, “Como repercutiu a vitória dos uruguaios”. *O Estado de São Paulo*, 18/07/1950, p. 10. A respeito das declarações de Rimet, N/a, “Eles cumpriram o seu dever!”. *A Gazeta Esportiva*, 26/07/1950.

²⁶⁷ N/a, “Atuando com grande entusiasmo e espírito de luta, a representação uruguaia venceu o IV Campeonato Mundial de Futebol”. *O Estado de São Paulo*, 18/07/1950, p. 9.

Epílogo: No topo do mundo, enfim

*A Taça do Mundo é nossa
Com brasileiro, não há quem possa
Êta esquadrão de ouro
É bom no samba, é bom no couro*

*O brasileiro lá no estrangeiro
Mostrou como é que é
Ganhou a Taça do Mundo
Sambando com a bola no pé*

*“A Taça do Mundo é Nossa”
Maugeri / Dagô / Lauro, 1958*

Primeiro ato

Chovia em Estocolmo. A atmosfera do estádio de Rasunda era cinza, molhada, inquietante. Na véspera, aos primeiros pingos de chuva, a pequena população de cerca de 400 brasileiros alojados nos hotéis da cidade deplorava o tempo e a desgraça de um jogo em campo lamacento. Por sua vez, a imprensa sueca, abrindo espaço à guerra de nervos, publicava uma fotografia do amargo chute de Ghiggia no Maracanã, dizendo, em letras grandes, que “os jogadores brasileiros estão sob o peso de um temor de três faces: medo da chuva, do vice-campeonato, medo de perder a cabeça”.

Enquanto isso, a 20 quilômetros de Estocolmo, o time do Brasil dormia, alheio aos nossos temores e ao fogo da ofensiva psicológica dos jornais da terra. A direção tivera o cuidado de preservar os jogadores da caudal de emoções que se derrama do temperamento latino nessas ocasiões – era a lição de 1950 posta em prática na véspera de uma decisão muito mais difícil e importante que aquela do Maracanã.

A semana do jogo correu sem discursos, sem autógrafos, sem promessas mirabolantes. Hindas, a concentração brasileira, onde o time treinou e descansou até a manhã de sábado, não recebia visitas e os únicos estranhos à rotina do Turisthotel eram os estafetas que iam entregar os telegramas de estímulo vindos do Brasil, da Alemanha, do Uruguai, do México, do mundo inteiro. O de Roque Gaston Maspoli, goleiro campeão do mundo, era a mensagem “de todo el Uruguay” confiante na vitória do Brasil; o da Alemanha, campeã de 1954, trazia a assinatura de uma dezena de torcedores, com votos de triunfo. O mesmo mensageiro que levou o telegrama do cavalheiro do esporte Roque Maspoli levou, também, um para Nilton Santos; esse telegrama, que foi lido pela chefia mas que só foi

entregue ao jogador no vestiário do estádio, depois da vitória, continha o seguinte pedido de sua mulher: “Traga uniforme de campeão completo og fiz uma promessa”.

Afora o estímulo de cada uma dessas mensagens, os jogadores só experimentaram momentos especiais de emoção quando, à saída de Hindas, a caminho de Estocolmo, as crianças da cidadezinha cercaram o ônibus e, chorando, diziam adeus, cobrindo de flores os seus amigos de 28 dias de convivência pelos jardins gramados do sereno retiro do Turisthotel.

O grito orquestrado do público sueco pelos quatro cantos do sombrio estádio de Rasunda era chocante. Nada é mais enervante do que o vozerio de 50 mil pessoas a clamar pela vitória, como em transe. A impressão que se tinha era de que a Suécia, de alma sempre tão fria, entrara em cólera. Não era um coro esportivo de arquibancadas; era um berro incisivo e guerreiro. “Mais vibrante e agudo que a gritaria da torcida sueca, domingo, em Rasunda, só mesmo a gritaria da torcida sueca, em Gotemburgo, dia 24, durante o jogo com a Alemanha, quando 40 mil pessoas obrigaram, praticamente, o juiz húngaro Szolt a expulsar um jogador alemão” – disse-nos o jornalista francês Jacques Ferran, irritado com a sinfonia escandinava.

Naquele clima de alucinação coletiva, os times chegaram ao campo. Chuviscava. Aqui e ali, uma poça d’água que os funcionários da Federação Sueca tentavam eliminar com pedaços de esponjas servindo de mata-borrões. Até o momento da entrada dos times, dois encerados enormes protegiam da chuva as áreas-pequenas.

O Brasil estava de camisa azul, um azul de tonalidade mais forte que o da “Celeste” uruguaia. A Suécia, de amarelo. Vinte e quatro horas antes do jogo, o sorteio indicava que o nosso time teria que trocar de camisa. A novidade não foi bem recebida entre torcedores e cronistas: a peninha da superstição começava a fazer cócegas.

– Feola – perguntou um jornalista –, como você recebe essa resolução?

– Nós não viemos aqui para disputar camisas; viemos para jogar futebol.²⁶⁸

²⁶⁸ Armando NOGUEIRA, Mário de MORAES, Luiz Carlos BARRETO e Henri BALLOT, “Copa veio vestida de camisa sueca – Despedida brasileira com jeito de ‘show’ tropical em moldura sueca”. *O Cruzeiro*, 12/07/1958, p. 112.

Segundo ato

Entram os quadros, os nossos de camisas azuis. O Rei vai cumprimentar os jogadores. Por favor, acabem logo com as cerimônias. Rezamos pela última vez. Vai começar o jogo. Estamos calmos...

A bola é do Brasil. Calma. Orlando intercepta para fora a primeira bola. Os nossos estão prudentes nos primeiros passes. Tenta descer Garrincha e a jogada não lhe sai bem. Os suecos se inflamam. É um perigo... Cercam. Os nossos estão vagarosos e Garrincha, que poderia escapar, teima em fintar e perde. Nossa defesa está demasiadamente calma. Há troca de passes lentos e o número 4 recolhe o couro na área, ajeita a bola, arruma-a, ninguém o ataca, pois ele está parado e atira como quer: 1 a 0! Custa para o Brasil se refazer, atacamos ainda sem nexos. Demora a rapaziada para responder, mas, até que enfim, sai dos pés de Garrincha a bola que Vavá transforma no empate: 1 a 1, e falta pouco para um tiro diabólico de Pelé desempatar! O poste devolve. Estamos seguros agora. Dominamos, e Pelé, sozinho, de perto, não acerta o alvo! Que pena! Crescemos, crescemos, dominamos e a Suécia parece inofensiva. A bola mal sai do campo local. Os suecos são desarmados facilmente, menos uma vez, quando Skoglund se isola e finaliza fora. Jogamos com facilidade, mas não aproveitamos. Nesta altura (23º minuto), a Suécia reage e há escanteio, provocando Djalma outro. Gilmar desfaz. Nosso ataque está desunido e deixa a defesa local dar a bola ao ataque, que manobra e quase Skoglund encobre Gilmar. Zagalo está no arco e afasta de cabeça um gol certo! Temos algumas imperfeições que fazem animar outra vez os suecos. A partida torna-se novamente equilibrada e difícil. Os avantes suecos sabem passar bem a bola e nos dão trabalho. Mas, por fim, sai o segundo gol, numa escapada infernal de Garrincha, que supera dois adversários, na área, e centra à boca das redes: Vavá, na corrida, enfia a bola no arco: 2 a 1! Ainda não melhoramos bem. Gilmar nos parece sem muito golpe de vista, e surge uma grande ameaça, exterminada por Orlando e Nilton Santos na hora "h". Dominamos agora, mas não finalizamos. Contudo, os suecos descem pela direita e Nilton Santos, para conter Hamrin, faz escanteio. Os nossos estão mais vezes com a bola, mas não temos profundidade.

A torcida grita, mas não arranja nada... Há uma jogada magistral de Pelé, que aponta por pouco. De repente, descem os suecos e o meia direita, livre, aponta para Gilmar se atirar sobre a bola. É a sua primeira real defesa. Vamos ao ataque e aí o primeiro tempo termina. Poderíamos estar ganhando de três ou quatro gols, eis a verdade e não aproveitamos tudo que a modesta defesa sueca consentiu. Na verdade, a superioridade nossa é grande, mas estamos jogando no padrão sueco, lento, pausado, sem velocidade. Ainda não vencemos, mas metade do caminho já está percorrido...²⁶⁹

²⁶⁹ Thomaz MAZZONI, *O Mundo aos Pés do Brasil*, pp.143-4..

Terceiro ato

Os suecos saem e desenham a avançada. Orlando despeja. Bola à frente. Vavá e Garrincha acoossam a zaga e Garrincha quase encobre o goleiro, este, com a mão, manda a escanteio. Fazemos pressão com tiro de canto. Garrincha sempuleia, após salto de Pelé. Cedemos no tiro de canto e a seguir descemos. Réplica forte da Suécia com atrapalhação perto da nossa área, felizmente desfeita. Precisamos jogar melhor. Mais um ataque sueco. Mas, afinal, sai o terceiro gol. Troca de passes macios. Pelé é o último a receber de Nilton Santos, capta a bola, finta o número 2, suspende o couro e fuzila – 3 a 1! Os nossos ficam mais tranqüilos e tonteiam os suecos. Mas, não é necessário abusar. Parece tudo acabado. As fintas se sucedem. Cuidado! Temos um escanteio e quase Garrincha faz o gol. Descem os suecos e também têm escanteio a favor. O jogo parece fácil, mas não se pode abusar. Garrincha tonteia sempre o pobre do seu marcador. As bolas vão para trás a Gilmar. Estamos aos 20 minutos. Situação toda nossa. Eis que Didi lança a Pelé, que vai fintar o número 2 e este põe a escanteio. Deste tiro de canto nasce o gol número 4, que Zagalo, após disputa, transforma no 4 a 1! Obrigado, Nossa Senhora da Aparecida! O baile prossegue. Todos bailam...

Todo o quadro sueco está em debandada... Coitado, não esperava por essa... A bola está todinha no campo local, e só nasce um tiro de punição contra nós, perto da área. Faltam 15 minutos. Gostamos de brincar, e Simonsson escapa, Orlando estira a escanteio, salvando. Vai descendo Garrincha atacando, seguro e derrubado na área. O juiz dá fora, sob vaia tremenda. A equipe sueca está entregue e os nossos facilitam. Sai um passe de trás a Liedholm, este, totalmente impedido, recebe sob as vistas do juiz, que o deixa ir marcar rasteiro! Gilmar, que vinha correndo, cai e nada pode fazer – 4 a 2. A torcida se reanima. Eis no que deu a brincadeira. Os suecos ainda têm algumas esperanças. Atacam e o centroavante invade a área, e Orlando atira-se aos seus pés, mandando a escanteio. Os suecos queriam penal. Pois sim. Estamos nos derradeiros momentos. A calma dos nossos evita qualquer aproximação dos suecos. A partida está no fim. Nós todos nas arquibancadas agitamos o lenço branco, muitos choram e gritam até não mais poder. Última jogada. Centro da esquerda. A bola cai no semicírculo perto da meta. Pelé salta, toca de cabeça e marca, enquanto é derrubado. 5 a 2! Pelé está sendo socorrido e o jogo termina! Brasil campeão do Mundo! Que sucede então? Não se compreende mais nada. Jogadores, dirigentes, jornalistas e torcedores do Brasil deliram. No campo, todos se abraçam e beijam. Há uma cena cômica. Mário Américo agarra a bola e sai correndo. Os jogadores, com a bandeira sueca, dão a volta olímpica, e então acontece o que se viu em 1950, no Maracanã. A torcida sueca saúda os brasileiros com palmas intermináveis. Segue-se a apoteose, os quadros se reúnem para a entrega da Taça ao capitão Bellini, este a entrega a Paulo de Carvalho. Os hinos serão tocados: Gilmar tem uma crise de lágrimas. Outros, como Zagalo, fazem o mesmo. Que cena inesquecível. O rei vai agora cumprimentar primeiro os craques campeões e depois os vice-campeões. A famosa Taça “Jules

Rimet" é nossa finalmente. No vestiário, na saída, repetem-se as cenas de júbilo. Alguns do nosso grupo têm foguetes e os fazem explodir, coisa inédita para os suecos... Uma hora depois do apito final, os nossos campeões mundiais sobem no ônibus entre milhares de suecos que os saúdam e lhes pedem autógrafos. Assim se despedem do estádio que os consagrou.²⁷⁰

²⁷⁰ *Idem*, pp.144-5.

Apoteose

Recife recebeu-os chorando. Os craques desceram debaixo de chuva e foram logo envolvidos pela multidão. Nada de mal aconteceu, porém. Os pernambucanos só queriam vê-los, abraçá-los, tocá-los, sentir de perto como era um verdadeiro campeão. Zagalo, alagoano de nascimento, recebido por primos e tios, chorava com eles; Vavá, o único pernambucano do grupo, envolvia o pai num forte e saudoso abraço. E o velho, de boa têmpera pernambucana, não podendo conter o choro, dizia: “Não vá embora, filho. Fique aqui com o seu pai. Eu preparei uma festinha para você. Seu lugar é aqui”. Lá dentro, no aeroporto, Paulo [Machado] de Carvalho e [Carlos] Nascimento tentavam explicar a um prócer esportivo pernambucano a impossibilidade de os jogadores desfilarem pela cidade. Mas acabaram perdendo a parada e os campeões foram metidos dentro de carros fechados que demandaram a cidade. Alguém nos explicou: “Eles têm que ir. Desde cedo o povo está esperando debaixo de chuva. A cidade, toda enfeitada, espera os campeões. Nós também temos direito”. Poucos carros, porém, conseguiram atravessar a multidão e chegar até o Clube Português, onde seria prestada uma homenagem aos jogadores. Vários tiveram que voltar. Didi retornou num deles e nos contou: “Não andamos mais que duas quadras. O povo cercou os carros, quebrou os vidros e meteu a cara dentro dos automóveis. Centenas de pessoas me seguravam as mãos para beijá-las. Eu, de uma hora para outra, virei santo...” Aos poucos os craques foram voltando ao avião. Vavá, contra a vontade do pai, também retornou ao seu lugar. Zagalo carregava enorme corbeille, presente dos conterrâneos. O Comandante Bugner acionou os motores e o avião correu pela pista molhada. Recife – Rio, última etapa do vôo da vitória. Foi anunciado que, à altura da cidade de Campos, vários aviões a jato levantariam vôo e seguiriam escoltando o DC-7C da Panair. Pouco depois eles eram vistos nos dois lados do Bandeirante, bem junto ao aparelho. O Rio apareceu lá embaixo. Didi olhou pela janela e não pôde esconder seu assombro: “Puxa, o Galeão está cheio. Parece até um formigueiro!” E quando o PP – PDM tocou com suas rodas no solo, eram precisamente 17:50, hora brasileira.²⁷¹

²⁷¹ Mário de MORAES, Henri BALLOT, Luiz Carlos BARRETO e Armando NOGUEIRA, “A Volta dos Campeões”. *O Cruzeiro*, 12/07/1958, p. 26.

Algumas considerações finais

Quando o PP – PDM “Bandeirante Antônio Raposo Tavares” aterrissou no Rio de Janeiro naquela tarde de 2 de julho de 1958, seus passageiros traziam consigo a consagração plena da relação entre o sentimento nacional e o futebol. Graças a eles, o Brasil descobria-se a si mesmo, segundo Nelson Rodrigues.²⁷² Graças a eles, uma onda de euforia jamais vista varria o país desde o apito final de *Monsieur Guigue* na distante Estocolmo, três dias antes. Graças a eles, realizava-se o sonho despontado em 1938, o sonho que o chute do ponta-direita Alcides Edgardo Ghiggia – como esquecer esse lance, este nome? – transformara de súbito no pesadelo de 1950. Graças a eles, o Brasil finalmente era o primeiro, o melhor, o campeão do mundo. Graças a eles, escreveu Thomaz Mazzoni, “hoje o futebol do Brasil está no justo lugar que merece, que merecia estar há já vinte anos”.²⁷³

Como se depreende das palavras de Mazzoni, a conquista da Taça Jules Rimet significou, aos olhos da época, o ápice natural da linha evolutiva do nosso futebol, o tardio triunfo da lógica sobre o acaso. Pouco importava que o futebol não fosse algo lógico. Para que nada maculasse o brilho da vitória, importava apagar do traçado dessa linha as tensões, contradições e conflitos que marcaram, e continuariam a marcar, a história de seu desenvolvimento no país. Todas elas haviam sido decisivas para dar uma cara ao futebol brasileiro, a cara que agora se mostrava triunfante – e, justamente por isso, agora podiam ser esquecidas. Mais que o passado, importava o futuro: o “país do futebol” que nascera entre as décadas de 1920 e 1940 caminhava para a maturidade, e o Brasil nunca mais seria o mesmo.

²⁷² Nelson RODRIGUES, “É chato ser brasileiro!”, reproduzido em *À Sombra das Chuteiras Imortais*, p. 60.

²⁷³ Thomaz MAZZONI, *O Mundo aos Pés do Brasil*, p. 134.

Fontes

1. Instituições Pesquisadas

Museu da Imagem e do Som, São Paulo (MIS/SP). Setor de Documentação.

Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo. Setor de Multimeios e Coleção Geral.

Biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP), São Paulo.

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/Unicamp), Campinas.

Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo.

Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) –
Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Setor de Documentação Escrita.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

2. Periódicos

A Gazeta Esportiva. São Paulo, 1929; 1931a 1950.

A Gazeta Esportiva Ilustrada. São Paulo, julho de 1950.

Careta. Rio de Janeiro, 1919.

Correio Paulistano. São Paulo, 1919; 1930.

Diário Carioca. Rio de Janeiro, 1930.

Educação Physica. Rio de Janeiro, 1932 a 1945.

Folha da Manhã. São Paulo, 1930; 1934; 1938 a 1942; 1950.

Mundo Esportivo. São Paulo, 1946 a 1950.

O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1950.

O Estado de São Paulo. São Paulo, 1930; 1934; 1938; 1946 a 1950.

O Malho. Rio de Janeiro, 1919.

Revista Brasileira de Educação Física. Rio de Janeiro, 1944 a 1950.

Sports. São Paulo, 1919 a 1920.

3. Depoimentos

	<u>Data</u>	<u>Fita cassete (no. tombo)</u>
<i>André Barbosa</i>	08/09/1983	100.42-A / 100.42-B
<i>Djalma Santos</i>	09/06/1982	100.11-A / 100.11-B
<i>Leônidas da Silva</i>	07/01/1976	45.1-2
<i>Luís M. Matoso (Feitiço)</i>	21/12/1983	100.44-A / 100.44-B
<i>Luiz M. Oliveira (Luizinho)</i>	08/12/1982	100.25 / 100.26
<i>Marcos C. de Mendonça</i>	05/08/1982	100.17-A / 100.17-B
<i>Nestor de Almeida</i>	15/09/1982	100.18 / 100.19
<i>Nicolau Tuma</i>	13/08/1975	29.1
<i>Programa Comemorativo dos 44 Anos da Rádio Record de São Paulo</i>	11/06/1975	31.1-3
<i>Rioldo Pedro Zalli</i>	10/02/1983	100.29
<i>Rui Campos</i>	28/06/1983	100.36-A / 100.36-B

4. Documentos

Arquivo Gustavo Capanema – Série Ministério da Educação e Saúde, 1934-1945. Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Documentação microfilmada, códigos GC 34.07.14/g e GC 36.04.22/g.

Brasil x Uruguai – Decisão da Copa do Mundo de 1950. Gravação da transmissão da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, 16 de julho de 1950 (2 fitas). Locutores: Antonio Cordeiro, Jorge Curi e César de Alencar. Acervo próprio.

Fundo Agência Nacional. Código EH-SDE, Série Noticiário, Subsérie Imprensa. Conteúdo: Boletins da Agência Nacional. Latas 204-213 (boletins, 1950); 494 (discursos, 1940-1955) e 524/A-Y (biografias). Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Prontuários do Departamento Estadual de Ordem Política e Social – DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo.

Records of The Department Of State relating to internal affairs of Brazil, 1930-1939. Decimal File 832. Roll 3: 832.00/1116–832.00B/81. Coleção “National Archives – Washington” (Documentos Diplomáticos sobre o Brasil, microfilmada), Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/Unicamp), Campinas.

Relatório da Administração dos Estádios do Distrito Federal, 1948. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Setor de Documentação Escrita, Códice 37-4-95.

Volume IBOPE – Pesquisas Especiais – 1947. Vol. 2-6, Pesquisa 05: “Pesquisa de opinião pública levada a efeito pelo IBOPE, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1947, no Distrito Federal, com o objetivo estudar a localização do Estádio da cidade”. 09 páginas. Acervo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/Unicamp), Campinas.

Volume IBOPE – Pesquisas Especiais – 1950. Vol. 9, Pesquisa 18: “Pesquisa de circulação de jornais, levada a efeito no Rio de Janeiro durante o mês de julho de 1950, por incumbência do Jornal dos Esportes”. 14 páginas. Acervo IBOPE, Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/Unicamp), Campinas.

5. Livros e Textos de Época, Memórias

ANDRADE, Mário de. *Os Filhos da Candinha*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. (Obras Completas de Mário de Andrade, XV).

BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *O Sapo de Arubinha. Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro*. Organização e seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Nova Edição [1ª ed. 1938]. São Paulo, 1950.

_____. *História do Futebol no Brasil, 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950.

_____. *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*. São Paulo: A Gazeta, 1939.

MURCE, Renato. *Bastidores do Rádio. Fragmentos do Rádio de Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NOGUEIRA, Armando [et alii]. *A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PATUSCA, Araken. *Os Reis do Futebol*. São Paulo, 1976.

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 16ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1994.

RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. Organização e seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *A Pátria em Chuteiras*. Organização e seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VARGAS, Getúlio. *Diário (1930-1942)*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas / São Paulo: Siciliano, 1995. (2 volumes).

6. Referências em suporte eletrônico

A Era Vargas - 1o. Tempo (Dos Anos 20 a 1945). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1997 (CD-ROM).

WEGUELIN, João Marcos. "O Rio de Janeiro Através dos Jornais". <<http://www.alternex.com.br/~solidario/rj.html>>.

Bibliografia

Bibliografia específica

ARAÚJO, José Renato de Campos. “Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do IFCH- Unicamp. Campinas, 1996.

BATALLA, Hugo [et alii]. *Uruguay: ¿Nunca Más Campeón Mundial?* Montevideo: FESUR/Logos, 1991.

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial. Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.

_____. “Paixão e crise no futebol brasileiro”. *Resgate*. Revista de Cultura do Centro de Memória – UNICAMP. Campinas, n. 4, 1992. pp. 26-34.

CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária. Um Brasileiro Chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CLUB de Regatas Vasco da Gama. *Livro Oficial do Centenário*. Rio de Janeiro: BR Comunicação, 1998.

DAMATTA, Roberto. “Futebol: ópio do povo x autoritarismo das elites”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, vol. 1, n. 4, novembro 1982. pp. 54-60.

DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol. Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DUKE, Vic & CROLLEY, Liz. *Football, Nationalism and the State*. Essex and New York: Longman, 1996.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*. Madrid: FCE, 1992.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GOUSSINSKY, Eugenio & ASSUMPÇÃO, João Carlos. *Deuses da Bola. Histórias da Seleção Brasileira de Futebol*. São Paulo: DBA, 1998.

- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol. Estudos Antropológicos sobre os Significados do Futebol Brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses. Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- KUPER, Simon. *Football Against the Enemy*. Londres: Phoenix, 1996.
- LEITE LOPES, José Sergio. "Futebol 'mestiço': história de sucessos e contradições". *Ciência Hoje*, 139, julho 1998.
- L'ÉQUIPE MAGAZINE, "Brésil, L'Amour Foot". Paris, n. 839, Samedi 9 Mai 1998.
- LEVER, Janet. *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MAFUD, Julio. *Sociología del Fútbol*. Buenos Aires: Editorial Américalee, 1967.
- MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de Esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. (Coleção "Tendências", v. 9)
- MASON, Tony. *Passion of the People? Football in South America*. London and New York: Verso, 1995. (Critical studies in Latin American and Iberian Culture).
- MATTOS, Cláudia. *Cem Anos de Paixão. Uma Mitologia Carioca no Futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e Cultura. Coletânea de Estudos*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.
- MILAN, Betty. *Brasil: O País da Bola*. São Paulo: Best Editora, 1989.
- MILLS, John R. *Charles William Miller, 1894 – 1994. Memoriam S.P.A.C.* São Paulo: São Paulo Athletic Club/Price Waterhouse, 1997.
- MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio Corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- MURAD, Mauricio. *Dos Pés à Cabeça. Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- _____. "Considerações possíveis de uma resposta necessária". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 24, 1999. pp. 431-46.

MURRAY, Bill. *The World's Game. A History of Soccer*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1996. (Tradução brasileira: *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra, 2000).

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. “Resistência e Rendição: A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910–1916”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1992.

PENA, Leonam. *Dicionário Popular de Futebol*. São Paulo: Sapiientiae, 1956.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma Derrota. 16 de Julho de 1950: Uruguai 2 x Brasil 1*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Histórias do Brasil).

PRADO, Flávio. *O Arquivo Secreto das Copas – 1930/54*. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981

RAMONET, Ignacio [et al.]. *Football et Passions Politiques*. Paris: Le Monde Diplomatique, mai-juin 1998.

RAMOS, Ricardo (org.). *A Palavra é Futebol*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1993.

REVISTA USP – *Dossiê Futebol*. São Paulo: n. 22, junho-agosto 1994.

ROSENFELD, Anatol. “O futebol no Brasil”. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 1993. (*Debates*, v. 258).

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Tudo é História, 20).

SCHEMES, Claudia. “Festas Cívicas e Esportivas no Populismo: Um Estudo Comparativo dos Governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH–USP. São Paulo, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. “A ‘religião leiga’ da era industrial”. *Mundo. Geografia e Política Internacional*. São Paulo: Pangea, ano 2, n. 3, maio de 1994. p. 5.

SHAW, Duncan. *Fútbol y Franquismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

SOARES, Antônio Jorge G. *Futebol, Malandragem e Identidade*. Vitória: SPDC/UFES, 1994.

_____. "Mário Filho: a 'inesgotável fonte' da repetida história do futebol brasileiro e seus crentes bebedores". Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió, 24 a 28 de novembro de 1997. <<http://www.unicamp.br/fef/eventos/eoentos.htm>>.

SOUZA, Marcos Alves de. "A 'Nação em Chuteiras': Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro". Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília, 1996.

SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em Dois Tempos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Prefeitura, 1996. (Arenas do Rio, 2).

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas/São Paulo: Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996. (Coleção Educação Física e Esportes).

VINNAI, Gerhard. *El Fútbol como Ideología*. Buenos Aires/México/Madrid: Siglo XXI, 1974.

WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.

_____. *O Que é Futebol*. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Primeiros passos, 237).

WOLF, José. "Cinema e futebol: uma história em dois campos". *Cinema Brasileiro: 8 Estudos*. Rio de Janeiro: MEC/Embrafilme/Funarte, 1980. pp. 195-232.

Bibliografia geral

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDREWS, George Reid. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil (1888-1988)*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz. Casa-grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- BROCA, Brito. "Lima Barreto e o esporte". *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas. Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. pp. 364-8.
- CABRAL, Sérgio. *No Tempo de Ari Barroso*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, s/d.
- CALDAS, Waldenyr. *Luz Neon: Canção e Cultura na Cidade*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1995.
- CANDIDO, Antonio. "A revolução de 1930 e a cultura". *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v. 2, n. 4, abril 1984. pp. 27-36.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas. O Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade/Arquivo do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1997.
- _____. "El universo simbólico de la 'Epoca Vargas': fascinación y seducción de una dictadura". In: SANCHEZ, Jorge Nuñez (editor general). *Historia Política*. Quito: Editora Nacional, s/d.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que Não Foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. "Cultura do povo e autoritarismo das elites". *A Cultura do Povo*. São Paulo: Cortez, 1979. pp. 119-134.
- COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro. Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998

COUTINHO, Edilberto. "Gilberto Freyre e o futebol: a sociologia na marca do pênalti". In: QUINTAS, Fátima (org.). *O Cotidiano em Gilberto Freyre*. Recife: Massangana, 1992. pp. 21-34.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1990.

_____. "Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira". *Relativizando. Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

EKSTEINS, Modris. *Rites of Spring. The Great War and the Birth of the Modern Age*. New York: Anchor Books, 1990.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: O Capitalismo em Construção (1906-1954)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. *Sociologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.

GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores. A Política Cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Era dos Extremos. O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, E. J. & RANGER, Terence (eds.) *The Invention of Tradition*. Cambridge: The Cambridge University Press, 1983.

LAUERHASS Jr., Ludwig. *Getúlio Vargas e o Triunfo do Nacionalismo Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1986.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma Ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp/Papirus, 1989.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas Paulistas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

MOTTA, Marly Silva da. *A Nação Faz 100 anos. A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1992.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, s/d (1ª ed. 1985).

RAMOS, Fernão (org.). *História do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e Outras Cidades*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHWARTZMAN, Simon [et al.]. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Edusp, 1984.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, Sociedade e Cultura nos Fermentes Anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil. República: Da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil, 3).

SOARES, Edileuza. *A Bola no Ar. O Rádio Esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994. (Novas buscas em comunicação, 45).

TOTA, Antonio Pedro. *A Locomotiva no Ar. Rádio e Modernidade em São Paulo, 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Jorge Zahar Editor, 1995.

Obras e Outras Publicações de Referência

ASSAF, Roberto & MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca: 96 Anos de História (1902-1997)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. 3ª ed. São Paulo: Makron Books, 1994.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp/FDE, 1996.

FAUSTO, Boris (org.). "O Brasil Republicano". *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1985–1986. Vols. 9, 10, 11.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Cem Anos de Futebol*. Caderno especial. São Paulo, 16 de janeiro de 1994.

_____. *A História das Copas*. São Paulo, 15 de maio de 1994.

KLEIN, Marco Aurelio & AUDININO, Sergio Alfredo. *O Almanaque do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Escala, 1996.

PLACAR. *100 Anos de Futebol no Brasil. De Charles Miller ao Tetra Mundial*. São Paulo: Editora Abril, n. 1097, outubro de 1994.

_____. *80 Anos de Seleção Brasileira*. São Paulo: Editora Abril, n. 1094, maio de 1997.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção. As Seleções Brasileiras de Futebol, 1914-1994*. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1995.

STORTI, Valmir & FONTENELLE, André. *A História do Campeonato Paulista: 1902-1996*. São Paulo: Publifolha, 1997.